

Biblioteca Gnóstica

O VÔO DA SERPENTE EMPLUMADA

Armando Cosani

<http://www.gnosisonline.org>

O VÔO DA SERPENTE EMPLUMADA

Armando Cosani

(A Verdadeira História de Judas Iscariotes, por Ele Mesmo)

Introdução

Soou a palavra de Deus, ali de onde não havia céu nem terra. E se desprende de sua Pedra e caiu ao segundo tempo e declarou sua divindade. E estremeceu toda a imensidão do eterno. E sua palavra foi uma medida de graça, um desaguar de graça e quebrou e honrou as encostas das montanhas. Quem nasceu quando baixou? Grande Pai, Tu o sabes. Nasceu seu primeiro Princípio, e revestiu as encostas das montanhas. Quem nasceram ali? Quem? Pai, tu o sabes. Nasceu o que é eterno no Céu. (livro dos Espíritos, Código de Chilam Balam de Chuyamel.)

E nada subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem que está no céu. E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não se perca, senão que tenha vida eterna. (João III, 14-16)

Em todo o momento dado todo o futuro do mundo está predestinado e existe, porém está predestinado condicionalmente; quer dizer, será este o aquele futuro segundo a direção dos fatos em um momento dado, a menos que entre em jogo um novo fato e um novo fato pode entrar em jogo só desde o terreno da consciência e da vontade que dela resulte. É necessário compreender isto e dominá-lo. (P. D. Ouspensky, Tertium Organum)

PRIMEIRO LIVRO

1

Nunca pude entender a este homem estranho e de mesurada palavra e que parecia deleitar-se ao confundir-me com suas cáusticas e paradoxais observações sobre todas as coisas. Causava a impressão de ser um taciturno; mas, aos poucos, nenhuma pessoa podia deixar de advertir o fato mais extraordinário que tenha conhecido em minha agitada vida: ele era um sorriso, o era dos pés a cabeça. Não sorria, não precisava sorrir; tudo nele era esse sorriso. Esta impressão me chegava de uma maneira muito curiosa e difícil de explicar. Direi unicamente que o sorriso parecia uma propriedade natural de seu corpo e que emanava até de seu modo de andar. Nunca o ouvi rir, mas possuía o dom de comunicar sua alegria ou seriedade, conforme fosse o caso. Nunca o vi deprimido ou alterado, nem mesmo durante aqueles turbulentos dias, no final da Segunda Guerra em que, por consequência de uma revolução política, eu fui parar em um cárcere e ele não fez absolutamente nada para obter a minha liberdade. Mesmo neste incidente demonstrou ser um homem fora do comum. E até parecia empenhado que eu continuasse preso, e certa vez quando eu lhe recriminei sobre esta atitude, me disse:

- Estás muito melhor aqui do que lá fora. Pelo menos aqui estás bem acompanhado e até é possível que despertes.

- Mas se aqui nem se pode dormir - lhe disse.

- Isso é o que tu pensas porque ainda não sabes qual das maneiras de dormir é mais perigosa e daninha ao longo do tempo. Há quem vela contigo ainda quando dormes, e estás bem acompanhado.

No pavilhão em que eu me encontrava preso havia muitos homens aos quais eu respeitava seus valores intelectuais e cujas conversações eram muito interessantes. Com alguns jogava intermináveis partidas de xadrez, mas nossas conversas seguiam sempre o rumo dos acontecimentos políticos que haviam culminado com nossa prisão. Assim numa tarde meu amigo me visitou carregado de presentes de Natal.

- Segues dormindo, foi toda a sua resposta.

Esse dia conversamos durante um bom tempo, e me ocorreu perguntar-lhe:

- Como é que tu vens visitar-me sempre e não tens desaparecido como os demais que fugiram quando se inteiraram de minha condição?

- Sou mais que um amigo, eu sou a amizade que nos une.

Não pude evitar um sorriso com o qual quis dizer-lhe que não era o momento adequado lançar-me seus paradoxos, e insisti:

- Mas como é que mesmo sabendo que você é meu amigo a polícia não o tem detido?

Sua resposta foi tão incompreensível como todo o demais:

- A amizade nos protege. E protege a ti também, ainda que de outra forma.

E depois de um instante de silêncio, acrescentou:

- Não me compreendes porque, todavia dependes deles, assim como eles dependem de ti. Nem tu nem eles dependem, todavia de si mesmos, mas todos vocês estão convencidos do contrário. Se puderem compreender somente isto, compreenderão todo o demais a seu devido tempo.

Isto incitou a minha revolta e contestei violentamente; disse-lhe que suas palavras eram muito interessantes como filosofia em noites de fastio, mas nas circunstâncias em que eu me encontrava convertiam-se em uma insuportável tolice.

- Além disso, acrescentei muito exaltado e empregando termos impossíveis de publicar, como vou depender destes, que para a única coisa que servem é para lambar as botas desse ditadorzinho de araque? Ou porventura dependo daqueles cretinos que se apóiam na força e cacarejam sua popularidade quando tem a oposição amordaçada? Também dependo daqueles que perseguem a inteligência e falam de progresso? Não me chamaria a atenção se assim me dissesses agora.

Ele me olhou com seu invariável e paciente sorriso, me escutou até que eu tivesse terminado e oferecendo-me cigarros e fogo, contestou:

- Tu o tens dito. Também dependes dele e de muitas outras coisas mais.

Estes - fez um gesto apontando aos guardas armados que estavam do outro lado das grades - o apóiam com suas armas porque não sabem fazer outra coisa a não ser obedecer a quem saiba mandá-los. Sem armas, sem uniformes e sem chefes não seriam nada. Crêem-se amos de suas armas, mas na verdade são escravos delas. Mas tu e os que estão aqui presos contigo são piores. Estes vestem uniformes porque tem medo de andar sozinhos na vida, porque não podem fazer mais nada produtivo para o mundo; também levam um uniforme na cabeça. Mas vocês são piores; vocês dizem que são homens de intelecto e na realidade

são uns tolos enamorados de suas tolices. Vocês apóiam esta ditadura e quanta ditadura há; as apóiam muito melhor e mais eficientemente que os outros; seu apoio ocorre de muitas maneiras, mas principalmente por meio da estúpida soberba que os faz viver de costas para a verdade. E não só a apóiam, a fortalecem. Sim, vocês são piores que honradamente são ignorantes. E, sem dúvida, nenhum de vocês tem verdadeiramente a culpa.

Disse-me isto tão calma e seriamente que fiquei mudo. Passou um bom tempo antes que lhe perguntasse:

- O que é que ignoramos?

- Um fato muito simples que na realidade é uma verdade física, mas que todos vocês crêem que se trata de unicamente de um preceito ético impossível de levar à prática. Certamente o leu ou ouviu alguma vez: “Não resisti ao mal”.

- Todos estes preceitos foram dados ao mundo por verdadeiros sábios. Só um punhado de seres na história da humanidade pôde descobrir que são verdades realmente científicas. A ciência ordinária, de certo, negará isto porque crê que a ética é algo separado daquilo que se chama matéria, sem advertir que é justamente o que condiciona e vivifica a matéria e até cria suas formas. Há muito tempo houve um verdadeiro sábio entre os homens da ciência e se chamou Mesmer. A ciência o perseguiu e os seus trabalhos foram ignorados. É o destino de todo aquele que descobre a verdade. Hoje em dia o mesmerismo passa por uma forma de charlatanismo, e o curioso é que são justamente os charlatões da ciência quem mais falam contra o charlatanismo de Mesmer.

Aqueles que estudaram Mesmer para fazer curas magnéticas se aproximaram da verdade que ele deixou oculta em seus aforismos. Mas somente alguns, muito poucos, perceberam que o que é o “sim” também pode ser “não”, e que o “sim” é uma verdade relativa ao “não”, como o “bem” é relativo ao “mal”. Mas terá a oportunidade de inteirarte disto porque no final fizeste uma pergunta que vale a pena.

Devo confessar que as palavras deste amigo sempre me pareceram coisas de louco. Aquela tarde se foi mais contente e alegre do que de costume, prometendo-me uma nova visita dentro de dois dias, coisa que, conforme os regulamentos da lei penal, era sumamente impossível. Quando o vi me disse:

- Tu sabes andar de bicicleta, não sabes?

- Naturalmente, lhe disse.

- Bem; quem sabe andar em sua própria bicicleta pode andar em qualquer outra.

O que tinha a ver a bicicleta com a sua visita? Muitas vezes me fiz esta e outras perguntas surgidas de suas palavras. Ainda sigo fazendo-a sem encontrar uma resposta adequada. Devo também confessar que a razão me indicava que este homem era louco, mas eu sentia um carinho singular por ele.

Quero representá-lo assim, atuando em uma circunstância importante de minha vida, naquele acontecimento que marcou o final de uma carreira na qual eu havia empregado todas as minhas forças e todo o meu entusiasmo. Foi realmente um rude golpe o que sofri ao perder aquela situação conquistada após longos anos de trabalho; mas quando disse todas essas coisas a meu amigo, ele se limitou a contestar:

- É o melhor que te podia haver ocorrido. Agora só de ti depende que teu despertar não te cause maiores sofrimentos.

E continuando disse-me muitas coisas que nesse momento tomei como palavras com as quais ele queria consolar-me, ao insistir que eu possuía certas qualidades pessoais que indicavam a promessa de um despertar.

É certo que este relato não tem como finalidade fazer minha autobiografia, nem detalhar os pormenores de minha agitada existência antes e depois deste acontecimento. E se devo anotar alguns fatos pessoais é porque necessito proporcionar alguns antecedentes que expliquem a meu amigo, e que também sirvam para substanciar os escritos que pedi para que eu publicasse nesta data “com a finalidade de aumentar o número dos nossos”.

Recordo que cada vez que lhe perguntei o que significava isso de “os nossos” e quem eram, me respondia:

- Uma classe muito especial de abelhas que surge só de vez em quando e com grandes esforços.

Tal foi a vontade de meu amigo, e eu cumpro com ela não somente por haver empenhado minha palavra, senão porque vejo em tudo isto algo que porventura tem um valor que eu não compreendo. Mas é possível que algum dos leitores saiba do que se trata e possa explicar a este homem.

Também é necessário que eu faça uma confissão: não sei como ele se chama, jamais me deu seu verdadeiro nome, e salvo uma vez, a mim jamais me ocorreu fazer-lhe essas perguntas de rigor que exigem nome e apelido, idade, nacionalidade, profissão, etc.

Quiçá algum de vocês o conheça ou tenha notícias dele. Digo isto porque naquela oportunidade na qual quis abordar este aspecto de seu ser, deixei que vislumbasse meu interesse por sua origem e demais coisas que ele nunca explicava espontaneamente como o faz todo o homem a fim de inspirar confiança aos demais. Meu amigo era muito diferente de todas as pessoas que conheci em minha vida, e parecia não lhe importar a impressão que causava. De modo que quando surgiu a questão de interesse em sua identidade, disse estas enigmáticas palavras:

- Quem verdadeiramente quiser pode conhecer-me. Só falta o querer para começar. Estou em todas as partes e em nenhuma. A quem me chama, vou. Mas isto é só uma maneira de dizê-lo, porque na realidade é outra. Poucos sabem me chamar: e quando acudo a estes, se espantam, perdem a cabeça e começam a molestar-me com muitas perguntas: Quem és? Qual o teu nome? Do que vives? Em que trabalhas? E assim por diante. Nunca respondo a estas impertinências porque se o homem não sabe o que quer, é melhor que não saiba nada sobre mim. Ocorre também que aqueles que me buscam sem dar-se conta, decidem não me prestar nenhuma atenção, ou a atribuem toda a eles mesmos. Há também aqueles que me consideram “mau”. Mas é natural que isto ocorra nesta época de franca degeneração da inteligência humana. Dissipo o sonho dos homens e não lhes deixo uma só ilusão de pé. Poucos são os que se decidem a manter contato comigo, mas estes poucos são os verdadeiramente afortunados, pois tem a possibilidade de conhecer o valor real da vida. Claro está que este conhecimento tem suas responsabilidades; mas te inteirarás disso a seu devido tempo.

Recordo que nesta oportunidade lhe disse:

- Então me alegro muito de não te haver importunado. Rogo-te que desculpes minha curiosidade. Não quero perder o contato contigo por nada deste mundo.

Ante estas palavras, ele sorriu e acrescentou:

- Há um meio simples de manter contato comigo: recordando. A recordação é o contato com a memória. Na memória está o conhecimento sobre o que é a verdade. Unir-se de coração a verdade é o transcendental. Desfruta de minha amizade enquanto estou contigo. Deves procurar entender as coisas que te digo e compreender-me. Todo o esforço que faças neste sentido será positivo, mesmo quando te pareça que toda tua vida se desmorona. Tu és um destes que me tem chamado sem dar-se conta que me buscava. Não

me tens molestado com perguntas nem com pedidos néscios. Mas devo advertir-te que se tens algumas qualidades que me conservam a teu lado, estas mesmas qualidades podem afastar-me de ti se é que não despertas. Ao menos, se agora despertasses, e somente de ti depende que o faças, não sofrerás o que seguramente haverás de sofrer quando devas permanecer só e em silêncio, como no deserto. E só posso acompanhar-te por um tempo. Se não aprendes a acumular aquilo que te dou, somente tu terás a culpa disto.

Naquela época me incomodava o tom protetor com que me falava nestes casos. Sua seriedade me parecia absurda e fora de lugar. Muitos amigos e alguns de meus companheiros de trabalho sentiam uma certa antipatia por ele. Perguntavam-me o que era o que eu via neste amigo e o qualificavam como um “tipo raro”; alguns diziam que ele não tinha sentimentos, que nada lhe comovia. Mas eu sei que era um homem cheio de amor. Quando comentei a opinião de meus amigos, me disse:

- Não se incomode com essas opiniões. Esses são a escória do mundo, o verdadeiro mal da sociedade humana. Sempre encontrarás em seus bolsos as trinta moedas de prata. Nada tenho com eles, e nada quero ter; estão submetidos a outras forças as quais poderiam livrar-se se realmente quisessem, mas estão enamorados de si mesmos e confundem o sentimento com suas debilidades pessoais.

Mas será melhor e mais prático que eu faça um relato cronológico dos fatos.

2

Ingressei ao jornalismo porque em uma das tantas guerras deste século fiquei com uma perna tão machucada que não pude mais retomar minha profissão na marinha mercante. O fato de saber alguns idiomas e de poder traduzir a linguagem cabográfica e de ter uma boa redação, foram os fatores que me ajudaram nesta profissão. Eu era ambicioso, e quis fazer carreira porque sentia que a minha saúde obrava contra mim e que os anos passavam cada vez mais rápido. Renunciei as aventuras e aos prazeres que produziam a vide de viajar sem um rumo fixo, como quando embarcava de tripulante em qualquer barco, em qualquer porto, e também renunciei a poesia e a muitas outras coisas que até então haviam alegrado a minha existência. Era desagradável caminhar apoiado em uma bengala, e era ainda mais desagradável ter as vezes que recorrer as muletas. Não tinha dinheiro necessário para que um especialista me tratasse a perna como era devido, e de minha pátria havia fugido espantado ante ao descaso dos hospitais militares. Eu tinha razões muito fortes para isto. Vi muitas coisas e por isso não quis arriscar.

O salário que ganhava era o mínimo. Trabalhava com muito entusiasmo e com o desejo de prosperar. Não queria somente fazer uma carreira e criar um nome no jornalismo, eu me dava conta que um dia eu dependia da bengala e outro das muletas - segundo fosse a densidade humana nos bondes nos quais utilizava para ir e vir de meu trabalho - minhas possibilidades na vida estavam limitadas a ser um tradutor e nada mais. Meu primeiro objetivo foi ganhar dinheiro. E como trazia por herança e por educação certas idéias religiosas, deduzi que o melhor era pedir ajuda aos céus. Pensei em fazer meus pedidos a alguns dos santos a quem se atribuem milagres, mas meu trabalho conspirou contra esta decisão. As notícias informavam acerca da situação mundial em vésperas da Segunda Guerra e sobre aquela lamentável comédia de fantoches em Genebra. Obtraram poderosamente sobre meu ânimo e terminaram por minar minha crença nos Santos. Não podia explicar-me como era possível que com tanta oração, com tanta solícita rogativa aos

santos, o mundo seguisse embarcado em uma orgia de sangue que eu havia experimentado na minha própria carne e sobre a qual minha bengala e minhas muletas falavam eloqüentemente, sem a necessidade de que sua verdade fosse corroborada pelas dores agudas que eu sofria. Em meio a tudo isto, me consolava pensando que ainda conservava minha perna e tinha uma possibilidade de salva-la. Outros não tiveram a mesma sorte que eu, haviam perdido ou pernas ou braços com feridas de menor importância que as minhas.

Tudo isto, aparte de outras coisas demasiado íntimas, determinaram o meu ânimo e que deixasse de lado a idéia de pedir ajuda monetária a São Judas Tadeu, ou a São Pancrácio, ou a qualquer um dos outros santos que, em teoria e conforme a propaganda religiosa, fazem milagres. Decidi apresentar minhas suplicas direta e pessoalmente a Nosso Senhor Jesus Cristo. Sempre havia sentido que o “Senhor meu Jesus Cristo”, bem como “A Salve”, me comoviam poderosamente. E assim comecei a recorrer a vários templos em busca de um ambiente adequado até que encontrei um no qual havia um belíssimo quadro do Coração de Jesus que dominava o altar e a nave central.

Mas a esta altura se faz necessário que eu confesse que havia deixado de comparecer às missas de Domingo e festas santas porque nestes dias preferia deitar-me na cama, na modesta casa de pensão onde eu tinha um quarto, a fim de dar um bom descanso a minha perna. No entanto, sentia muito peso na consciência. Considerava que os santos mandamentos me estavam vedados para sempre. Isto tinha sua origem na guerra. Tive um atrito violento com o capelão de minha unidade quando, desesperado, lhe disse que eu pensava que Deus era uma porcaria e que não conseguia explicar-me como era possível que por meio de seus ministros sancionasse semelhante matança de jovens. Este incidente ocorreu em uma missa em vésperas de que varias centenas de jovens de 16 a 18 anos, recebessem seu batismo de fogo. O capelão havia-me oferecido a comunhão dizendo (“por si acaso mueres”). Isto me produziu tal repugnância que lancei sobre ele toda a cólera acumulada em mim durante um ano que vivi numa cabine que fervia de piolhos, sem água e passando fome. Sou um homem violento, e naqueles dias apertava o gatilho com facilidade como se a função mais natural da vida fosse tira-la do próximo. Não recorro com exatidão o que disse neste dia, mas, no geral, foi que eu compreendia que os homens que nada sabem de religião se convertessem em bestas, mas que era totalmente incompreensível que os religiosos sancionassem e ainda abençoassem a quem se entregasse a semelhante barbaridade.

Nunca esqueci esta cena. Saí do combate sem nenhum arranhão, mas profundamente comovido de haver visto morrer, quase indefesos, a tantos rapazes. O capelão, que havia ajudado a socorrer feridos de baixo do fogo inimigo, sentou-se a meu lado sobre um tronco de árvore, pôs um braço sobre meus ombros quando rompi a chorar e me disse que compreendia meu estado de ânimo. Por um instante acreditei que estava chorando por arrependimento, mas logo me dei conta que era a tensão nervosa resultante do combate o que me fez fraquejar. Sem dúvida, em minha consciência perdurou o sentimento de haver cometido um sacrilégio ao dizer o que havia dito de Deus.

Portanto me considerava indigno de receber os santos sacramentos. E, para dizê-lo com honra, também temia a penitência que resultaria de confessar semelhante fato.

Por este motivo, e talvez porque queria expiar, a meu modo, meu pecado, sempre que não fosse muito incomodo faze-lo, ia a esse templo somente nas tardes quando estava mais ou menos vazio.

Em função da guerra havia perdido, naturalmente, toda a fé nos milagres. Por outro lado, as notícias internacionais, que devia traduzir diariamente, me indicavam que os

milagres correspondiam há tempos demasiadamente remotos para toma-los em conta. É verdade que de vez em quando chegava algum parágrafo anunciando alguma cura milagrosa em Lourdes. Mas o milagre que eu esperava estava muito longe de ocorrer, pois esperava o milagre da paz. O que havia ocorrido comigo em minha terra estava ocorrendo também com etíopes e italianos na África. Pouco depois, com princípios supostamente nobres e com participação da religião e dos religiosos, começou a ocorrer na Espanha. Por esta época eu sabia intimamente que para mim não haveria milagre algum a menos que eu fizesse a minha parte, por minha conta e risco próprio, o que necessitava fazer.

Eu não podia ocultar em meu íntimo aquela profunda fé em Jesus Cristo. E ainda quando havia blasfemado dizendo que considerava Deus uma porcaria, a razão me indicava que se eu tomasse ao pé da letra o princípio de que Ele está no céu, na terra e em todo lugar, nada poderia fazendo-lhe ver ou explicando-lhe aquela crise sofrida na guerra. Pensava que com o tempo também seria possível persuadir-lhe que me ajudasse a ganhar dinheiro suficiente para tratar-me a perna e poder trabalhar normalmente. De modo que ao chegar na igreja rezava muito rapidamente um Pai Nosso, um Senhor Meu Jesus e uma Salve. Em seguida dirigia-me àquela bela imagem do Coração de Jesus, dizendo-lhe:

- Senhor meu Jesus Cristo, não é muito que te peço. Sei que não me podes dar a loteria, e ainda que fosse possível faze-lo, não me interessa tanto dinheiro. Tão pouco vou pedir-te que me ajudes a encontrar uma mulher rica. No momento não quero casar-me. Ademais, que mulher irá querer casar-se comigo quando souber que só a quero para que pague a cirurgia de minha perna? Somente uma mulher muito feia o faria, e eu não quero casar-me com uma mulher feia; tão pouco quero casar-me com uma muito linda porque, se além de ser linda é rica, seguramente será burra. Sabes o que dizia meu avô? Dizia: ‘ dê a morte a um sábio, mas não a vida a um burro’. Bem sabes que o levo em meu sangue. Por isso, Senhor meu Jesus Cristo, a única coisa que peço é algo que todos parecem desprezar como coisa inútil e supérflua: te peço inteligência. Somente ajuda-me a ter mais inteligência, e eu me arranjarei a partir daí e não te incomodarei mais.

Uma de minhas qualidades é a persistência quando algo me interessa realmente. O que queria naquele momento era abrir caminho e chegar a ser um correspondente internacional. Para isto, na pensão e de noite, ensaiava os despachos mais sensacionais que podia imaginar baseado naquilo que estava aprendendo em meu trabalho. Criava uma série de acontecimentos políticos dos quais era uma testemunha privilegiada. Bem sabia que estes eram sonhos loucos; mas gostava de sonhar-los. Pouco a pouco, tomando como base a experiência que o trabalho me dava, comecei a escrever artigos sobre a situação internacional. Satisfazia-me fazendo prognósticos sobre o que ocorria como consequência de um fato ocorrido. Estes prognósticos baseavam-se em certos fenômenos advertia que se repetiam uma ou outra vez, virtualmente em todos os grandes acontecimentos. Pareciam obedecer a um princípio, este princípio governava os atos dos grandes homens. Isto me fez relembrar o estudo da história que tanto me atraía especialmente na escola. Comecei a entendê-la de outro ponto de vista, compreendendo que aquela repetição se produzia automaticamente desde os tempos mais remotos. Tudo se fundamentava em entender os motivos; os motivos eram sempre os mesmos e estes animavam tudo. Quando meus prognósticos começaram a cumprir-se com mais ou menos precisão, decidi intensificar meus pedidos a Jesus Cristo. Comecei a fazê-los com mais seriedade e competência. Anotava meus prognósticos em uma caderneta e ao final de alguns meses comecei a despachar meu trabalho mais eficientemente e com maior rapidez, o que me produziu um ligeiro aumento no salário. Também ganhava alguns pesos extras criando despachos com

algum pseudônimo, qualificando-o como de um grande correspondente internacional, e fechando-os em qualquer capital européia. Os jornais que compravam este material tinham fraquezas por nomes anglo-saxões.

Senti-me obrigado a expressar minha gratidão de alguma forma e decidi freqüentar o templo mais vezes, permanecer mais tempo nele. Começava minhas suplicas muito meticulosamente:

- Senhor meu Jesus Cristo: muito obrigado por haver-me ouvido. Cada vez vejo mais claramente. Já me aumentaram o salário, mas a cirurgia custa muito mais, de modo que te rogo que me dê mais inteligência e assim não seguirei importunando-te desta maneira.

Também lhe detalhava meus problemas pessoais, e lhe pedia conselho dizendo:

- Ilumina-me para poder entender mais claramente.

Estas visitas ao templo se converteram num hábito benéfico e muito econômico, pois meus amigos jogavam dados nos bares, ou iam distrair-se no cinema, eu dedicava-me a rezar. E o dinheiro que eu economizava com isso se convertia em uma crescente soma que ia depositando em uma caderneta de poupança.

Esperava com impaciência o dia que me fosse possível deixar a coxeadura, a bengala e a muleta, e lançar-me a grande aventura de deixar as traduções para empenhar-me na carreira de cronista de assuntos sensacionais.

3

Por estas razões conheci meu amigo.

Como eu, este homem de aspecto aparentemente concentrado, ocupava sempre o mesmo lugar no templo. Rezava com grande devoção. Eu me sentia atraído pela maneira tão singular com que ele orava. Não movia os lábios, seu rosto não demonstrava nenhuma expressão grave, ele era todo sereno. Orava com os braços abertos em forma de cruz e não tirava os olhos da imagem de Jesus Cristo. Aos poucos, por observar-lhe, eu me distraía de minhas próprias orações. Pensava que seria muito bom ter esse poder de concentração e poder dirigir-me como é devido a Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas mesmo percebendo tais desejos em mim, a idéia de imitar-lhe me desagradava. Meu avô sempre me havia dito que se reza com o que há no coração e não com a cabeça. Eu nunca havia me preocupado em aprofundar-me nestas coisas, e por motivos que eu trazia junto comigo devido a minha educação, recusava-me terminantemente recitar as orações clássicas salvo aquelas que me comoviam. Na escola havia recebido muitas e muitas dolorosas surras devido a minha impertinência sobre o sentido real e pratico das orações. Mas não houve surra forte o suficiente para vencer minha teimosia, e meus professores haviam conseguido, com elas, converter-me em um rebelde contumaz.

Este homem parecia medir com exatidão a duração de suas orações. Sempre chegava antes de mim. Nunca o vi entrar depois de mim. Mas terminava um ou dois minutos antes que eu terminasse a minha oração. Persignava-se de um modo muito solene, mas sem a menor pretensão. Percebi que ele detinha a mão nos pontos estabelecidos mais tempo do que os próprios sacerdotes. Uma tarde ocorreu-me que porventura se benzer dessa maneira tivesse um sentido muito especial. Este homem tão pouco molhava os dedos na pia de água benta. Ia embora muito silenciosamente. Após alguns dias, percebendo que eu o observava, começou a saudar-me com uma ligeira inclinação de cabeça. Foi quando notei que havia em sua aparência algo fora de comum. Sua expressão ao saudar-me era muito bondosa. Mas

também indicava uma grande força. E quando eu retirava-me do templo para voltar a meu trabalho, via-o nos degraus acendendo ou fumando um cigarro.

Numa tarde em que as notícias eram mais abundantes e críticas do que de costume, saí junto com ele pois tinha pressa em chegar logo a meu trabalho. Ao chegar a porta nos chocamos. Minha perna era um obstáculo, e com o propósito de deixa-lo passar primeiro, fiz um movimento muito brusco e deixei cair minha bengala no chão. Em vez de sair, ele abaixou-se imediatamente e me entregou-a dizendo:

- Peço que me desculpe. Foi um erro de minha parte.

Fiquei assombrado, pois não cabia a menor dúvida de que o erro havia sido meu. Em meu afã de querer ganhar a dianteira foi que me dei conta de que a bengala poderia ocasionar uma rasteira e eu a havia deixado cair.

Eu já estava bastante acostumado com o fato das pessoas encresparem com a minha torpeza, especialmente nos bondes. Em uma certa ocasião, na mesma igreja, uma senhora muito devota me havia encrespado ao tropeçar em minha bengala que eu inadvertidamente, havia deixado a meu lado. E ao pedir-lhe desculpas por minha negligencia, ela me havia dito:

- Por isso Deus o tem castigado desta forma. Seu desastrado!

Não duvidei nem por um instante de que esta senhora estivesse certa, já que eu havia pecado tão gravemente contra Deus na guerra, de modo que supus que suas palavras eram uma advertência para que fosse mais cuidadoso com minha bengala a qual havia molestado tão devota senhora. Também pensei que tal advertência fosse um aviso para que jamais fosse ao templo com minhas muletas. A senhora havia se apressado a chegar ao confessionário onde havia uma longa fila de senhoras esperando a vez. Quando olhei aquela a quem tanto havia prejudicado, dei-me conta que caía sobre mim a culpa de ter feito com que ela perdesse pelo menos dois lugares na fila, devido ao tempo que ela dedicou-se a me fazer recordar de meus pecados e blasfêmias. Estava dando voltas em seu rosário com as mãos agitadas e nervosas, e deduzi que esta senhora necessitava confessar-se urgentemente.

Relato este incidente porque já havia enquistado em mim certa resignação para receber as imprecações das pessoas as quais minha bengala e minha perna tanto molestavam. De maneira que quando este homem estranho me pediu desculpas por algo que o único culpado era eu, não atinei a contestar nada. Estava tão surpreendido diante de tal novidade. Recordo ter dito algo, mas não sei se consigo encontrar palavras. Ele abriu a porta estreita muito cuidadosamente, se colocou de lado e me disse:

- Passe você primeiro, por favor. Certamente está com pressa.

Eu unicamente atinei a inclinar a cabeça em sinal de gratidão. Só quando estava do lado de fora pude recuperar-me parcialmente do susto, e lhe disse:

- Bem sabe você que a culpa foi minha. Você é muito gentil. Muito obrigado.

É preciso que eu destaque algo muito singular que senti nesse momento. A diferença que ele havia demonstrado me produziu uma irritação muito curiosa. Esperei que respondesse com o já esperado: “De nada”. Aguardei com verdadeiro desejo que o dissesse posto que me faria desiludido. Que razão havia para que eu sentisse este desejo tão estranho? Ainda não posso explica-lo.

Mas ele não disse, e então ocorreu outro fato insólito. Senti uma viva alegria ante sua leve e silenciosa inclinação de cabeça. E comentei comigo mesmo:

- Menos mal, pelo menos este não é um bajulador.

Após isto se afastou de mim. Eu comecei a descer as escadas do templo com aquela torpeza típica dos coxos que só podem descer um degrau de cada vez. E nesse dia a descida foi espantosamente lenta para mim. Senti nas minhas costas a sensação de que ele estava observando-me e que se compadecia. No geral, a compaixão que alguns expressavam ante minha coxeadura tinha um sabor de hipocrisia e me irritava muitíssimo. A qualificava de falsa piedade, de uma forma banal como qualquer outra.

Mais uma vez tive que mudar a minha forma de pensar sobre este homem. Meu juízo havia sido muito impulsivo. Quando peguei meu caminho, olhei para trás e o vi afastar-se em direção contrária a minha, como se não houvesse ocorrido nada.

Só voltei a recordar deste incidente no outro dia quando cheguei ao templo. Devido a algumas reformas que estavam fazendo no interior, os bancos que ele e eu usávamos não estavam na posição de costume. Este homem havia ocupado o extremo do único banco do qual se podia olhar diretamente o altar. E esse extremo estava apegado a um grosso pilar. Acomodei-me no mesmo banco, mas um pouco afastado dele e tive a precaução de colocar minha bengala atrás de mim, no assento. Quando ele terminou suas orações, se sentou; só me dei conta deste fato quando terminei de orar e me preparava para retirar-me. O homem havia esperado pacientemente, pois para poder sair deveria interromper-me. Semelhante delicadeza comoveu-me, ainda mais que eu já havia me precatado de seu costume de abandonar o templo enquanto terminava suas orações. Olhei para ele, sorri e lhe disse:

- Muito obrigado, senhor.

Fez novamente um gesto com a cabeça, ficou de pé e esperou que eu acomodasse a postura de minha perna e recolhesse a minha bengala. Tratei de fazê-lo o mais rápido possível a fim de corresponder a sua delicadeza, e em função de um movimento brusco senti uma dor tão aguda que, sem dar-me conta do que fazia, exclamei:

- Merda!

Eu segurava a bengala com a mão direita. Deixei-a cair para apoiar-me no encosto do banco e com a mão esquerda pude tocar a parte dolorida de minha perna. Quando estava inclinado me dei conta do que acabara de dizer, e levantei a cabeça para olhar para este homem, sentindo que tinha o rosto vermelho de vergonha. Mas ele sorria imutável, e com a mesma expressão carinhosa e amável, disse como se fosse a coisa mais natural do mundo:

- Amem.

Tão violento foi o choque que isto me produziu, que não pude conter o riso e foi necessário que tapasse a boca com a mão para não provocar um escândalo. Eu acabara de dizer uma barbaridade ante este homem que, levava muito a sério a função religiosa. No entanto, não só não havia se mostrado violento nem molestado, senão que havia dissipado minha vergonha e minha culpa de um modo tal que eu havia caído nos risos. Porque assim como sou violento, tenho o riso fácil. Um anda com o outro.

Fiz um esforço e me repus até onde pude. Tomei a bengala e comecei a sair com minha torpeza de costume. Este homem nem sequer levantou um dedo para me ajudar, e por isso me senti muito grato. Seu “amém” já era uma concessão notável a minha debilidade.

Quando estávamos do lado de fora, senti-me obrigado a lhe dar uma explicação, de modo que lhe detive e lhe disse:

- Senhor, peço que me perdoe. Creio que foi uma exclamação involuntária. A dor foi muito aguda.

Compreendo, - ele me disse. Essas dores são realmente agudas. Dadas as circunstâncias sua exclamação é natural. Não tem porque se desculpar ante mim.

Confesso que passou muito tempo antes que entendesse sua frase. Mesmo agora me parece inexplicável. Mas nesse momento nem pensei nela já que estava preocupado em formular minhas desculpas e corresponder com decoro às diferenças que ele havia tido comigo, de modo que lhe disse:

- Me dou conta de que minha exclamação deve haver-lhe ferido em sua devoção. Você tem sido muito gentil comigo e não queria produzir um desagrado. Além do que, minha devoção não é igual a sua, eu não venho ao templo para adorar ou pedir o perdão de meus pecados porque sei que não tem perdão e que não o mereço. Venho pedir ajuda para coisas muito pouco espirituais. Como você pode ver sou um pecado atrás do outro, e tudo por uma dor na perna.

Foi nesta oportunidade que ele impingiu seu primeiro paradoxo. Falando muito intencionada e pausadamente, disse:

- Da mesma forma que o bem e a virtude, o pecado e o mal só podem dar-se na vigília. Quem dorme, dorme; para o adormecido não há pecado, como não há bem e nem virtude. Há somente sonho.

Olhei para ele expressando certa suspeita, como que se eu me encontrasse frente a um louco, mas seu olhar era tão limpo, estava tão fixo em meus olhos, que vacilei antes de completar meu juízo. Não disse nada. Ele continuou:

- Na verdade, ninguém peca deliberadamente; ninguém pode fazer o mal deliberadamente. No sonho as coisas são como são e da única maneira que podem ser. Quando se está adormecido, não se tem controle nem domínio sobre o que ocorre nos sonhos.

- Confesso que não posso entender-lhe, - disse.

- É muito natural que seja assim. Esqueça este incidente que não tem maior importância.

- É que eu temo ter ferido você com esta expressão totalmente involuntária.

- Não, não me feriu de forma alguma. Tem ferido-se a si mesmo. A grande maioria dos homens ferem-se a si mesmos dessa forma, porque quase tudo o que pensam, sentem e fazem é involuntário.

- Gostaria de poder compreendê-lo. O que me disse é muito confuso e lamento que minhas preocupações não me permitam reflexionar sobre o sentido de suas palavras.

- Mesmo no sonho o homem tem certo poder de escolha, muito limitado de certo; mas o tem. De todos os modos, quando o exercita, este poder aumenta. Se seu interesse em compreender é sincero e profundo não lhe será difícil dar-se conta de que o homem adormecido pode escolher entre despertar e seguir dormindo.

Eu não estava interessado em enigmas desta espécie. Sem dúvida alguma, a maneira de falar deste homem me agradou. Mas tinha pressa em chegar a meu escritório para ver se havia cumprido ou não o meu último prognóstico. Além do que, a crise geral na Europa deixava todos muito atarefados, de modo que meu ânimo não estava predisposto a meditar nas coisas que acabara de ouvir. Para não ser grosseiro, lhe disse:

- De fato o que você disse é muito certo. Pelo menos, no meu caso, é. Me sinto muito aliviado de não ter lhe ofendido em seus sentimentos religiosos. Tratarei de ser mais cuidadoso no futuro. Peço desculpas, mas tenho que ir para meu trabalho.

Estava pronto a dizer o de costumeiro “até logo”, quando ele me interrompeu:

- Não tenho rumo certo, de modo que se me permite lhe acompanharei.

Eu sempre havia evitado a companhia de amigos e conhecidos, sabendo que minha coxeadura lhes causava impaciência, pois eu ia devagar porque tinha que arrastar a minha perna. E estava a ponto de dizer-lhe que não, que tinha muita pressa, quando notei a incongruência de minha desculpa. Não podia de forma alguma falar de andar depressa. Não sabendo o que fazer, só pude dizer:

- Com muito prazer.

Mas interiormente fervia de raiva. Este homem se impunha sobre a minha vontade de uma maneira tão suave, e as vezes tão audaz, que não pude ocultar a minha irritação e comecei a mover-me em silêncio. Cada um de seus gestos foi sem dúvida, considerado. Enquanto eu descia, com muita dificuldade, as escadas do templo até a rua, ele me disse que se adiantaria para comprar cigarros. Quando novamente estivemos juntos, estava com o maço e ao chegar na esquina não teve aquele piedoso gesto, que tanto me irritava nos demais, de ajudar-me a cruzar a rua. Caminhou a meu lado muito naturalmente, como se meu andar fosse de um homem normal. Não obstante, me parece que ele captou minha irritação interior, pois me disse:

- As dores como as que você sofre, são o que você expressou na igreja. E me agradaria que as lançasse fora de você.

Isto somente aumentou minha irritação. Estive a ponto de dizer-lhe que a compaixão para mim era como uma enfermidade e que, de toda maneira, a ele não deveria importar se eu estava sofrendo ou não com a dor. Mas algo me conteve e guardei silêncio. Caminhávamos a meu passo, muito lentamente. Durante um trecho ambos guardamos silêncio. Comecei a recordar que mais de uma vez eu também havia desejado que desaparecessem as dores daqueles que tinham ferimentos mais graves, especialmente nos hospitais de sangue. De modo que pensei que este homem não fosse um hipócrita ao dizer-me o que sentia com respeito a mim. Comecei a sentir-me mais tranquilo e aos poucos fui tendo mais confiança nele. Ofereceu-me um cigarro e ao observar minha dificuldade em pegar os fósforos no bolso, com a bengala pendurada no braço, me deixou fazer. Senti simpatia por ele, e decidi contar-lhe um segredo:

Espero não lhe ofender com o que vou dizer, mas a verdade é que vou para a igreja fazer minhas orações para ver se obtenho mais entendimento para me desempenhar melhor em meu emprego. Espero com isso ganhar um aumento em meu salário. Eu necessito disto e faço horas extras para poder custear a operação de minha perna e ficar são. Mas não pense você que eu espero que aconteça um milagre; peço também outras coisas que são muito mesquinhas.

- Compreendo, me disse.

- Espero poder juntar a soma necessária dentro de pouco tempo. Quando eu possa caminhar corretamente poderei trabalhar melhor e fazer uma carreira e um nome.

- Pelo visto você tem um propósito bastante preciso.

- Bem; sim um propósito preciso é o pouco que posso fazer, lhe disse.

- É uma grande coisa ter um propósito preciso, saber o que se quer. É muito mais importante do que as pessoas imaginam. São poucos os homens que realmente sabem o que querem na vida; alguns crêem sabe-lo, mas se equivocam. Confundem os fins com os meios que usam, e as vezes sucede que os meios são sua verdadeira finalidade. Mas como os vêem como meios, porque não podem ver mais nem melhor, utilizam grandes e sublimes meios para fins bastante mesquinhos. Assim é como se prostitui o conhecimento.

Este comentário me produziu um mal estar interior e contestei:

- Você se refere a meu caso, o fato de que não vou a igreja com fins espirituais?
- Não - ele me disse -. Falo em termos gerais. Não creio que você tenha me autorizado a tratar diretamente de suas coisas íntimas. Além do que, quando quero dizer alguma coisa a digo diretamente e sem rodeios.
- Porventura lhe chame a atenção minha atitude na igreja. É que não sei rezar, tão pouco sei adorar. Só sei pedir, e peço a minha maneira. A religião deixou de interessar-me por muitas razões.
- Mas pelo visto você não perdeu a fé e isso é a única coisa que verdadeiramente importa. Ainda mais em seu caso. Há muito que se diz sobre a fé. É algo que deve crescer no homem. E quanto a rezar, é mais simples do que você supõe. Em nossos tempos se tem complicado muito o sentido da oração. Eu sou da opinião que quando se sabe o que se quer e se luta por alcançá-lo, mesmo que não o formule em palavras, se está em permanente oração. Uma vez li em alguma parte que todo o querer profundo é uma oração e que jamais fica sem resposta; o homem sempre recebe aquilo que pede. Mas como geralmente o homem não sabe o que seu coração realmente quer, tão pouco sabe pedir o que melhor lhe convém. Daí conclui que o Pai Nosso, por exemplo, é uma oração acessível somente a um coração sedento de verdade e faminto de bem. Todo verdadeiro milagre se firma nisso, mas o homem moderno já não o vê desta forma, e também perdeu o verdadeiro sentido do milagroso. O busca fora de si mesmo, no fenomenal. O homem moderno esqueceu muitas coisas simples e este esquecimento é a verdade subjacente no conceito do pecado original.
- Eu não creio em milagres, respondi.
- É possível que seja esta sua formulação. Mas permita-me que ponha em dúvida suas palavras.
- Como não vou saber o que eu mesmo acredito?
- Os fatos o revelam. É muito simples, se o observar bem. Se você não acreditasse em milagres não iria a igreja.
- E sem dar-me uma oportunidade para responder, se despediu dizendo:
- Tenho desfrutado muito de sua companhia. Agradeço muito. Talvez poderíamos voltar a estes temas se você tem interesse neles. Você irá a igreja amanhã?
- Com certeza, lhe disse. Se eu estiver vivo.
- E se Deus permitir, acrescentou muito seriamente.
- Fiquei confuso. Esta última questão me havia incomodado. Por momentos este homem parecia a própria sensatez, mas eis que seus paradoxos e suas contradições me mortificaram. De todos os modos, disse a mim mesmo, pelo menos é honrado e não é um bajulador.

4

Voltamos a caminhar juntos no dia seguinte. E no outro dia também. E assim foi consolidando-se entre nós uma amizade sincera. Seus paradoxos chegavam de tarde em tarde. Preocupava-se de que me alimentasse bem, de que desfrutasse de um descanso suficiente. Persuadiu-me até fazer-me abandonar minhas horas extras que me privava de sono e repouso. Ajudava-me a fazer meus prognósticos e logo tive várias cadernetas cheias de apontamentos. Mas o que mais parecia preocupar-lhe, era minha perna. Um dia, muito timidamente, se aventuro a dizer-me:

- Tenho discutido seu caso com um cirurgião que é meu amigo. Se você puder pagar as radiografias, ele lhe operará gratuitamente. Os gastos de hospital anestesia, internação, etc., poderá pagar por mensalidades. Interessa-lhe?

- Naturalmente! Exclamei. Não me contive de tanta felicidade.

Até esta data já estávamos íntimos e nos conhecíamos melhor. Atraia-me sua maneira franca e aberta de fazer as coisas; especialmente como lançava suas opiniões sem se preocupar com as minhas. Mas o tema religioso não havia descartado, o que não deixou de chamar-me a atenção.

Obtive de meus chefes a autorização necessária para ausentar-me do escritório, inclusive eles me anteciparam uma quantia para ser debitada em salários futuros, para que pudesse completar com a soma que me faltava. Nessa memorável tarde meu amigo me esperava na porta da igreja.

- Estamos atrasados - me disse -. Vamos de táxi.

Durante a viagem não falou nada e tão pouco eu, salvo:

- É uma lastima que nesta tarde não pude rezar. Gostaria muito de dar graças por tudo isto.

- Tranqüilize-se nesse sentido, ele me contestou. Estão dadas, recebidas e você está em paz com Ele.

Não tive sequer tempo para surpreender-me porque nesse instante chegamos a clínica e ele se antecipou a pagar o motorista.

Aquelas cinco semanas passaram tão rapidamente que quase não pude recordar dos detalhes. Ele me visitava todos os dias; responsabilizou-se por alguns assuntos pessoais que não podia atender, e quando o médico me autorizou a levantar-me e que fizesse a prova de caminhar, se manteve distante.

Meus primeiros dias sem a bengala, na clínica, foram bastante desagradáveis. Havia adquirido o hábito de coxear e sentia falta da bengala. Meu amigo me disse:

- Todo o habito é uma coisa adquirida e você pode muda-lo. Faça este teste. E ponde em minha mão uma caixa de fósforos, me disse:

- Aperte-a em sua mão como se fosse o cabo de sua bengala.

Após alguns testes comecei a compreender que fazendo dessa maneira me sentia mais seguro e caminhava melhor. Passou o tempo e me foi dado alta. Nesse dia meu amigo veio buscar-me e deixamos a clínica juntos. Quando agradei ao cirurgião sua gentileza de não ter cobrado pela operação, notei que ele não entendeu. Muito tempo depois descobri que esta atitude do medico se devia ao fato de meu amigo ter pagado todos os gastos. Nunca me deu uma oportunidade para agradece-lo por este gesto.

Quando deixamos a clínica e eu caminhava ao seu lado alegremente, fez um de seus comentários paradoxais.

- As pessoas crêem que deixam seus hábitos, mas na verdade eles apenas o trocam por outro. A sabedoria do homem se prova justamente em que hábitos troca e quais adapta no lugar dos que crê que deixou. Digo-lhe isso com um duplo propósito: o principal é que você aprenda a conhecer a si mesmo; o outro é indicar-lhe um detalhe pelo qual pode ter ciência deste conhecimento que alguns homens muito sábios consideram indispensável para a felicidade humana. Por exemplo, agora você vai apertando a caixa de fósforos, e disfarça este hábito levando a mão escondida no bolso. Isto não é especialmente prejudicial. O digo somente para que aprenda a observar-se a si mesmo. Por agora basta que o saiba. Você poderia seguir acreditando que deixou para trás o hábito da bengala, mas o que deixou para trás é somente a bengala e não o hábito de apoiar-se em algo para caminhar.

Agora você se apóia numa caixa de fósforos. Não sei se você entende o que eu quero dizer-lhe.

Retirei a mão do bolso imediatamente, muito envergonhado, mas ele disse:

- Não, não foi essa a minha intenção. Você não me compreendeu. Você poderia ter trocado o hábito de caminhar apoiado em algo pelo hábito de reacionar com um exagerado amor próprio e isso sim seria realmente prejudicial. O correto é ter discernimento nestas coisas, nestas insignificâncias, porque de insignificâncias está feito tudo o que é grande. Quando queremos ser melhores e não sabemos precisamente e por nós mesmos o que é melhor e o que é pior, facilmente caímos em absurdos e nos escravizamos por aquilo que os outros determinam que é melhor ou pior. Em cada ser humano há um juiz sempre disposto a orientar-nos, mas devido a nossa péssima educação e as conseqüências dela e de outras coisas, ignoramos a este Juiz Interior, ou quando ele nos fala não lhe prestamos a devida atenção. Este Juiz, somos nós mesmos de uma forma distinta, digamos invisível. Me atreveria a dizer-lhe que em seu caso foi este Juiz quem o fez ir a igreja e quem o tem orientado em muitas de suas tribulações. Recordar deste Juiz, praticar sua presença em si mesmo, é uma coisa muito importante. E como se trata de um aspecto, digamos, superior de nós mesmos, a este Juiz podemos chamar de EU. Mas não este 'eu' ordinário que conhecemos. Nos esforçando em senti-lo em cada um de nossos atos, de nossos sentimentos, de nossos pensamentos, o nutrimos. Eventualmente podemos chegar a compreendê-lo como algo sumamente extraordinário, sumamente inteligente e compreensivo. É uma sensação e um sentimento muito diferentes aos que estamos acostumados a considerar como EU. Não aparece da noite para o dia, mas temos que ir forjando-o pacientemente. Mas basta por enquanto. Pense nele, é o que rogo. Você gosta de andar de bicicleta?

Disse que sim.

- Magnífico, ele disse. Se você quiser, quando eu voltar de uma viagem que devo fazer agora, podemos iniciar uma série de passeios juntos. Felizmente disponho de duas bicicletas; uma é de um irmão que morreu. Você gostaria de passear?

- Sim, acredito que sim, lhe disse.

Na verdade, livre de minha coxeadura, sentia que o mundo era uma coisa maravilhosa. Me despedi de meu amigo. No dia seguinte fui a igreja muito mais cedo do que de costume. Expressei minha gratidão a Jesus e quando estava murmurando meu discurso improvisado, recordei as palavras de meu amigo em nossa primeira conversa:

- Se você não acreditasse em milagres não viria a igreja.

Me dei conta que depois de tudo o que eu acabara de viver havia-se produzido um milagre, mas eu não estava totalmente convencido disto. Tudo havia ocorrido muito casualmente, além do que eu estava acostumado a pensar que os milagres, para que fossem reais, deveriam ocorrer em uns poucos segundos. O havia demorado cerca de um ano e isto não era, para mim um milagre. Porventura quem leia isto possa explicar a razão pela qual havia em mim uma voz, uma idéia, alguma coisa que insistia que se havia produzido um milagre, mas eu não consigo encontrar nenhuma lógica que me faça satisfeito por completo, apesar de que meu amigo me falou um pouco sobre a "ilusão do tempo". No material que ele pediu que publicasse há uma menção do tempo e do amor que eu, francamente não entendo. Me limitei a copiar a máquina as cartilhas que ele me entregou.

Mas voltemos a ele.

Como já mencionei, nunca soube seu nome, seu verdadeiro nome. As vezes dizia que os nomes careciam de importância, que o verdadeiramente importante está mais próximo de nós que nosso próprio nome, que é mais real que nosso próprio nome. Dizia que os nomes são unicamente uma conveniência social, um meio de identificar-se. Às vezes dizia que se sentia identificado com certas e estranhas abelhas de Yucatán, as vezes com um Príncipe Canek que foi amado por uma Princesa Sac-Nicté; outras vezes dizia que seu amor pelo Sol lhe fazia sentir-se como parte do mesmo espírito de certo Inca chamado Yahuar Huakak cujas inquietudes ele havia compartilhado, levei um tempo para entender que entre ambos havia a bagatela de alguns séculos. Outras vezes me dizia que estava enamorado da sabedoria de Ioanes, e de algumas coisas de Melchisedec.

Algumas vezes o ouvi comentar:

- A única coisa que realmente importa, é ser. Quando o homem é, o demais vem por acréscimo.

Em minhas anotações daquela época encontro registradas algumas de suas palavras: “O tempo, o desenvolver da vida e dos acontecimentos é coisas que muito poucos tomam em conta e que um número ainda mais reduzido é capaz de entender. A vida é um milagre em si mesma, mas nós raramente ponderamos sobre ela. Damos por certas muitas coisas que não são verdadeiras, que deixariam de serem certas se lhe aplicássemos uma interrogação, um por quê? Não sabemos quem verdadeiramente somos, nem o que somos verdadeiramente, quais inclinações que realmente nos animam. Poucos são os que se convencem disto. A maioria acredita que com o nome, com a profissão, e algumas outras coisas circunstanciais, já sabem de tudo. Nossa maneira de pensar é todavia muito ingênua. muito do que os homens atribuem aa educação moderna há de buscar-se nas profundidades da psicologia mais pura que é algo que se perdeu. Mas também ocorre que há muitos psicólogos que não entendem nem sequer as coisas que eles mesmos dizem. De outro modo já faz tempo que descartaram a psicanálise. A ciência ordinária não crê nem aceita o milagre porque não é verdadeiramente científica. Há homens da ciência que ocasionalmente e por razões morais, falam do espiritual, mas nem sequer se detêm a ponderar no que é a matéria em si. Há homens supostamente transcendentais que não compreendem a transcendência do que Jesus Cristo disse a Nicodemos, e que o Evangelho registra com estas palavras: ‘ Se os tenho dito coisas terrenas e não acreditam, como acreditarão se os disser as celestiais?’ É que a ciência não quer compreender que nas palavras, nas parábolas, nos milagres e em todos os feitos realizados por Jesus Cristo há muito mais ciência do que na que ordinariamente podemos imaginar. Devido a isto a filosofia que conhecemos se baseia em ingenuidades antecientíficas, assim como a religião cristã que conhecemos disputa com as principais verdades que o Cristo ensinou. Mas não devemos ficar desesperados. Há quem possui as chaves da verdadeira ciência e seus conhecimentos são exatos e precisos, e ninguém pode equivocar-se com respeito a eles. A única diferença é que a esta ciência e a estes conhecimentos ninguém chega pela casualidade. Deve busca-los com afã e preparar-se durante muito tempo. Mas todos podemos entrar em contato com estes homens, entramos em contato através de suas idéias, e sobre tudo, mediante o esforço que façamos por compreendê-las. É o esforço sincero que vale. Há muito disto, especialmente em literatura. Poucos suspeitam que em um livrinho que custa apenas alguns centavos, contém os ensinamentos mais maravilhosos que qualquer um possa desejar.

Como disse, pensamos muito ingenuamente; melhor dito, não sabemos como pensar. A ciência e a filosofia, por exemplo, utilizam meios que, se ponderassem sobre eles, os converteriam em finalidades. Um destes meios se conhece com o nome de ‘intuição’. A ciência ignora o quanto deve a intuição; o mesmo ocorre com a filosofia. Se trata de uma gradação ou velocidade distinta da função da inteligência humana. O mesmo podemos dizer da arte e da religião. As revelações em que se baseia o dogma são algo que todos os teólogos querem elaborar sem precaver-se de que a velocidade que trabalha a razão ordinária é material impossível de elaborar”.

- Que livrinho é este que custa alguns centavos?, perguntei
- O Sermão da Montanha. É a soma dos capítulos cinco, seis e sete do

Evangelho de São Mateus.

- Por que a religião não disse nada sobre isso?
- Meu amigo me olhou e sorriu.

- A religião não compreende que seu erro firma justamente no conceito que tem de ‘religião’. Sem dúvida, para poder entender a verdade deste conceito é preciso descartar o conceito ordinário.

Fiquei pasmo ante semelhante galimatias.

- Mas você é obviamente um homem religioso. Como pode dizer isso?

- Você não pode sair do ataúde no qual colocou sua educação, seu conceito de moral religiosa, etc. Muitos homens após compreenderem a possibilidade de sair do ataúde, e entenda você a palavra ataúde literalmente; colocam a cabeça para fora, mas a idéia de liberdade que vêm os assusta e logo voltam para dentro do ataúde e até fecham a tampa com pregos para que nada perturbe seu sonho.

- Mas por que você me disse que a religião é um conceito errado?

- Religião significa religar e não existe nada para se religar porque não existe nada no Universo que esteja desligado de algo. Sem dúvida, devemos representar as coisas como se estivessem desligadas devido as limitações de nossos sentidos e do entendimento que derivamos desta limitação. Como poderá conciliar-se o conceito de religar como o que afirma o básico do catecismo, por exemplo, de que Deus está no céu, na terra e em todo lugar? Ou aquela outra afirmação de um dos pais da igreja, o Apóstolo Paulo, que disse. “Em Deus vivemos, nos movemos e temos nosso Ser”.

- Então, o que é que há de ser feito?

- Dar-se conta do que significa a palavra Universo; esforçar-se por elevar a inteligência a aqueles estados de pureza em que as idéias são coisas vivas. Novamente podemos recorrer a entrevista de Nicodemos com Jesus, porque no mesmo tema Jesus deu a chave do entendimento destas coisas ao dizer: “E nada subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho de Deus que está no céu. E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho de Deus seja levantado; para que todo aquele que nele crer não se perca, senão que tenha vida eterna”.

- Isto é sumamente difícil de entender.

- Tudo depende do esforço que se faça por entendê-lo. O esforço por entender estas afirmações que parecem tão obscuras é justamente a chave que nos pode abrir as portas do céu; mas sucede que a maioria se conforma com a primeira interpretação que encontra, esquece o esforço e assim começa a cair, começa o pecado original. Porque significa deter o desenvolvimento da inteligência. Quando se detém este desenvolvimento, quando o homem se dá por satisfeito com a compreensão de hoje e não trata de ampliá-la ao máximo de que é capaz, perde sua capacidade, perde sua compreensão e eventualmente

perde a sua alma; melhor dito, mutila, entorpece seu crescimento de tal forma que a alma fica enferma e até pode morrer completamente. Isto é algo que Jesus tratou de explicar na parábola dos talentos, na do traje de bodas e, sobre tudo, nessas duas palavras que se encontram a cada instante nos Evangelhos: “Vela e ora”.

Com o tempo acostumei-me com esta linguagem tão especial de meu amigo. O apresentei a alguns de meus amigos, e quando estes me perguntavam quem era ele, não sabia o que responder, de modo que decidi fazê-lo passar por um parente, algo excêntrico, mas no fundo uma boa pessoa.

Quando o informei sobre isto com a secreta esperança de que me dissesse a verdade sobre si mesmo, comentou:

- Nosso verdadeiro parentesco é muito mais real do que você mesmo possa imaginar. Um dia saberá disto.
- Você não acha que exagera um pouco este mistério? Lhe disse.
- A verdade sempre parece exagerada para quem não a compreende.
- É um pouco difícil de entender.
- Não duvido disto. Mas é que você todavia não se dá conta de que falamos idiomas diferentes, porque temos um entendimento diferente.
- Então, por que não falamos o meu?
- Porque mesmo que o saiba bem, você quer aprender o meu. Se me guiasse por suas palavras há tempos teríamos deixado de nos encontrarmos e de conversar. Não falo com o que você aparenta com suas palavras, senão com o que você pode ser.
- Isto sim que é um galimatias. Isto é tudo o que tem a me dizer?
- O que eu lhe disser dependerá sempre do que você queira perguntar-me.

Estas entrevistas sempre me deixavam incomodado, ao compreender como ele manejava os meus pensamentos e desviava meus propósitos, mesmo assim não pude evitar que meu carinho sobre ele aumentasse. Era algo muito contraditório o que ocorria comigo.

Assim passou o tempo e eu continuava apoiando-me em caixas de fósforos que levava sempre em meu bolso, eu não conseguia esquecer a guerra. Sobre tudo, não podia esquecer a sensação de repugnância que sentia sobre mim mesmo cada vez que vinha a minha memória a recordação de certo homem a quem havia matado cravando uma baioneta em seu ventre. Tão horrível era a agonia com a qual o vi padecer, que por instante desejava que o morto tivesse sido eu. Esta cena vinha com frequência agora que os despachos de guerra davam conta do número de baixas ocorridas nas distintas frentes. Não podia tomar estas cifras como se fossem somente cifras; para mim representavam padecimentos humanos que não afetavam somente as tropas, senão que cada soldado e cada homem se convertia no centro de uma tragédia para toda uma família, para todo um círculo de amigos, e porventura para a mesma terra. Não podia explicar-me nem como nem de onde chegavam estes pensamentos, mas sentia um grande mal estar interior que às vezes se convertia em algo doloroso. De maneira que fazia todo o possível para fugir deles nestes momentos e até cheguei a sentir inveja da frieza com que meus amigos tratavam estas cifras. Também me causava assombro cada vez que via nos jornais as manchetes registrando estes fatos como se fossem algo sem precedente na história do mundo, e como fatos gloriosos. Os jornais pagavam somas elevadíssimas para ter estas notícias; por sua vez, as pessoas pagavam suas moedas e pagavam com gosto para lê-las.

A guerra havia se transformado num fantasma que perseguia minha consciência. De cada dez despachos que chegavam a minha mão para serem redigidos, nove tratavam diretamente da guerra e o décimo indiretamente. Assim passou o tempo da Etiópia, o tempo

da Espanha e um certo dia chegou da Polônia e finalmente a guerra se estendeu por todo o mundo. Tão esmagador era este fato que pela força de seu número os despachos começaram a cegar-me. Pouco a pouco fui tornando-me insensível com tantas cifras sobre mortos, feridos e desaparecidos. Certo dia notei que estava interessado e que me encantava com a descrição do bombardeio de uma cidade na qual morreram milhares e milhares de mulheres, crianças e velhos, todos eles completamente indefesos ante o fogo que chovia sobre eles. E coincidiu que naquele mesmo dia havia traduzido um despacho que continha certas declarações feitas por um importante chefe da Cruz Vermelha Internacional. Tratava sobre os cinco pontos de ajuda e proteção das crianças e eu havia decidido conservar uma copia para mim. O deixei em cima de minha mesa de trabalho e quando quis encontrá-lo para levar pra casa, os demais despachos sobre mortos, feridos, bombardeios e encontros navais os haviam encoberto por inteiro. Por um instante pensei neste fato aparentemente casual e me dei conta de que assim como ocorreu com o despacho sobre a Cruz Vermelha, assim estava ocorrendo com meus próprios sentimentos, e nesse instante recordei dos olhos suplicantes daquele rapaz a quem havia ferido com a baioneta e acreditei ver neles uma recriminação que me dizia: “Tão logo esqueceste?”.

Cada despacho de guerra repetia esta cena em minha memória e junto dela me assaltavam pensamentos de esperança; queria crer que a alma desse rapaz tivesse encontrado alguma compensação em outra vida.

Um medo muito sutil e muito poderoso começou a apoderar-se de mim quando me dei conta de que também estava tornando-me insensível. Meus companheiros faziam gracinhas sobre estes escrúpulos e alguns até argumentavam que as guerras, especialmente esta grande guerra, traria um grande progresso científico, de tal maneira que poderíamos alentar a esperança de um mundo e uma vida melhor. A incongruência deste argumento chegou a me produzir asco. A historia era a melhor testemunha de que as guerras somente produzem novas e mais sangrentas guerras. Ali estavam os despachos indicando-me como se escreveria a historia desta época. Comparando-os com os da guerra anterior, a crueldade humana havia aumentado, o ódio havia se intensificado. Pode se esperar um mundo melhor a base de uma maior crueldade? Ou uma vida melhor a base de um ódio mais intenso que o consumia sob a lenda de guerra total? Nestes dias recordei uma frase de Lincoln: “O progresso humano está no coração do homem”. E não era eu mesmo testemunha de que meu próprio coração estava enamorado desta crueldade e desses ódios?

Este temor, um temor frio, como se a morte me espreitasse em cada pensamento, cresceu velozmente. Quando voltei a encontrar-me com meu amigo contei isso a ele e muitas outras reflexões que eu tinha feito.

- Sim, me disse. É natural. A alma sempre sabe o que quer, e quando inicia o despertar, começa a pedir o que é seu. Há algo em todos os homens que recusam enganar-se com a primeira explicação que chega aos sentidos. Alguns dão ouvidos a esta voz, outros não. É muito doloroso e desagradável o começo. É o primeiro umbral. Quando no homem há um começo de vida genuína se fortifica também o poder de tudo quanto lhe conduz ao sonho. Este é um período perigoso porque todo despertar aporta novas energias. E tudo o que há de falso em nossa personalidade se aproveita delas e aumenta nossa escravidão. Podemos dizer sem errar muito que assim se mata a alma. Assim sendo no mundo há muitas almas cuja vida se deteve e pouco a pouco vão perdendo as possibilidades de crescimento e perfeição que são um direito que o homem não utiliza. Há almas que estão decididamente mortas. O ser humano é algo mais que o corpo e os sentidos, mas não sabe, não compreende.

- Queres dizer que a alma não é imortal? Perguntei.
- Isso depende da pessoa de quem se trate, me disse.
- Mas aí estão os princípios religiosos, os escritos de Platão e a afirmação de muitos homens reconhecidamente inteligentes que nos asseguram que temos uma alma imortal.

- Todavia dormes.
- Vais contradisser a Platão?
- Poderia acarar-te muitos pontos para que possas entender a Platão, mas não estás preparado todavia.

- Não te entendo.
- Estás obcecado por tuas próprias idéias, e enquanto estiveres em semelhante condição não poderás compreender nada. Observa um fato: si a alma fosse uma coisa que tivéssemos assegurada naturalmente, os escritos religiosos não insistiriam naquilo de que devemos esforçar-nos por salva-la. Nem haveria necessidade de filosofia ou religiões. Saberíamos de tudo isso naturalmente e ninguém temeria a morte como a temem. Ouve-me: formamos a alma nesta vida tendo por base aquilo que nos anima. Se os motivos, os ideais, as ambições de nossa vida são transitórias, são coisas do momento, nossa alma também será transitória, sujeita ao que queremos. Algum dia poderás reflexionar serenamente sobre estas coisas e compreenderás a esse rapaz cuja morte obceca-te. Observa bem: tu não o mataste por ti mesmo porque por ti mesmo nada podes fazer. Ou seja que algo que não eras tu mesmo, uma sociedade, te treinou, te ensinou a matar. Recordas tua explicação daquele dia na igreja? Pois és o mesmo. Tua exclamação e a baionetada foram involuntários. Se antes de lançar esta exclamação pudesses dar-te conta do fato, não a terias lançado: a mesma coisa com a baionetada. Um pouco de reflexão e não a terias feito. Mas nesses momentos não há tempo para reflexionar. Fixa-te bem no que te digo: não há tempo. De modo que para poder obrar de coração é preciso sobrepor-se ao tempo e isto demanda um tipo de vontade que tu não conheces todavia. Alcançar esta vontade requer grandes trabalhos, grande obediência a algo superior. Tens observado e ponderado sobre a filantropia, a caridade? Um homem que durante anos haja se submetido a este treinamento do qual te falo não poderá evitar de fazer o bem; fazê-lo será um função pouco menos que instintiva. O fará naturalmente. Mas a maioria das pessoas pensam que fazendo o bem já conseguiram o que unicamente se pode conseguir trabalhando intencionalmente, indo contra a corrente em si mesmo. E quanto a imortalidade da alma, não cabe nenhuma duvida de que existe; mas que seja imortal, já é um conto aparte. Procura entender que falo sobre o homem individual.

- Meu Deus! Agora sim acredito que estás louco! Exclamei.
- Como queiras, me disse sorrindo.
- Queres dizer que estamos todos equivocados?
- Por que não?
- Não é possível.
- És muito ingênuo. Tens o exemplo vivo em ti mesmo e mesmo assim discutes com veemência. Mas não importa. Vejas quão errado seria que me guiasse unicamente por tuas palavras? Tu sabes e sentes que a guerra é horrível, que é uma coisa bárbara, a culminação de tudo quando há de selvagerismo no homem. Sabes que teus companheiros estão errados com respeito a essas cifras de baixas; para ti, por outro lado, cada cifra é a representação de um ser humano e isso te faz sofrer. Aqueles que não sentem o que pensam estão sempre errados. E fixa-te que todo este horror está produzindo-se no

que chamamos o mundo cristão e um dos principais preceitos da cultura cristã diz: Não matarás! Mas o homem começa a matar no coração antes de começar a matar de fato; a morte que vês por onde quer que se vá começou com o ódio. E a sociedade a justifica de muitas maneiras para acalmar a voz da consciência se é que alguma vez lhe presta atenção. Qual das muitas igrejas cristãs tem adotado uma atitude vigorosa, inequívoca frente a esta guerra? Somente alguns homens isolados tem se oposto a ela e preferem sacrificar a sua vida em experimentos de laboratório. Voltemos a entrevista do velho Nicodemos com Jesus Cristo. Essa entrevista ocorreu em tempos tão agitados como o atual, quando se derrubava uma forma de cultura enquanto se gestava outra. E Jesus Cristo disse a Nicodemos que era preciso nascer de novo, nascer de água e espírito, para poder desfrutar dos atributos que correspondem a uma alma de verdade.

- Mas muitos dos que morrem, morrem convencidos de que sua alma vá sobreviver.

- Não duvido. O ser humano está convencido de muitas coisas. Houve um tempo em que estive convencido de que a terra era plana. Se esquadrinhas os Evangelhos, verás que neles se diz bem claramente: “De que adianta ganhares o mundo se vais perder a alma?”

Para mim era impossível discutir com ele. Meu interesse pelas sagradas escrituras era o mínimo. Não as havia lido e tão pouco estudado. Sem dúvidas, algo me dizia intimamente que meu amigo estava certo ainda que eu não compreendesse nada daquilo. Depois de um breve silêncio, lhe disse:

- Não basta apenas cumprir com o que manda a religião?

- Cumprir fielmente e de coração com os preceitos ordinários da religião é o primeiro passo, um passo indispensável. Tudo está entrelaçado, tudo está unido. As formas religiosas são a aparência externa daquilo que se pode chamar de igreja interior. E esta é imortal. A isso se refere o Creio quando fala da “Comunhão dos Santos”.

Então aproveitei a oportunidade para pedir-lhe que me explicasse a verdadeira forma de rezar.

- Tens rezado muito intensamente, mas sem dar-te conta.

Respondi contando-lhe minhas experiências de estudante.

- Se vê isso - me disse -. A ignorância esteve a ponto de cegar-te por completo. E agora és tu que nega o alimento que precisa tua alma. Não creias que agora vais poder culpar a teus professores, a teus confessores ou a teus padres. Podias ter-lo feito até agora a pouco; agora isso está vetado para ti. Se tens interesse em saber algo a mais sobre o Pai Nosso, por exemplo, comece a compreender o que verdadeiramente significa perdoar a nossos devedores. Te digo estas coisas porque a ignorância sincera é perdoável, mas não a hipocrisia, nem a mentira, nem a folgança.

- E como farei isso?

- Da mesma maneira que fizeste com as demais. Por exemplo, aquele verso que diz “livra-nos de todo o mal” o tens vivido a teu modo. E viver uma suplica é mais importante do que formula-la. Foste a igreja para pedir mais inteligência, segundo o que me tens contado. A inteligência é justamente um atributo do reino dos céus. Te foi dado certo entendimento. O outro verso: “não nos deixes cair em tentação” o tens experimentado em sua vivência de horror ante o fato o qual estava endurecendo-te.

- Mas este é um modo muito estranho de orar - , lhe disse assombrado.

- É o único modo do coração. Para entender as orações é preciso ter uma idéia ainda que seja aproximada do que seja a Comunhão dos Santos. Cada uma das

orações que conhecemos é um tratado sintético de conhecimentos de grande envergadura. O Pai Nosso, por exemplo, pode ser para o indivíduo uma escada de Jacó com a qual chegará ao céu se o indivíduo a vive. Para um físico pode ser um meio para explicar a natureza do Universo. E conheço um homem dedicado a astronomia que o entendeu para benefício de seus estudos. Estas orações são a obra da Comunhão dos Santos. Agora a Comunhão dos Santos tem muitos nomes, segundo seja o Creio que cada raça pratica. Não é uma organização estatutária, senão um palpitante de vida universal. São os guardiões da cultura e da civilização, Os ajudantes de Deus.

- Aos poucos me falas sobre o alimento da alma. A que te referes?
- A um alimento tão real como o que o corpo necessita. Isto encontramos nas palavras de Jesus: “Nem só de pão vive o homem, senão de toda a palavra de Deus.” O alimento físico contém energias que nutrem a alma. É necessário para o crescimento. E quando falo de crescimento me refiro ao crescimento interior. Quando o homem come, bebe e respira com o propósito de alimentar sua alma, extrai dos alimentos, do ar, das bebidas, certas substâncias especialmente nutritivas. Mas há um alimento superior a este e é o que nos impressiona intimamente. Todos sabemos que os desgostos entorpecem a digestão e um desgosto é uma impressão. Os transtornos hepáticos produzem um caráter azedo. De modo que alimentando-se adequadamente de impressões, sejam estas internas ou externas, podemos nos nutrir melhor ou pior. Mas isto requer estudos e esforços. Por exemplo, há quem reza antes de alimentar-se, invocam a bênção do Altíssimo, mas enquanto comem, parolam, discutem ou se alteram. Durante o processo digestivo, tem aqueles que lançam maldições. Ou seja, não tem uma continuidade em seus propósitos. Mediante a continuidade de propósitos se forma no homem um órgão novo. Mas é preciso que este órgão exista potencialmente e seja capaz de crescer.

- Que órgão é esse?
- Agora não o entenderias porque estás convencido de que já o possui. Todo mundo está convencido do mesmo, como estão convencidos da continuidade de seus propósitos. Te direi unicamente que se forma de uma maneira e não de duas: sofrendo deliberadamente e esforçando-se por seguir a voz da consciência.

- Mas todo mundo sofre.
- Não. Os sofrimentos lhes chegam com eles chegam os prazeres. Sofrer deliberadamente pressupõe certo grau de vontade. De vontade própria. Todos sabemos que o ódio é mal e que o amor é bom. Sabemos que devemos amar a nossos inimigos. Sabemos estas coisas de memória, mas não podemos aplicá-las porque não temos o grau de vontade suficiente para levá-lo a prática, de modo que a sociedade em que vivemos negocia com o que chama de debilidade humana e esquece o princípio. Para poder sofrer deliberadamente é necessário ter a força de sobrepor-se ao sofrimento accidental. E isto não significa fugir dos prazeres, porque quem sofre accidentalmente também goza accidentalmente. É preciso sobrepor-se ao accidental. E isto só é possível mediante uma continuidade de propósitos, de um claro entendimento de muitas coisas, a maioria das quais a educação moderna ignora ou despreza.

Poucas vezes tivemos uma conversa tão longa. Gostaria de ter continuado com ela, mas ele logo desviou a conversa e planeamos novos passeios de bicicleta.

Passou muito tempo antes de que voltássemos a tratar destes assuntos. Durante este tempo, quis compreender suas palavras e revisei atenciosamente minhas anotações. Porém, não entendi grande coisa. Das poucas vezes que voltamos ao tema, ele evitou tratar-lo e, por minha parte, deixei de fazer as anotações de modo que agora seria impossível reconstruir as frases soltas e as explicações que ele me deu sobre muitos pontos.

Me interessava especialmente sobre o alimento da alma; porém ele insistia em que era preciso, primeiro, despertar.

- Que me queres dizer com isso de despertar? - , lhe perguntei um dia.

- Todavia não te das conta?

- O despertar ou a vigília de que falo é difícil, porém não impossível. É um contínuo esforço, um permanente andar a cegas durante muito tempo, até que logramos compreender nossas falácias. Porém chega o grande momento de quem mantém vivo o esforço. Então se advém as possibilidades latentes do homem. É algo que um sabe por si mesmo, não necessita que o digam ou interpretem nada. Se descobrem no corpo distintas classes de vida, distintos níveis. Então um já não anda a cegas sabe aonde vai e sabe porque faz tudo enquanto faz. Os Evangelhos se convertem em um guia mui valioso. Agora o vês, nem tu nem eu podemos dizer que somos discípulos de um ser tão glorioso como Jesus Cristo e cremos estar despertos. No horto de Gethesemani os apóstolos, os discípulos caíram dormidos...

Meu amigo disse estas últimas palavras com um tom tão reverente que me impressionou; seus olhos começaram a encherem-se de lágrimas e ele as deixou correr por suas bochechas sem se envergonhar por isto. O que segue o disse com voz entrecortada por uma emoção tão poderosa que por instantes, me sacudiu a mim também. Eu fiquei perplexo. Ele seguiu dizendo:

- Um apóstolo é por si um homem superior e Jesus foi uma inteligência como mui contatas vezes tem sido visto na Terra. Não obstante há quem pensa que se rodeou de bobalhões e ignorantes. Os apóstolos tinham uma vontade a prova de muitas coisas; de outro modo não poderiam ter vivido acercados de Jesus. Não obstante, todos lhe falharam nos últimos dias. E esta é a história do crescimento do homem, cheia de altos e baixos.

Ambos guardamos silêncio. Eu não quis continuar interrogando-o por medo de produzir novos transtornos. Ele advertiu minha atitude e disse:

- Não interpretes mal esta emoção; não é debilidade, é força. É um meio como se obtém um singular entendimento.

Me havia chamado poderosamente a atenção sua referência a inteligência de Jesus e a de seus discípulos. Por alguma razão pensei que Judas devia haver sido o mesmo que os outros e isso lhe disse.

- Em primeiro lugar, - diz ele - , é preciso que insista sobre um fato. Para ser discípulo de uma figura com Jesus Cristo, é preciso haver visto algo, haver compreendido algo, é necessário conhecer algo verdadeiramente real. Agora bem; se disse que os discípulos eram pescadores. Jesus lhes disse que os faria “Pescadores de Homens”. Isto significa que os discípulos já tinham uma preparação espiritual quando tomaram contato com o Mestre. Se não houvessem sabido de algo verdadeiramente real, não teriam podido reconhecer o Cristo em Jesus, não teriam podido valorizar devidamente seu Ensino. Achar-se a Cristo pressupõe já uma inteligência de certo desenvolvimento, certo grau de vontade e um sentimento mais ou menos profundo da verdade. Naturalmente que depois da crucificação mudou tudo, porém isto é outra coisa. Em segundo lugar, supor que Judas pode enganar a Jesus é um pouco menos que blasfemar. A relação entre Cristo e seus

discípulos é uma relação que não pode conceber o homem em termos de uma vida ordinária, baseada nas compreensões que aportam os sentidos. É necessário ir além dos sentidos. Ou seja, formar-se olhos para ver e ouvidos para ouvir; ver e ouvir significados mais do que fatos isolados; é ver e ouvir em um plano de relações. Se disse que Judas traiu Jesus, porém quando se capta o significado dos fatos de pronto se adverte que a conduta de Judas não foi obra de sua própria vontade; foi obrigado a vender Jesus. O que “vender” significa em linguagem de Evangelho está relacionado com a pobreza ou riqueza em espírito. Somente lembra que se retrata o reino dos céus como algo muito precioso que um bom mercador encontra, e que em seguida “vende” tudo quanto tem para poder fazer-se dessa preciosidade. Inverte o processo para se aproximar de um entendimento. O mistério de Judas é um dos mistérios que mais nos confundem. Jesus sabia que ia morrer. Além do mais, sabia como ia morrer. Sua morte estava já predestinada, de modo que não cabia traição alguma, porque qualquer traição requer o elemento de uma confiança baseada em uma ignorância. Pense um pouco. Porque Jesus insiste em que Ele escolheu aos doze e que um deles era o diabo. Olhando os fatos retrospectivamente, resulta muito fácil julgar e condenar a Judas em base ao que outros interpretam. Porém, desentranhar o mistério por si mesmo levado só pela ânsia de conhecer a verdade já é outra coisa. Todos levamos um Judas dentro de nós, como levamos um Batista, um Pedro, um João e a quase todos os personagens que figuram nos Evangelhos. Se entende que estes escritos tratam principalmente do desenvolvimento interior do homem, se começa a ver a legião de personagens em si mesmo e também os fatos e acontecimentos que os relacionam.

Outro ponto que me interessava era saber sobre o amor e as relações sexuais. Quando abordei este assunto, uns dias depois do caso anterior, ele me disse:

- O amor é a chave de tudo, porque é a força que conserva e mantém tudo. A fórmula: “Amar a Deus sobre todas as Coisas e ao próximo como a si mesmo” requer uma consideração mui profunda. Ninguém pode amar ao próximo mais do que a si mesmo, porém amar-se a si mesmo requer certos tipos de impressões um pouco difíceis de explicar. Se vemos e consideramos o amor deste ponto de vista das impressões, veremos que aqueles que estão enamorados o vêem tudo cor de rosa. Esse é um alimento muito especial. Porém quando se ama com sabedoria, quando se ama com conhecimento, quando se ama com plena compreensão, as delícias de um enamorado não são nada comparadas com as delícias do amor que só brota do espírito. Amar-se bem a si mesmo é anelar o crescimento interior e isto requer normalidade. Não pode amar quem sofre de inibição ou frustração. De modo que amar-se a si mesmo implica necessariamente o equilíbrio normal de todas as funções, inclusive a sexual. Porém isto é difícil de entender a menos que se entenda o adultério no amor. O adultério no amor, desde este ponto de vista, é ter uma relação amorosa ou sexual com quem não se ama integralmente. E o amor há de ser mútuo. Só o amor consciente pode produzir o verdadeiro amor. Há uma diferença muito grande em amar e estar enamorado; o primeiro pressupõe conhecimento de si mesmo até certo ponto e entendimento de certas leis. O segundo é uma coisa predeterminada pela vida da natureza para os fins da criação e manutenção da vida. Para uma evolução consciente é preciso o equilíbrio, a normalidade. Isto o determina a própria compreensão.

Poucos dias depois, meu amigo me obsequiou um escrito, um poema, cujo contraste com a aridez de suas palavras explicativas, que tenho citado, me chamou muito a atenção. O poema dizia assim:

“Deus deu ao Sol por esposa a Terra e bendito esse amor quando criou a Lua.

Assim também criou a ti, mulher, para envolver sua vida no amor humano. E para que no prazer de amar encontre a alma, a senda do retorno de onde sempre estiveste, de onde não hás de vir.

Porque assim como a vida vai a morte por amor, assim o amor ressurge da morte de onde há um coração desperto que saiba contê-lo em seu amar e em seu morrer. Com cada beijo morre um pouco a alma ao esquecer que és vida em amor. E pelo mesmo, com cada beijo podes reviver a alma de quem saibas morrer. Oh! Paradoxo da Criação!

Em cada alento de amor, há um suspiro que é eternidade. Em cada carícia também arde o fogo da morte e da ressurreição. Elevado o amor simples e sensível às nuvens mais altas! E que amar e beijar sejam uma oração de vida ao mais íntimo Ser que é a verdade e é Deus.

Porque não sois vós os que amais, senão o amor do Pai que se agita em vós. Vossa será sua mais poderosa benção se em cada beijo que dais e recebeis, santificardes seu nome, guardando sua presença em vossos mais íntimos anelos.

E em vosso amor, buscai primeiro o reino de Deus e sua Justiça, que tudo o demais, ainda a felicidade de ser, vos será dado por acréscimo.

E não temais amar; antes temais a quem possa converter vosso amor em prejuízo ou maldade.

Fazei de vossa união um caminho sereno até os céus.

Contanto que leveis sua presença em vossos corações, estareis em verdade amando a Deus por sobre todas as coisas ao mesmo tempo que amais uns aos outros.

E no instante de vossa suprema felicidade, sereis um com Ele e com sua Criação.”

Não voltei a vê-lo durante algum tempo, pois deveu fazer uma viagem prolongada. Trocamos algumas cartas. Lembro que em uma delas eu o perguntei como alguém poderia fazer para alcançar semelhante entendimento da vida e do amor. Sua resposta chegou na forma desta paradoxal poesia:

"Não duvides da dúvida e duvides.

Porém duvides com fé, e ainda duvides da fé.

Pois não é a dúvida, inerte na pendência da fé até a obscuridade, e força no impulso para alcançar a compreensão?

Não duvides e ao mesmo tempo duvides

de tudo quanto acredites ser verdadeiro

por que a dúvida também é verdadeira,

em si e por si.

Duvidando da dúvida, e duvidando com fé e da própria fé,

verás o ilusório da dúvida e a fé derrubar-se a teus pés...

e elevar-se majestosa ante teus olhos, a dúvida feita em Verdade.”

Voltamos a nos reunir no começo do outono seguinte. Notei certas mudanças nele, mas não poderia explicá-las. Evitou os temas em torno dos Evangelhos. Unicamente uma vez, quando lhe disse que não podia compreender o fato de que ele pudesse ser tão devoto de Jesus Cristo e ao mesmo tempo tão dado a leitura das obras Maias, Incas, Guaranis, Hindus e Chinesas, me fez esta observação:

- Cada povo, cada raça, cada nação, cada época tem tido mensageiros que tem dado testemunho da mesma e única verdade ainda quando tem empregado palavras diferentes, símbolos diferentes e diferentes alegorias. Palavras, símbolos e alegorias não tem um valor permanente em si mesmas; são unicamente meios que há que ir descartando pouco a pouco a medida que cresce o entendimento e a vivência da realidade. Porém durante muito tempo em nossas vidas não podemos senão ver palavras nas palavras e símbolos nos símbolos. Quando compreendemos que dois símbolos não são iguais, pouco nos preocupamos em averiguar se estamos ou não certos; cremos durante muito tempo que as diferenças externas tem a mesma diferença interior. Porém cada símbolo é uma palavra e cada palavra é um símbolo. Quantos sabem verdadeiramente o que estão dizendo quando dizem “eu”?

A esta explicação seguiu algo sobre as dimensões do tempo e as dimensões do espaço. Como havia dito, eu anotava a maioria das coisas que ele dizia. Porém nesta oportunidade não o fiz e vagamente recorro algo assim como que o espaço e o tempo, que há três dimensões de espaço e três dimensões do tempo, que o símbolo hebreu da estrela de seis pontas era um indicativo de que espaço e tempo eram uma só coisa, o Ser. Se mal não recorro, em certa oportunidade também disse que as palavras de Jesus: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, podiam tomar-se em física como as três dimensões do tempo ademais de constituir um processo de ordem cósmico que junto com outros cinco processos baseados na trindade constituíam todos os processos universais, em todos os graus de Ser. Porém como já havia dito, sobre isto não conservei anotações de suas palavras ainda que cogite que há escritos sobre isto em alguma parte. Muitas outras coisas que me disse entraram por um ouvido e saíram por outro.

Nesta fase estava interessado em muitas coisas aparte de minha amizade com ele. Porém nossa amizade se mantinha firme. Não era um homem ostentoso. Vestia-se bem, porém sem luxo. Com um pouco mais de alinhamento haveria sido um homem elegante. Por alguma razão tratava de se vestir muito discretamente e parecia querer não chamar a atenção; porém, segundo meu ponto de vista, o chamava ainda quando não quisesse fazer.

Muitas vezes me fiz o propósito de ponderar as coisas que ele dizia. Transmítia sua calma, sua serenidade. Eu em troca, era um espinho um dia e no outro um mar de ternura. Quando sofria alguma contrariedade não podia deixar de recordar suas palavras. Ambos seguimos concorrendo a mesma igreja todas as tardes. Porém em consequência da guerra minha vida começou a mudar velozmente, e o tempo se me foi ficando mais curto. De visitas rápidas e cada vez mais afastadas da igreja, passei primeiro por vários dias de ausência; estes se converteram em semanas e logo me dei conta de que já havia deixado de

rezar e também de que havia deixado de ter essas conversas com meu amigo a quem não via senão quando ele sem prévio aviso se apresentava em minha oficina.

Minha situação havia melhorado muitíssimo, era um homem próspero.

Tinha um cargo importante e como todos os homens “importantes”, carecia de tempo para muitas coisas, como por exemplo, para cumprir a promessa que eu mesmo havia feito de não faltar nenhum dia ao templo. Me justificava culpando a guerra. Minha importância restringia-se ao fato de que todo mundo se interessava por estar prontamente informado dos acontecimentos. Diplomatas e políticos sabiam que sobre minha mesa encontrariam sempre a notícia de última hora. Meu telefone funcionava sem descanso. Foi preciso instalar um número reservado. Todos os dias me visitavam ou me chamavam funcionários do governo, das embaixadas, de grandes firmas comerciais etc. E como era natural que ocorresse, estes contatos profissionais logo se converteram em amizades pessoais. Meu círculo se ampliou. Começaram a chegar os inevitáveis convites para festas, vinhos de honra e reuniões íntimas que organizava um ou outro grupo. E eu, que não encontrava tempo para ir a igreja durante meia hora nas tardes, me vi podendo acudir a todas estas funções sociais. Por certo que sempre recorria aquela desculpa: “Se trata da guerra e eu devo ao público que paga meus serviços”.

Quando um dia dei uma explicação deste estilo ao meu amigo, ele me olhou com uma expressão compassiva e tomando um bloquinho em branco sobre minha mesa, escreveu:

“Nunca te sintas tão perfeito que baixes a guarda ou percas a vigilância.

Queira-te bem, porém não prostituas a ti mesmo.”

- Conserve-a onde possas vê-la sempre, me disse ao entregar-me.

Logo se pôs em pé e se foi.

Passaram vários meses sem que o visse. Eu o recordava. Suas estranhas observações, seu oportuno conselho sobre problemas em que o supunha totalmente ignorante, tudo isto e minha própria consciência me produziam uma rara inquietude cada vez que pensava nele e lia suas palavras.

Por aquela fase começou o furor da “boa vizinhança”. Começou o furor panamericanista. As intrigas internacionais, a qual mais mesquinhas, floresciam por todos os lados. Pude dar-me conta de que várias potências européias, supostamente amigas dos Estados Unidos, combatiam disfarçadamente a idéia da boa vizinhança. Todos queriam tirar um pedaço nas ganâncias que produziam os bons negócios da guerra. Nem os industriais, nem os mineiros, nem os políticos, diplomatas ou jornalistas, estavam livres desta tentação. E eu também caí nela e caí com muito gosto através de um amigo que especulava fortemente na Bolsa de Valores e que precisava estar bem informado e oportunamente, acerca dos acontecimentos da guerra. Assim comecei a enriquecer-me.

Por outro lado certas organizações de propaganda começaram a pedir-me colaborações em forma de artigos. E os pagavam tanto melhor quanto mais altissonantes e estúpidos fossem. Aceitei e ganhei mais dinheiro.

Certa vez recordei algumas observações que meu amigo havia feito quando se iniciaram os primeiros boatos a cerca da boa vizinhança dos Estados Unidos.

- Bom vizinho unicamente pode ser quem paga ao contado. Hoje em dia, ninguém está em situação de fazê-lo, muito menos os países sul-americanos. Porém como o homem vive de palavras lindas, e quanto mais lindas mais ignorantes, acham que o conceito é sonoro, o aplaudem, e não sabem no que se estão metendo. É um conceito nascido da parábola do Bom Samaritano. Porém nos Estados Unidos, alguém o tem distorcido e os

demais países o tem distorcido ainda mais. Não obstante, a idéia é bonita e como nos Estados Unidos há dólares em abundância, aí vai a comparsa pan-americana que não é senão uma serpente de 20 bocas e uma cabeça.

- Isto é demasiado duro, lhe disse.
- A verdade sempre é dura, especialmente para os hipócritas. Não te identifiques tanto com a propaganda que escreves e quem sabe poderás ver algo da verdade.
- Porém a boa vizinhança ao menos significa uma boa intenção.
- Satanás tem as melhores intenções para com o homem, por isso o idiotiza.
- Tu vês tudo tão friamente; o pan-americanismo é uma boa intenção.
- Ainda dormes. Se compreendesses que o homem não pode ter uma continuidade em seus propósitos, de pronto compreenderias que a intenção não basta. Se o homem pudesse manter uma continuidade em seu pensamento, sentimento e ação, suas boas intenções dariam frutos generosos. Assim como o indivíduo tem muito boas intenções um dia, e no seguinte qualquer coisa o desvia delas, assim ocorre também na política. A idéia democrática é mais velha que andar a pé, porém é uma coisa impossível, pois requer uma discriminação que poucos tem.

Entre minhas anotações desta época encontro uma página de uma carta que ele me escreveu a respeito da política internacional do momento, durante uma de suas viagens.

“... O senhor Roosevelt é, sem dúvida, um homem muito bem intencionado, porém ocorre que o único bom vizinho que tem é seu cigarro, assim como o único verdadeiro aliado do senhor Churchill é seu cigarro puro e o único camarada do senhor Stalin é seu cachimbo. Observe que nem Hitler nem Mussolini fumam. São demasiado virtuosos e como todo fanático da virtude, só vêm a palha no olho alheio. Quando terminar esta guerra, é provável que haja outra e com ela de repente a ciência tenha tanto progresso que lhe dê gosto e desfrute da glória de haver destruído sua civilização. Nada é mais fácil que profetizar uma guerra. Porém, a guerra também inclui um desatino na vida dos povos e do indivíduo mesmo. Se este desatino interior o utilizasse o indivíduo para seu desenvolvimento e se sequer tratasse de averiguar de onde vem e porque ocorre, creio que se daria um passo em direção a paz. Porém não é coisa fácil de conseguir que o homem compreenda que frente a um fenômeno celeste existe menos que um átomo. A paz é uma conquista individual; jamais há sido obra das massas. E muito menos obra dos exércitos. O homem ainda não aprendeu a aproveitar o que ensina a história, o que indica a experiência. A Liga das Nações foi durante muitos anos uma ilusão de paz; a verdade é que foi um foco de intrigas. Mussolini a destruiu com uma plumada. Atrás desta guerra, possivelmente surja algo parecido, porém com algum outro nome. O homem goza pondo e trocando nomes nas coisas mais antigas da história. A Liga das Nações nasceu morta. Já havia morrido na Grécia fazem mais de 2 mil anos, com a Anficionia. Não se trata de organizações; não há que trocar de nome, senão que há que modificar o homem. Não me peças que leve a boa vizinhança a sério porque tudo não soma senão um montão de mentiras. O trágico é que ninguém mente intencionalmente; ninguém se dá conta da Grande Mentira. Observa-o em ti mesmo, observa como já tens começado a acreditar em quanta mentira estás escrevendo.”

De tudo isto, o que me interessou foi a idéia de que um bom vizinho pode ser só quem pague o contato. Decidi utilizar a idéia para um artigo e quando publiquei minha vida sofreu uma nova transformação, conectada em certo modo a este singular amigo.

Me vi lançado de cabeça nas intrigas de espionagem política.

A poucos dias de haver elaborado esta idéia em uma série de artigos, me vi em contato com certos vendedores de uma maquinaria que não poderia ser fabricada em parte

alguma. Os conheci mediante alguns amigos diplomatas. E desde então aumentou minha importância. A importância e a consideração que me atribuíam não estava depositada nem em minha inteligência, nem em meu juízo crítico, pois fazia tempo que não utilizava nenhuma destas funções. Estava claramente ligada ao cargo que desempenhava e que continuaria desempenhando sempre que obedecesse a razão de minha importância.

Não vale a pena que relate minha história em meio de todas as intrigas de então. Cito unicamente os fatos que tem relação com meu amigo e suas idéias. Porém o que pude observar nos políticos, diplomatas e espiões com quem alternava, daria lugar a uma formosa comédia humorística se não fosse pelas trágicas conseqüências que traz consigo a atividade desta fauna e flora de nossa cultura. Observo que estou escrevendo com certo rancor e não o oculto. E se meu amigo pudesse ler isso agora, seguramente diria algo assim:

- Não tens aprendido a perdoar. Ainda dormes. Tua fauna e tua flora não podem deter nem mutilar a vida.

Ao escrever isto demonstro quanta nostalgia sinto por ele, quanto me dá pena não estar a seu lado agora. Porém voltamos ao relato.

Uma noite, me convidou para jantar com ele. Minha confiança não havia diminuído. Conversamos longamente e com grande jovialidade. Conte-lhe minhas observações e ele sorriu carinhosa e compreensivelmente como significando: “Os pobrezinhos não tem culpa.”. Depois de jantar fomos juntos ao meu apartamento que contrastava muito com aquela sensível peça de pensão na qual havia vivido tantos anos antes de chegar a ser “importante”. Ele olhou tudo em silêncio. Recordando essa noite, vejo quanto inconveniente foi minha conduta. Comecei por mostrar-lhe orgulhosamente todos meus bens; os títulos de ações, a roupa, um simpático bar em miniatura, minha sala de esportes com um saco de pancadas, o *punching-ball*, as luvas de boxe e os palanques de ferro, minha formosa bicicleta italiana. Quando havia terminado minha exibição, lhe disse com tom orgulhoso:

- Que te parece?

- Perfeito – me disse -. Pouco te falta para ser um cretino completo. Não me refiro a isto, a comodidade, senão a tua atitude ante todo este bem estar e o dano que tu mesmo te estás fazendo.

- Não te entendo – lhe disse -. Ganho bastante dinheiro, vivo bem e desfruto a vida.

- A que preço?

- Não acho tão terrível – protestei -. Não sejas “mojigato”. Só te falta censurar os vestígios de mulher que hás encontrado.

- Quisera fossem os vestígios de mulher o único decente aonde vás caindo. Porém é tua vida. Viva-a como te dê vontade.

Senti um vago temor ao lhe ouvir dizer estas palavras. Guardamos silêncio um momento. Logo, senti um desejo veemente de confessar-lhe tudo quanto me torturava.

- Necessito tua ajuda – lhe disse -.

- Escuto-te.

Lhe expliquei todas as coisas que se haviam convertido em um pavoroso dilema em mim mesmo, aquele infernal círculo de mentiras em que havia caído. Escutou com grande atenção, me fez algumas perguntas para que aclarasse certos pontos que não queria expor abertamente. Refletiu um instante quando eu havia terminado.

- Que me dizes? – Perguntei.

- Que queres que te diga?

- O que devo fazer.

- Corta pela raiz, rompe com tudo. Deixa tudo isto e começa de novo.
- Porém, estás louco?
- Não; o louco és tu. Olhe aonde hás chegado.

E dirigindo-se ao quarto de banho, sacou do *closet* um frasco que continha tabletes de um estimulante com o que deveria ativar diariamente meu sistema nervoso para poder suportar semelhante trem de vida.

Quanto lhe vi com o frasco na mão me dei conta de muitas coisas, de seu enorme poder de observação, de sua real bondade e do carinho que te proferia. Porém eu sentia que as coisas haviam ido muito longe para mudar. Baixei a cabeça em silêncio.

- Menos mal que te caia um pouco de vergonha -, me disse. Aproveita e retoma o fio da tua vida antes que termine de tudo. Dentro de pouco tempo passarás deste estimulante para as drogas. E quando sentires a necessidade de fugir da baixeza em que vives, o saco de pancada e tuas luvas de boxe desaparecerão e colocarás quadros pornográficos em seu lugar. Agora te pode ajudar esse amor que há em tua vida, porém senão compreendes, se não te aferras a ele com todas tuas forças, se segues cedendo à tentação desta forma, perderás o amor e buscarás a orgia.

- Bem sabes que não posso deixar meu trabalho. Sabes de que se trata. Sabes o que é a guerra.

- Problema teu. Perguntas-me o que deverias fazer e estou te colocando. Não tenho mais nada a te dizer.

Então foi quando cometi um lamentável erro:

- Escuta – lhe disse. Tu és mais inteligente do que eu. Dar-te-ei a metade do que tenho e tudo quanto ganho, se me ajudar a sair desta situação.

Olhou-me em silêncio, sem dizer uma só palavra. Dei-me conta demasiado tarde da forma como o havia ferido. Vi como seus olhos se encheram de lágrimas. Afastou-se tomado por uma singular tristeza e quando estava na porta, disse:

- Trinta moedas de prata...

Senti desejos de pedir-lhe perdão, porém algo me conteve. Me acerquei do bar e enquanto me servia um vaso de whisky, recordei aquela outra cena silenciosa que parecia haver ocorrido em um passado já demasiado longe, aquela vez, que na igreja, eu havia exclamado “merda” e ele havia contestado “amém”. Bebi o whisky de uma só vez, olhei os tabletes de estimulante que ele havia deixado sobre a mesa do bar e disse a mim mesmo em voz alta:

- Que se vá ao demônio!
Bebi whisky até me embriagar.

8

Passou o tempo.

De imediato, a máquina na qual eu estava envolvido começou a funcionar de outra maneira, mais intensamente. Nos acercávamos ao final da guerra. Tudo era mais desesperado. Troquei de cidade, me fui a outro país, e aí deveria continuar o que havia começado e do que não poderia me evadir. Recordava ao meu amigo só de tarde em tarde.

Cada dia me causava mais assombro a facilidade com que mentia e enganava, e a facilidade com que todos pareciam crer em minhas mentiras e em meus enganos.

Uma noite em que havia bebido mais do que o necessário para esquecer meu emporcamento, encontrei meu amigo.

Me olhou em silêncio e sem dar-me tempo para expressar minha alegria, me disse:

- Reflexiona um pouco. Não busques sofrimentos que não necessites.

Sabia que a ele não poderia mentir-lhe. Lhe pedi que não me deixasse e ele me anunciou que iria permanecer um tempo nessa cidade e que provavelmente nos veríamos em seguida.

Foi muito pouco o que conversamos essa noite. Não deixou de intrigar-me aquilo de que eu estava buscando sofrimento que não necessitava. Porém, como de costume, pensei que seria uma nova extravagância de sua parte. Em troca, me houvesse gostado muito lhe haver demonstrado uma maior hospitalidade e em geral corresponder a sua devoção de amigo de uma maneira mais tangível. Quando lhe ofereci alojamento em minha casa recusou cortesmente informando-me que em sua viagem havia sido convidado por outros amigos com quem se havia comprometido a se alojar, porém nos veríamos em seguida.

Em nossa próxima entrevista lhe perguntei se havia lido minhas crônicas e ele respondeu que sim e que havia recortado alguma para conserva-la. Isto me chamou poderosamente a atenção. Esperava que me houvesse dito algo assim como: “Não leio propaganda política”, etc. Porém que ele houvesse recortado uma de minhas crônicas foi por certo, uma verdadeira novidade. Lhe perguntei qual crônica era. Sacou-a de sua carteira.

Eu esperava que houvesse sido alguma dessas especulações cheias de complexidades que tratava de apresentar um quadro internacional, citando magnatas da banca e líderes obreiros, etc. Porém o que meu amigo havia recortado era muito distinto: um comentário sobre certas canções guaranis em que registrava minhas próprias impressões.

- É muito interessante o que hás observado nessa música, me disse. Corresponde fielmente a um tesouro de sabedoria que o guarani ainda sente porém que já há deixado de compreender, abrumado pela cultura ocidental. Encontro nela o mesmo que em todo o folclore do continente: um fio escondido no tempo. Lê esta obrinha yucateca e verás o mesmo conteúdo ainda que de forma distinta.

E me obsequiou um livrinho que ainda conservo.

Disse-me que essa crônica era o que havia induzido a buscar-me novamente e agregou:

- Tu não imaginas o bem que tu mesmo te fizeste ao escutar esta música com tanta atenção. Vibrará sempre em ti.

Eu sorri com não pouca suficiência e a minha vez contestei:

- Homem... Se queres música guarani, em casa a tenho em abundância. Também tenho duas formosas canções maias, e abundantes discos de músicas incas.

Lhe relatei em detalhes como havia aos poucos formado esta coleção e até mencionei as cifras que havia gastado nela. Escutou-me complacido.

- O guarani tem uma riquíssima expressão que significa que tudo o quanto o homem disse em palavras, em linguagem humana, é uma porção da substância da alma; verás que esse conceito é similar a uma das santas verdades do cristianismo quando afirma que da riqueza do coração, fala a boca. E há quem também há dito que o homem só pode expressar o que é. Em fim...

À noite seguinte, ceamos em minha casa e nos fartamos de música guarani. Porém eu estava agitado e nervoso devido aos acontecimentos do dia e haveria preferido discutir com ele meus problemas pessoais. Escutou a música com deleite. Eu bebia whisky. A música era por certo atraente, porém eu tinha a cabeça cheia de muitas preocupações a consequência da minha vida em meio a tanta intriga. Já minha situação se fazia demasiado densa e parecia não ter uma só saída por onde fugir. Nesse instante “envidié el solaz” de meu amigo, a incalculável paz que havia nele, sobre tudo, sua segurança, seu aprumo.

Quando se pôs de pé, pouco antes de marchar-se, me disse:

- O guarani tem feito mais ou menos o mesmo que estas fazendo tu com este copo de whisky; eles bebem cachaça. Não é de todo desagradável, porém bebê-la para fugir de si mesmo é o mais ignorante que pode fazer um homem. Os guaranis têm caído na mesma rede de sonolência que tens caído tu. Essa música que acabamos de ouvir é a voz de sua alma captada por um homem que ainda quer despertar aos seus. A Voz da Vida, todavia vibra neles, porém eles têm se deixado hipnotizar não só pelo álcool senão pelo enciclopedismo ocidental que é o veneno que consome os nossos povos.

- Não creio que haja morrido nada no guarani, lhe disse. Sua virilidade é coisa bastante clara. Creio que o guarani é o homem mais valente que já conheci. O vi na guerra. E a propósito, foi durante a guerra que conheci sua música e a encontro tão bela e decidida como a música do planalto.

- Sim; ambas, são genuínos chamados da alma destas terras, porém as formas são diferentes porque correspondem a distintas latitudes. Ambas são músicas essencialmente místicas. A de origem incaica segue o ritmo do movimento dos corpos celestes e não pode ser de outra maneira; é música que abarca, em seu compasso, em sua melodia, tudo o quanto a nossa alma já sabe acerca do sistema solar e das incógnitas que representa a Via Láctea e as Plêiades. A mais de três mil metros de altura, tendo um firmamento estrelado por todo panorama, o homem dos Andes tem forçosamente que sentir em termos grandiosos. Se seu pensamento estivesse na mesma altura que seu sentimento, a raça não haveria se degenerado. Esta degeneração é proporcionalmente menor que a ocidental em relação ao cristianismo. Isto se pode observar destas raças, ainda conservam a suficiente força espiritual; porém por desgraça, não sabem atualiza-la e a tem escondido nas profundezas das práticas católicas. Enquanto o Guarani, a natureza semi-tropical em que vive, lhe dá outro ritmo, outra forma, outro sentimento, porém em essência, lhe diz o mesmo enquanto a espiritualidade. Ocorre que muito poucos homens entendem a realidade da vida através dos sentimentos, das emoções, e isso tem produzido uma civilização de esquizofrênicos. O que se há dado a chamar de subconsciente, não são senão funções correlativas que podem operar harmoniosamente com a mente, com o pensamento. Por isso te digo que se todo este tesouro artístico, se esta expressão emocional fosse compreendida intelectualmente, as raças de nosso continente compreenderiam seu verdadeiro destino. Porém já existem alguns que trabalham para dar luz a este entendimento. Pelo momento esses homens são como João Batista – uma voz que clama no deserto.

- Pelo que me dizes, pareceria conveniente reviver as religiões e os mitos das raças autoctônias, lhe disse.

- Não; isso seria ignorância. Nesse sentido nada há que reviver porque nada está morto. Não podemos voltar às formas do passado; só podemos compreender o princípio eterno que anima todas as formas. Há que compreender, não há que desagregar nem dividir. E esta é uma tarefa para cada indivíduo.

- Se calcula que na América do Sul há dez milhões de índios. Um homem audaz que conhecesse seus idiomas poderia organiza-los, conduzi-los. Seria interessante.

Olhou-me compassivamente.

- Já o vê – disse - . Aí, em ti mesmo, tens a esquizofrenia ocidental. Hás-te saturado de violência a tal extremo que não podes medir a vida senão em termos de destruição e morte.

Passaram vinte dias sem que voltássemos a nos encontrar. Por essa época os assuntos da minha vida estavam complicando-se de uma maneira incrível. A máquina me atrapalhava implacavelmente e eu me sentia como um passarinho hipnotizado por uma serpente, sabendo que vai morrer, que tem que fugir, porém não pode fazê-lo. Quando voltei a ver meu amigo, lhe confiei os fatos.

- Já é demasiado tarde – me disse -. Agora tens que seguir o movimento da máquina até onde te leve. Não podes fugir; veja.

E conduzindo-me a uma janela que dava para a rua, me mostrou dois homens que tratavam de disfarçar suas presenças.

- Quem são? Perguntei

- Estas tão cheio de soberba que não te da conta das coisas. A mentira te tem atrapalhado. São policiais que te seguem desde vários dias.

Senti um golpe no coração. Não me acovardo facilmente, e se bem conheço o medo, também sei que a coragem é justamente domina-lo muito intensamente. Porém algo em mim tremia horrorizado, diante da crua realidade dos fatos que chegavam ao fim. Olhei meu amigo, esperando que dissesse algo, porém só comentou:

- Deveria sentir-te intimamente agradecido que se te apresente esta saída. No geral, para o tipo de intriga em que tu embarcaste, a saída é o suicídio ou... um acidente na rua.

Não fiz maiores comentários. Conhecia-me o suficientemente bem para saber que não iria me suicidar, enquanto o acidente na rua me deixava gelado. Sabia bem que eu representava um perigo para muitos e que muitos veriam com agrado meu desaparecimento. Porém eu havia antecipado esta possibilidade e havia feito saber a todos eles que levava um diário onde havia anotado coisas que o mundo político e diplomático chamam “mui interessantes”. Havia várias cópias deste diário, algumas delas no estrangeiro e outras em um banco.

Contei estas coisas ao meu amigo.

- Um rato encurralado, sempre tem talento, me disse.

Voltei-me até ele com violência e tinha o punho em alto para golpear-lhe, porém seu olhar me paralisou. Ainda hoje não poderia explicar-me como ocorreu isto. Não moveu um dedo, não fez um só gesto. Unicamente me olhou e eu fiquei desarmado por dentro e por fora.

- Estás tão podre que tens perdido tua inteireza – me disse. Como estás mudado! Certa vez me revelastes a forma como rezavas tuas orações na igreja. O recordas? Por ignorantes e superficiais que hajam sido tuas palavras, ao menos tua integridade e tua honradez eram de valor. Agora... Observa-te.

9

A lembrança daqueles dias tão remotos em minha memória, ao vê-los surgir ante mim nesta situação, nestas condições, me sacudiu. Sem poder evitar comecei a chorar como uma

criança. Nesse momento me dei conta de quanto amava meu amigo, de quando ele representava para mim. Se afastou à outra habitação enquanto eu deixava correr meu pranto em um rincão. Quando me recompus fui busca-lo e o encontrei de joelhos e com os braços em cruz e olhando para o firmamento através da janela aberta.

Sem mostrar o menos apuro se pôs de pé e olhando-me, me disse:

- O pranto é um bom purgante; purifica o sangue.

Se dirigiu ao quarto de banho e o vi lavar o rosto com água fria. Ele também havia chorado.

Durante esse inverno a situação do país se encrespou sobremaneira. Estava muito estreitamente ligada a guerra. Porém foi na primavera quando os acontecimentos assumiram proporções sangrentas e ocorreram umas séries de coisas que determinaram que eu finalmente fosse detido pela polícia e levado ao cárcere.

Conveniente seria, registrar algumas observações feitas por meu amigo e que tem relação com os fatos desses, apesar de que afirmava que nenhuma destas coisas que ocorriam eram novas.

Eu me havia dado conta claramente da crescente força que ia ganhando o pressuposto ditador deste país; estava fazendo uma comédia para explorar os sentimentos das massas que lhe seguiam cegamente em virtude de uns quantos benefícios circunstanciais que haviam recebido. Minhas crônicas destacavam este fato, porém meus chefes protestavam e me acusavam de ser partidário do homem. Houve violências. Queriam uma oposição mais ativa em meus escritos e não pareciam capazes de compreender a necessidade de dizer a verdade e encarar a realidade óbvia que estávamos presenciando. Quando comentei estes fatos com meu amigo, me disse:

- O único que realmente tem importância em todo este enredo é que a Serpente Emplumada já quer voar, porém tem as patas atreladas à terra.

- Por favor, não me contestes com enigmas.

- Não há enigma algum nisto. Se em vez de perdeses teu tempo em coisas supérfluas houvesse tomado o fio de algumas indicações que te tenho feito de vez em quando, haverias estudado algo transcendental e compreenderias o enorme significado que para ti tem a Serpente Emplumada.

- Tudo isto está muito bom – lhe disse. – Porém, não explica a razão porque meus chefes são tão obtusos que não querem ver a realidade da situação deste país.

- É que eles são serpentes sem asas e sem plumas.

- Seguramente poderias dizer-me as coisas de forma mais clara.

- Não quero dizer-lhe de forma mais clara. A verdade é sempre amarga para o adormecido, porque lhe tira de seu estado modorrento.

- Faz anos que vens dizendo-me o mesmo e ainda não entendo.

- Porque ainda dormes.

A medida que avançou esse inverno, minhas crônicas começaram a atrair a vários personagens de outros países. A situação geral parecia incerta. Outros países recebiam informações contraditórias. Porém um acontecimento sobre o qual informei em detalhes, determinou uma nova forma de relações com políticos e diplomatas que chegavam em posse de informes corretos. O acontecimento foi que o pressuposto ditador, seguindo o atinado conselho de seu chefe de polícia, fez um apanhado de quantos opositores destacados haviam, incluindo médicos, diretores de grandes jornais, advogados de renome internacional, etc., todos os quais dirigiam o movimento de liberdade de pensamento e outra série de liberdades que meu amigo classificava, resumindo-as, em “liberdades de

sonhar desperto”. Sobre os chefes políticos, meu amigo disse que se tratavam de uma coleção de Pilatos que não podiam ser outra coisa salvo nos casos em que na comédia humana trocavam de papel e eram Herodes que, em mais de uma oportunidade, se haviam visto obrigados a encarar as variedades de distintos tipos de Salomé e degolar mais de um honrado Batista.

Os fatos confirmaram mais que suficientemente as palavras de meu amigo. Porém a fim de equilibrar a situação citarei a opinião de meu amigo sobre o ditador e os seus:

- Esses são os que mais e melhor dormem – dizia. – Sonham que dominam as massas e não tem a suficiente perspicácia para perceber que gritam “Hosana” com a mesma com a mesma facilidade com que gritam “Crucifiquem-no”.

Porém é de todo conhecido, como o final da guerra confirmou tudo isto.

O fato foi que os líderes democráticos esperaram pacientemente no cárcere que das massas saíssem reacionários, porém ninguém moveu um dedo a seu favor. Antes bem; todos aplaudiram o ditador cheios de euforia por haver-se atrevido a tocar nos intocáveis. Este acontecimento transtornou a compreensão política e diplomática de todos.

Óbvio era que este ditador, como quase todos, conhecia intuitivamente as paixões das massas e as explorava bem. A oposição caía destruída. Porém ainda assim, poucos se deram conta da verdade. Houve muitos editoriais, muitos protestos, porém foi burla e nada mais que burla.

Minhas crônicas, que até certo ponto refletiam as opiniões de meu amigo, começaram a chamar a atenção e atraíram aos homens que já indiquei. Um dia chegou um e lhe informei em detalhes. Este enviado confidencial, não obstante, enviou a seu governo um informe de várias páginas para concluir dizendo que era conveniente postergar uma decisão, que tudo era incerto todavia. Quando regressou dois meses depois, voltou a informar aos seus que ainda havia necessidade de postergar qualquer decisão.

Isto me irritou.

- Porque engana você ao seu governo? – lhe disse.

O homem nem se sentiu molestado, nem ofendido. Olhou-me mui compassivo e me disse:

- Eu também vejo a situação como a vê você. Porém ocorre que nós também estamos em vésperas de eleições e ainda não se aclarou nossa situação e, todavia não sei que postura vou adotar. Fulano de tal – e citou o nome de um governante – não tem nenhuma simpatia por Sicrano – o nome do ditador – e tem em troca, muitas possibilidades de ser o próximo presidente do meu país. Como ele ocupa uma situação destacada, lhe envio cópia do informe a fim de que com pressuposto governante, conheça com antecedência os fatos. Um informe conclusivo como suas crônicas unicamente serviria para que ele esquecesse meus serviços. Em troca, com vários informes, preparo a possibilidade que me nomeiem a embaixada deste país. Você amigo, seria um péssimo diplomático.

Este foi um caso. Houve outros. O diretamente oposto ao anterior foi o do enviado de um país cuja situação era similar a que eu observava. Se deu pressa de fazer contato com os homens do ditador, não ocultou suas simpatias por ele e ofereceu comprar-me todo o material que eu havia acumulado. Chupou como esponja tudo o quanto lhe disse. E em base a isso emitiu um informe, do qual me proporcionou uma cópia, cheio das afirmações mais fantásticas que há lido em toda minha carreira. Eu mesmo havia mentido descaradamente para falar a “meus leitores”. Porém o informe deste diplomata sobrepassava toda a fantasia e a realidade juntas. Parecia um conto das mil e uma noites.

Em seguida me fez uma série de proposições de índole comercial. Não era a primeira vez que me encontrava com pessoas que ocultavam os fatos para especular com eles.

- Pensas que alguém de seu governo acreditará nisso? – lhe disse;
- Não se preocupe por isso, amigo – respondeu.

Era um homem simpático e agradável, sem-vergonha até a saciedade; porém não podia eu condena-lo. Ambos estávamos atrapalhados em uma máquina.

Meu assombro foi grande quando me dei conta que seu governo havia aceitado seu informe e estava atuando em base a ele. Não pude nunca me explicar como os homens que parecem ser hábeis nos assuntos de estado podem ter as guardas tão abertas como qualquer ingênuo.

Este enviado confidencial, antes de regressar a sua pátria, me obsequiou uma carteira finíssima cheia de tíquetes e quando quis, debilmente, recusa-la, me disse:

- De nenhum modo, querido amigo. Me tem ajudado você em um magnífico negócio.

Mais tarde soube que o negócio era um forte contrabando de matérias primas mui escassas para a indústria devido a guerra.

Relatei todos esses fatos a meu amigo.

- Essa é a maracutaia mais antiga do mundo. – disse . Eles não tem culpa. São irresponsáveis. Porém tu preocupa-te em não seguir prejudicando a Serpente Emplumada. Recorda que não podes servir a dois senhores.

Novamente, voltei a ignorar seu prudente conselho. Os acontecimentos tomavam velocidade. A polícia me vigiava cada vez mais estreitamente e com esperança de salvar-me de alguma forma, comecei a participar de muitas conspirações contra o ditador.

10

Aos meados da primavera, com o bom tempo, desatou-se uma onda de violência por todas as partes, em todo o país. Os estudantes começaram a alvoroçar assustados pelos próceres democráticos que a polícia havia humilhado. Lançavam uma atrás da outra, manifestos escritos comodamente em um clube elegante. Um dia tive de entrevistar-me com eles, sobre a raiz de certos acontecimentos em que vários estudantes acabaram presos e feridos. Lhes informei dos fatos.

- Que barbaridade! – exclamaram -. A onde nos vai a conduzir este homem?
- O sabem perfeitamente bem. – lhes disse – Devem atuar agora.
- Porém, o que podemos fazer?
- Se tiverem medo de ir à rua enfrentarem-se com soldados e policiais, ao menos não incitem mais a esses *muchachos*.

- É que neles o amor à pátria arde no sangue – disse um banqueiro.

- Vão a merda, *maricões*! Exclamei com toda fúria que me consumia esses dias. Fui para casa e meu amigo me esperava. Conte-lhe o incidente.

- A Serpente Emplumada quer voar – foi toda sua resposta.

Não estava eu com animo para essas coisas, lhe dei as costas e me fui para minha habitação. Quando me acalmei, o encontrei repassando o caderno em que eu apontava seus comentários e observações. Estava corrigindo algumas coisas.

- És um bom jornalista e tens boa memória – me disse – Hás cometido poucos erros.

De cada coisa notável de meu amigo, havia não só anotado suas palavras, senão havia descrito a cena com luxo de detalhes, nomes, lugares, fachadas, etc. Me pediu que

destruísse toda referência pessoal, tudo o que fosse um lugar, uma fachada, um nome. Deixei somente os fatos que podiam retratar-lhe a ele e dessas notas, sai este relato.

Muitos dos espões e agentes secretos com quem eu havia tido contato, tinham fugido a tempo. Os inimigos destes agentes, a serviço de outro país, também começaram a me vigiar mais estreitamente. Não cabia já dúvida que meu jogo estava descoberto. Um dia soube que alguns espões que me conheciam, estavam presos. Como de costume, confiei tudo a meu amigo e ele me disse:

- Os que estão presos te hão delatado; os que hão fugido te hão falado em outros países. E estes estão te usando.
- Que fazer? – lhe disse.
- Recupera tua hombridade. Ou entrega-se arbitrariamente e conta toda a verdade, ou segue até o fim e que venha o que venha.

- Seguirei até o fim – lhe disse, com esperança de que ocorresse algo a meu favor. Começava a sentir certa repugnância até de mim mesmo e confiei isto a meu amigo.
- É natural – disse - . O sonho se converte em pesadelo porque já se dissipa o efeito das drogas psíquicas que tem estado tomando durante todo este tempo. Porém não te desespere. Algum dia descobrirás o enorme segredo da confissão e seu valor, e então saberás que a Serpente Emplumada pode voar.

Foi nesses dias quando descobri que meu amigo era um ator consumado, que podia mudar sua aparência quase a vontade e que podia transformar-se em quem quisesse. O incidente que me permitiu esta nova bajulação começou certa noite em que alguns políticos com quem estava eu em estreito contato na conspiração me chamaram com grave urgência. Nos citou um lugar longe do centro da cidade. Quando eu saía de minha casa, agitado ante ao tom de urgência com que me havia chamado, encontrei a meu amigo:

- Ocorre algo grave. Fulano está me chamando. – Acompanhe-me – lhe disse.

O problema era que um dos conspiradores, diretor de um periódico de batalha e que tinha este então uma circulação bastante notável, havia recebido uma advertência confidencial. Essa mesma noite lhe iam deter e encarcerar. Ele não duvidou da veracidade do aviso. Se lhe havia falado um policial que iria tomar parte ativa no assunto. Este policial devia certos favores de consideração ao diretor e ademais estava sendo pago pelo grupo conspirador. O problema era ajudar o diretor a fugir e pensávamos que sua fuga poderia ser utilizada como fim de propaganda. De imediato era, sem embargo, fazer-lhe desaparecer antes de que a polícia o capturasse. Discutíamos vários planos quando meu amigo interveio.

- Pode apelar para o direito de asilo. – disse.

Foi uma indicação valiosa. Eu corri ao telefone e chamei a um amigo diplomata. Estava a ponto de dizer-lhe nosso propósito quando meu amigo me tapou a boca com a mão e me advertiu:

- Diga-lhe que irá imediatamente a sua embaixada e que deixe a porta aberta porque chegarás de automóvel.

Assim o disse. Este diplomata era um dos que se haviam beneficiado com minhas coisas, de modo que cedeu facilmente.

Saímos da reunião, o diretor, meu amigo e eu. Tomamos um táxi e quando estávamos a ponto de dar a direção da embaixada, meu amigo deu uma direção completamente oposta. Viajamos durante meia hora em silêncio. Não detivemos em uma pastelaria noturna. Só quando estivemos sentados em uma mesma me dei conta do porque das precauções de meu amigo. A polícia nos havia seguido. Eram agentes que não podiam simular sua condição. Vi como um deles telefonava. Meu amigo também o viu e disse:

- Não se atrevem a agir sozinhos. Estão pedindo ajuda. Agora utilizaremos um truque muito antigo.

Dizendo isto se pus em pé e partiu reservado. Nós o seguimos. Em um W.C. trocou de roupa com o diretor. Ambos eram mais ou menos da mesma altura. Fizemos logo uma saída deliberadamente suspeita, um por um, no entanto os agentes da polícia nos olhavam. Nos reunimos os três na esquina e vimos aos dois agentes acercarem-se de nós com péssimo fingimento. Quando estavam relativamente perto, meu amigo iniciou uma comédia de forma tão natural que quase caí na gargalhada. Fez uma espalhafatosa despedida, convidando-nos para o dia seguinte em tal lugar há tal hora.

Eu estava perplexo. Meu amigo havia imitado com perfeição a voz e o acento do diretor do diário. Até caminhou da mesma maneira. Aproximou-se da calçada, chamou um táxi e partiu. Em poucos minutos vimos como os agentes partiram atrás dele.

O diretor do diário e eu estávamos assombrados. Ele disse:

- Muito nobre o gesto de seu amigo. Quem é?

Eu não respondi. Ao ver a polícia partir atrás dele me invadiu um temor mui singular. Estava muito bem informado acerca dos métodos da polícia para ignorar a sorte que lhe esperava se lograssem apanhá-lo. Comecei a sentir uma ira abrumadora contra esse jornalista que estava agora a salvo, livre do perigo de ser torturado pela polícia. Em troca, meu amigo, não só o maltratariam confundindo-o inicialmente com o diretor, senão que terminariam dando-se conta da verdade dos fatos no dia seguinte quando a embaixada X notificasse o governo acerca do diretor que havia sido exilado. Enquanto pensava todas estas coisas, este homem que estava comigo falava de modo mais insuportável. Eu não prestava atenção. Porém alcancei a colher uma frase com que terminou um discurso:

- A luta pela liberdade de imprensa por certo que é amarga.

Esta frase caiu sobre mim de tal forma que não pude menos que sentir um desprezo indescritível por todos os conspiradores deste tipo, homens que sempre utilizam os sentimentos alheios para sair bem livrados e logo safar-se com o sacrifício alheio.

- Maricão! – Lhe gritei cheio de raiva.

- Como disse? – Me perguntou estranhado.

Tomei-lhe pelo colarinho, o empurrei contra a parede e voltando sobre ele todo meu ódio contido em minha mente, lhe disse:

- Disse-lhe que é você um *maricão*. Digo-lhe agora que você e toda sua coleção de *maricões* podem ir-se a mesma merda com toda sua liberdade de imprensa. Meu amigo nada tem a ver com estas porcarias. E que eu me arrisque não tem importância porque estou com vocês unicamente para ver o modo de salvar a mim mesmo. Eu sou tão sem-vergonha e tão hipócrita como vocês. Porém não me engano. E se agora lhe vou ajudar é porque necessito para ajudar-me a mim mesmo. O que devia fazer é quebrar-lhe a cara e entregá-lo à polícia para que eles terminem com você. Preocupa-me meu amigo e não vocês e suas imbecilidades. Vamos, imbecil; lá na embaixada lhe espera café, conhaque e cigarros e uma cômoda cama para que sonhe com toda a glória que lhe vou a fabricar com a crônica que escreverei sobre isto.

O estranho era que, ao mesmo tempo em que raiva sentia certa compaixão por este homem. Era um daqueles da legião de iludidos que nos primeiros tempos da revolução haviam considerado impossível que um aventureiro se adonasse do poder. O que mais me irritava é que havia se enclausurado no sonho de que o povo ia se defender o que até então era tradicional nesse país e que ninguém havia ousado tocar. Porém já os fatos o haviam

sacudido. E agora se achava pouco menos que perdido, sem saber o que fazer, a não ser pedir ajuda a quem quisesse dá-la, como meu amigo.

Quando estávamos no táxi, me certifiquei de que ninguém nos havia seguido. De todas as formas, para maior segurança, trocamos de táxi várias vezes. Durante a manobra começou a dar sinais de medo. E quis entabular uma conversação. Lhe disse bruscamente:

- Cale-se!

- Mas...

Não lhe deixei continuar. Tomamos o primeiro táxi que passou, e partimos até a embaixada X.

- Tem dinheiro consigo? – Perguntei ao diretor.

Sacou sua carteira e me disse:

- Quanto necessitas?

- Tudo isso -, lhe disse e lhe arrebatei a carteira da mão.

- Vou ficar sem um centavo.

- Porém com o pelo sem um arranhão.

Não paguei algo sequer.

- Você pode obter dinheiro em qualquer parte. Este dinheiro irá a esses rapazes que tem perdido sua liberdade e quem sabe até a saúde por sua causa.

- Você está a favor do Fulano - , me disse o nome do ditador.

- Pense o que lhe dê na gana. Já não me importa nada.

Entreguei-lhe na embaixada. Consultei com os funcionários até que ponto poderia me estender em meus escritos. Nos colocamos de acordo e a escrevi ali mesmo. Me alegrei muito quando o embaixador me disse que conforme o direito internacional não podia fazer figurar uma entrevista política com o exilado. Senti-me agradecido por isso, ao menos diminuía o caudal de mentiras que escrevia acerca dele; o havia pintado como herói, como um homem audaz que havia logrado burlar os capangas do ditador.

O embaixador de X, um dos poucos homens sóbrios e sensatos que havia então na diplomacia neste país, sorriu quando lhe mostrei minha crônica.

- Porque não ganha a vida escrevendo novelas policiais? - me disse.

Neste instante chegou o moço com café, conhaque, cigarros e sanduíches. Pouco tempo depois chegou o secretário do embaixador com o exilado. Olhou-me com reprovação e me dei conta de que estava inteirado do incidente e do dinheiro. Pediu uma palavra a sós com o embaixador, porém eu me adiantei:

- Senhor embaixador – lhe disse – Um amigo a quem quero muito está possivelmente agora nas mãos da polícia para que este homem se salve. Este indivíduo é par mim uma notícia e nada mais. No táxi tirei seu dinheiro. Aqui está (e coloquei a carteira sobre a mesa). Não o contei, porém vou ficar com ele, e o uso que o darei é coisa minha. Nesta crônica você viu como digo que este homem, em um gesto final, entregou uma forte soma para ajudar a causa e aos que lutam pela liberdade. Pois vou a converter esse gesto em uma verdade literal. Vocês são testemunhas que este homem agora faz uma doação voluntariamente.

O embaixador estava incômodo e molestado. O secretário, surpreendido ante minha audácia. O exilado me olhava com a boca aberta. Porém o mais surpreendido de todos era eu mesmo. Não quero de forma alguma me justificar denegrindo esses revolucionários no salão, porém tampouco posso deixar de mencionar que me produziam já um asco insuportável, e que este asco se estendia a mim mesmo. Dava-me conta de que estava pegando um homem caído, um homem que havia colocado sua vida e sua liberdade em

minhas mãos. Meus sentimentos eram sumamente contraditórios. Olhei-lhe ameaçador e com um tom de voz que jamais havia suspeitado em mim, lhe disse:

- Bem,... Que diz você?

E ele começando um pouco torpemente, olhou o embaixador e me disse:

- Compreendo que o inesperado da decisão de seu amigo o haja alterado. Portanto, lhe desculpo a maneira como me tem tratado. Você é um ser nobre que está tratando de ocultar sua nobreza. Disponha desse dinheiro e permita-me dizer-lhe obrigado por tudo.

Estendeu-me a mão. Eu senti tal repugnância que a duras penas alcancei dar-lhe a minha. Senti-me sujo por dentro, sujo de coração. E parece que este falou em mim:

- Disse-lhe que sou qualquer coisa menos nobre e desinteressada. Sou tão mentiroso e tão sem-vergonha como você. Ao menos não sejamos hipócritas.

O embaixador interveio neste instante:

- Se não lhe conhecesse lhe pediria que fosse embora neste instante. Você está alterado. Não bebas mais. E quanto a seu amigo, mesmo que o senhor se entregue voluntariamente à polícia, ninguém pode ajuda-lo. Eu por certo que não posso fazê-lo sem converter meu governo em um partidário aberto de seus atos. Demos por encerrado este fato. Oficialmente só sei que o senhor veio pedir-me exílio e eu lhe outorguei. Fora isso não sei nada mais.

Trocamos meia dezena de frases protocolares. O exilado se foi com o secretário. O embaixador fechou a porta e ficamos a sós. Conversamos durante um longo tempo sobre coisas que nada tem a ver com esse relato. Quando nos despedimos me disse:

- A única coisa que te peço é que não me converta a embaixada em um hotel. Já temos passado por isso na Espanha e estou um pouco velho para essas coisas.

Essa noite não pude dormir pensando na sorte do meu amigo. Tratei de contatar um espião no corpo de polícia, porém não consegui contatar com ele. Porém na manhã seguinte, há primeira hora, meu amigo se apresentou em minha casa. Eu estava com os olhos irritados pela falta de sono, pelo excesso de álcool que havia bebido a noite toda. Seu sorriso me infundiu ânimo. Alcei-lhe por cima os braços e estive a ponto de chorar de alegria. Porém ele me acalmou com seu tranqüilo:

- Não percas a cabeça.

Preparamos café. Antes do desjejum me fez tomar efervescente e me aconselhou:

- Não te caíria mal um banho turco. Será interessante ver a este gordito da polícia transpirar junto conosco.

Referia-se ao agente que me seguia os passos.

Eu lhe contei todo o ocorrido na noite anterior e esperava que me reprovasse, porém a única coisa que disse foi:

- Já hás começado a dar-te conta de que a liberdade que todos falam é um mito fabricado por eles mesmos e para si mesmos. Hás começado a ser sincero contigo mesmo. O que agora sentes como repulso é justamente o primeiro sabor da liberdade.

- Porém eu o roubei o dinheiro, abusei da sua condição. Eu tenho bastante dinheiro e ademais deixei o embaixador em uma situação incômoda

- Às vezes sabemos muito de coração, porém nossa inaptidão mental distorce tudo. O interessante é que não te hás ocultado atrás de alguma frase altissonante para justificar tua violência. E quanto ao embaixador, não te inquietes. Te tem visto como te vejo eu. É um dos nossos.

- Quem são os nossos?

- Já irás os conhecendo com o tempo. Quem tem olhos para ver reconhece sempre os seus. Por outro lado, esse dinheiro te fará falta.

11

Creio que meu amigo podia adivinhar o provir. Nenhum de seus prognósticos haviam falhado até então. Este tão pouco. Enquanto corria a notícia do que eu havia feito, isto de haver ajudado a fugir o diretor, minha vida sofreu outro baque inesperado. A parte obscura de minha conduta, naturalmente, ficou em silêncio. Os distúrbios na cidade aumentaram. Os estudantes agitavam-se com uma folga atrás da outra. Um dia chegaram dois em minha casa. Meu amigo me ajudou a fazer-los fugirem a um país vizinho. Tomou o dinheiro que eu havia tirado do diretor (que já estava escrevendo suas heroicidades no estrangeiro e sua fantasia superava muito a minha) e o distribuiu entre ambos. Eu fiquei com um palmo de (...) ao ver-lhe fazer-se responsável por toda a situação e ouvir-lhe dizer que deveria eu agora me dedicar a despistar a polícia para ficar ele com as mãos livres para esta tarefa.

Pronto devíamos arrendar um departamento em outra parte da cidade. Durante várias semanas jogamos ambos a “Pimpinela Escarlata”. Meu dinheiro se esgotou rapidamente. O combustível estava racionado, porém meu amigo se esforçava para obter cupons. Utilizávamos automóveis diplomáticos e fiscais para nosso empreendimento. Quando vi que o dinheiro se esgotava comecei a obtê-lo mediante ameaças aos senhores do aristocrático clube de onde ainda planejavam a maneira de dar “apoio moral” a estes estudantes. Os espões com quem, todavia mantinha relações se somaram ao nosso empreendimento e ainda contribuíram também com dinheiro. Meu amigo assumiu a direção efetiva e real de todo o sistema que foi montando-se velozmente. Tinha um modo mui discreto de fazer as coisas para que ninguém houvesse pensado que os planos os elaboravam ele.

Por minha parte, eu estava com os nervos desfeitos. Meu amigo se limitava a observar-me. Aumentei as doses de estimulantes para me manter desperto e ativo. De dia tinha que desempenhar minha função de jornalista como se nada anormal ocorresse. De noite tinha que ajudar meu amigo. Aprendi muitas coisas pela necessidade. Um dia, em uma hora tranqüila que tivemos para conversar, lhe contei, a meu amigo, o quão mal me sentia por dentro, quanto asco me produzia já esta vida de enganos, mentiras e sobressaltos. Ele se limitou a sorrir.

Poucos dias depois chegou a hora da desilusão.

Uma manhã, era no fim do verão, chegou uma batida policial a minha casa. Um deles – enquanto os outros revisavam minhas gavetas, cortavam o telefone e cumpriam seus preparativos para prender-me – preparou o desjejum para todos. Todos foram mui amáveis e gentis. Apenas um estava sentado em um sofá com uma automática na mão. O extraordinário é que ante tudo isto, comecei a sentir-me tranqüilo, sereno. E disse a este policial armado:

- Amigo: guarde sua pistola. Asseguro-lhe que estou demasiado cansado para resistir o sequer tratar de fugir.

Minha casa ficou a cargo da polícia. Eu fui parar em uma delegacia onde me submeteram aos interrogatórios mais absurdos possíveis. A julgar pela maneira como me faziam as perguntas mesmas, parecia que eles necessitavam construir um caso tão

sensacional que servisse de base para algo igualmente sensacional. Estiveram a ponto de persuadir-me que eu era o ser mais perigoso que pudesse existir. Porém eu já não tinha resistência alguma, nem interna, nem externa. Pela falta do estimulante, meu sistema nervoso repousava. Eu dizia que sim a tudo, e não me dava a moléstia de negar nada. Os cargos eram tão fantásticos, que eu assinava uma declaração atrás da outra sem sequer lê-las.

12

Assim terminou minha vida. Minha carreira também. Esperava ver-me envolto em algumas daquelas crônicas escandalosas similares as que eu mesmo havia escrito muitas vezes. E ri de mim mesmo. Pensei que seria justo servir de tema alguma vez e não me preocupei em absoluto o que bem sabia que diriam de meus diários, nem o que pensariam meus companheiros. Nada me importava, nem um pouco. Só queria descansar.

Porém a polícia se encarregou de deter o escândalo a tempo. Por meu amigo, algum tempo depois, soube que haviam ordenado que os diários dissessem que eu não estava detido e que possivelmente estava veraneando em algum lugar. O verdadeiro motivo desta decisão, somente eu a conhecia, porém este assunto é tão turvo que não corresponde a este relato e neste assunto não interveio meu amigo para nada.

Durante os primeiros dias de exílio em uma cela, tratei de recordar muito das coisas que meu amigo me havia dito e que eu havia anotado. Porém não tinha meu livreto a mão. Comecei a ver a vida e as coisas humanas de um modo mui curioso, como se estivesse esilado delas. Isso se deveu a que em um momento recordei algo que Ele me havia dito acerca da chave de O Sermão da Montanha, de uma chave que estava oculta nas primeiras frases: "E vendo as pessoas, subiu ao Monte".

Minhas desilusões e tudo o que havia contribuído com isto, seria isto o "ver as pessoas" de que falou meu amigo? E o que seria "subir ao Monte"? Pensei que o monte seria algo como a tranqüilidade interior que me invadia ao recordar meu amigo, uma tranqüilidade como se soubesse que Ele me daria todas as respostas a todas as perguntas que começava a me formular. Por certo que neste exílio pude ver a revolução, minha carreira, meus anos de juventude de um modo bem diferente. Dei-me conta de quão ignorante, quão inútil havia sido minha agitada existência e que uma vida assim não poderia conduzir a parte alguma, que não tinha sentido.

Não me pude explicar o que havia ocorrido com os sentimentos daqueles estudantes, amedrontados ante ao perigo policial, que haviam concorrido a minha casa em busca de ajuda. Não poderia explicar-me como era possível que agora e voluntariamente, estivessem declarando em mim contra o sumário.

Eventualmente fui enviado a um cárcere e fiquei em paz.

A primeira visita do meu amigo ocorreu na presença do comissário interrogador. Perguntei-lhe pelos amigos, e sua resposta foi típica:

- Aqui estou, me diz.
- Não estou me referindo a ti, senão a fulano, beltrano, siclano, etc.
- Olhou-me compassivamente e com um tom fictício contestou:
- Esses? Esses são homens livres. Estão desfrutando de uma formosa sesta.
- Imagino que estão indo bem.
- O único que está indo verdadeiramente bem é você. Porém não o entendes todavia.

E dirigindo-se ao policial interrogador, diz:

- Este homem necessita descanso. Sobre tudo, necessita refletir. Poderia você ajudá-lo? Já que você estudou filosofia quisera algumas palavras suas lhe sirvam de algo.

Ignoro que conversas prévias havia tido meu amigo com este policial. O caso é que pareciam ser amigos de confiança. O policial, aclarando a garganta e em tom de conferencista que vai elucidar o mistério da vida, começou a falar tal cúmulo de vaidades que tive que disfarçar meu riso acendendo um cigarro. Não me atrevi a olhar meu amigo nos olhos. O discurso terminou mais ou menos da seguinte maneira:

- Nós prestamos um serviço ao Estado para o bem da comunidade. A pátria está acima de tudo. Porém, também somos humanos. Você confessou. Nos tem agregado trabalho e dinheiro. Até que as autoridades deliberem sobre seu caso, eu me encarregarei para que passes bem. Os delitos políticos merecem nossa consideração de cavalheiros. Isto é como uma luta de boxe: Você há perdido, nós temos ganhado. Isto é tudo.

Sua hipocrisia era repugnante. Eu havia visto alguns dos rostos dos estudantes que haviam acudido em demanda de auxílio a minha casa. E me dei conta de que meu amigo, de algum modo, havia influído sobre este homem para que se convencesse de suas próprias palavras.

O Polícia sacou um jogo de xadrez. Pediu café para todos e começou a partida. Durou várias horas e pude dar-me conta de que meu amigo fazia um jogo de comédia; simulava esforçar-se para ganhar, porém perdeu deliberadamente. Ao final, o policial disse:

- É preciso que joguemos outra vez. Quanto me há custado vencer-te!

O Homem estava radiante. Durante a partida o havia visto empalidecer entretanto. Ao final disse mui amavelmente:

- Temos que festejar esta vitória. Rogo-lhe que aceite meu convite a um jantar.

Meu amigo me olhou a mim antes de responder, porém o policial agregou:

- Iremos com ele também; porém seria bom que empenhasse sua palavra de honra de que não tratará de fugir.

Meu amigo disse:

- Eu respondo por ele.

A comida da prisão era odiosa, de modo que desfrutei com a idéia de um jantar em um bom restaurante. O policial sacou do armário do escritório a pequena caixa-forte de metal de onde eu sempre tinha uma boa soma em efetivo e que a polícia havia seqüestrado “para a investigação”. Vi-lhe encher o bolso com um punhado de notas.

Jantamos bem e alegremente, os três. Meu amigo era uma pessoa completamente distinta. Parecia admirar a este policial, como uma criança admira seu pai. A conversação se entabulou entre o policial e eu. Vendo-lhe tão vaidoso, lhe disse:

- Veja, você. Minha carreira como jornalista há terminado graças a Você. Porém creio haver descoberto uma possibilidade para o futuro. Conte-me você, suas perseguições mais interessantes e juntando isso com os antecedentes que eu tenho do serviço secreto, poderia escrever um bom livro de aventuras. Este é um gênero pouco cultivado em nossos países.

- Eu pensarei – me disse gravemente. Depois de um momento agregou, - Sim, creio que você o poderia fazer bem. Tenho lido seus escritos e me agrada seu estilo.

- Obrigado, lhe disse.

- Como você se descreveria a mim?

- Bem, seria necessário primeiro desfigurar seu nome, não é verdade? Porém fazê-lo de tal forma que se soubesse de quem se trata. Logo teria que modificar sua descrição física. Estes são detalhes importantes. Creio que seria melhor que o personagem o descrevesse você que tem mais experiência na psicologia da contra-espionagem. Eu só conheço a da espionagem e não é muito boa que se diga, haja vista que estou preso.

- Parece-me boa idéia. Que pensa você? O perguntou a meu amigo.

Eu me pus a tremer. Qualquer expressão cáustica de sua parte poderia piorar minha situação. O olhei com olhos suplicantes. E ele, sem tirar os olhos de mim, contestou:

- Quem ignora sua própria psicologia, ignora a dos demais. Não é verdade?

- Desde logo, desde logo – disse o policial olhando mui gravemente o mantel, como se ponderasse algum grave problema filosófico.

Meu amigo continuou:

- Posto que a ignorância de si mesmo faz que um veja sempre distorcida a verdade, que não caia nem sombra dela, creio que há uma diferença notável entre a sua psique e a de meu amigo. Para os fins desta novela, cujo herói é um agente de contra espionagem, você resulta o mais indicado para descrever-lhe, porque assim não distorcerá, nem um ápice, sua própria concepção subjetiva. Naturalmente, posso estar equivocado; já veja você que quando o tinha em xeque, você demonstrou fielmente aquela qualidade que acabo de citar. Se me equivoco, lhe rogo que o diga.

O policial parecia haver se elevado às nuvens. Seu sorriso era tão grande que tive que fazer um esforço para conter meu riso. Ponderou as palavras de meu amigo com uma expressão tão grave, que por um instante, pensei que se havia dado conta de que, em resumo, meu amigo lhe havia dito: “imbecil”. Porém meus temores não tinham fundamento. Ao passo, alçando a cabeça como quem houvesse tomado uma gravíssima determinação, nos disse:

- Suas observações são sumamente atinadas. Desde logo, não está você equivocado. Minha concepção subjetiva é justamente um dos tantos talentos psicológicos que me tem permitido ter um extraordinário triunfo em minha carreira. Como bem disse você, a enorme diferença entre a minha psique e a do senhor (não deixou de nos chamar a atenção o “senhor”) me permite justamente uma percepção subjetiva tal que da filiação – perdoem-me vocês a terminologia policial – do herói de serviço de contra-espionagem resulta um capítulo interessante.

Eu o olhava de boca-aberta, porém ele continuou:

- Não lhe estranhe, querido adversário – me disse -. Eu nasci com um grande talento psicológico. A verdade é que me custou muito persuadir meus superiores para que adotássemos um método psicológico para nosso serviço. O imperativo categórico faz-se desnecessário os métodos antigos cheios de brutalidade. A psique é um fator importante na espionagem e na contra espionagem. Você perdeu este *round*, querido contricante, porque

você é somente um aficionado nas questões da psique; não deveria ter se afastado de sua profissão de jornalista.

Este homem enamorou-se rapidamente das palavras “psiquis” e “subjetivo”. Durante minha prisão pude ouvi-lo muitas vezes explicá-las a seus subordinados.

Meu amigo o manejava a seu gosto; obtinha dele o que queria, porém nunca fez o menor esforço para obter minha liberdade. E quando o questionei, me disse:

- Estás melhor aqui do que lá fora. Ao menos aqui estás bem acompanhado e até é possível que despertes.

Passaram os meses.

Quantas partidas de xadrez deve ter jogado meu amigo com este homem?

Porém, já chegaremos ao final desta história.

Uma tarde, meu amigo chegou ao cárcere e me diz:

- Fulano (o da "psique subjetiva") me diz que te deportarão dentro de duas semanas, ou quiçá antes. Te tratará bem até então. Eu devo marchar-me, porém nos veremos ainda.

Não pude ocultar minhas lágrimas. Óbvio era que ele também o sentia, porém estava tão protegido por seu sorriso e serenidade que não revelou seu carinho e boa vontade. Foi então que me falou acerca daquelas qualidades indicativas da "promessa de um despertar".

Fiquei só e amargurado.

Ao passo de dez dias fui notificado de minha expulsão. Também me informei que minha filiação havia sido enviada a todas as polícias de todos os governos do continente e que vários deles, cada um de sua maneira, haviam agregado ou suprimido algo obtido de “fontes reservadas e confidenciais”. Bem sabia eu quem constituía estas fontes e os motivos de sua contribuição ao meu dossiê, porém isso já não tinha importância.

Toda esta época a vejo agora, tão remota que me consta recordar alguns incidentes. A futilidade de alguns homens é uma coisa tão patética em certos casos que talvez a isso se refira meu amigo, quando fala dos homens de barro no escrito que vai em continuação a este.

Porém ainda falta a última cena ao seu lado e o que ela determinou.

Numa manhã de maio, parti num trem internacional com destino a um país fronteiriço, justamente ao país que havia enviado aquele simpático sem-vergonha agente confidencial que me obsequiou a carteira. Uma hora antes de enviar-me ao trem, o “imperativo categórico da psique subjetiva” me fez conduzir a seu despacho e em tom solene me disse:

- Jovem: se de mim dependesse, o deixaria em liberdade. O teria deixado marchar há muito tempo. Total, uma vez descoberto seu jogo, o espião é coisa inútil se não morto. Isto é o que importa a mim. Pode você refazer sua vida conforme seus desejos. Aqui tem o argumento geral de minhas mais importantes pesquisas de contra-espionagem. A você faço figurar como o mais difícil de todos. Naturalmente que tive que exagerar a nota neste caso, a fim de pôr sua psique a altura da minha. Recomendo-lhe não alterar nada deste capítulo em que exponho minha psique. Tenho-me dissimulado o máximo que tenho podido. Estou a suas ordens.

Mudou o tom de voz, voltou a seu escritório, sacou de minha caixa-forte o dinheiro e agregou:

- Quanto a sua viagem, a lei lhe permite sacar do país, somente tantos pesos. Quando foi detido, havia nesta caixa tantos pesos (sete vezes mais que a lei permitia levar). Em consideração a simpatia que você há despertado, lhe permitirei levar o dobro do que autoriza a lei. Se há gastado tanto (mais da metade do original) em sua manutenção. Do resto disponha você como goste.

Como já nada podia me causar assombro, lhe disse:

- Seguramente cairá em suas mãos algum outro espião de psique tão baixa como a que tenho eu. Rogo-lhe utilizar a favor dele o que sobre do meu dinheiro, como obséquio de um colega a outro. Quem sabe o outro não disponha de dinheiro.

Entregou-me o dinheiro, o passaporte etc. e sem esperar que eu tivesse ido, tomou o saldo e meteu em seus bolsos. Nos despedimos e quando estava na porta, voltei-me e lhe disse:

- Vou viajar até a fronteira com um dos seus homens. Qual deles guardará este dinheiro?

Tinha razões para duvidar do altruísmo dos policiais.

- Conforme a lei, deve guardá-lo o agente que lhe acompanhe e entregar-lhe na fronteira. Porém em seu caso faremos uma exceção.

E chamou o agente que aguardava na porta com as algemas prontas para pô-las em minhas mãos.

- Este detido vai a seu cargo por ordem do ministro e leva 2 pesos consigo. Isto há sido autorizado oficialmente. Os levará ele, entendido? Ademais, não haverá necessidade que lhe ponha as algemas. Vão como amigos.

- Sim senhor, respondeu o agente.

Quando marchamos, voltou a chamar o agente e pude ouvir que ele dizia:

- Seguramente quererá comprar algo especial na viagem. Tenha.

Era óbvio que lhe havia entregado uma parte dos fundos que eu havia deixado à futuros espiões desprovidos de uma “psique subjetiva”. O agente saio radiante, e com a maior das considerações, tomou minha maleta e me disse:

- Quando quiser, senhor.

A viagem durou dois dias e uma noite.

13

Durante a viagem, repeti a mim mesmo "E vendo as pessoas", sem conseguir tirar nada a limpo, salvo uma desilusão completa acerca do gênero humano e de mim mesmo.

Devia ainda viajar cinco dias e atravessar dois países antes de chegar ao ponto onde queria residir e aonde esperava achar trabalho como jornalista.

Ao chegar a fronteira me despedi das pessoas. Era um bom rapaz.

Fiquei sozinho na cabine do trem. Pensei em meu amigo. Possuía demasiados dilemas que não sabia como confrontar. Minha reputação estava pelo chão. Seria difícil para mim achar trabalho em um cargo de responsabilidade como o que havia tido. Como muitos, eu havia sido mais uma vítima nessa enorme máquina que é a guerra total. Não contava com amigos além dele. E esperava confiado o momento de vê-lo novamente, pois o havia prometido e era seguro que o cumpriria.

Inesperadamente, em uma estação passada a fronteira, subiu ao trem.

Tens aprendido já bastante? - me diz -, Vamos ver se podes tirar proveito desta lição. É possível que ainda devas sofrer como resultado de tudo o que fizeste. Porém, não desesperes. Procura prestar atenção naquele juiz interno de que te falei. Se assim o fazes, se não aprendes nada de novo, com o tempo terminará a inércia das coisas que tu mesmo tens posto em movimento.

Isso foi a última coisa que me diz. Me entregou o livreto de apontamentos das coisas que havia anotado e não voltei a saber mais dele, salvo quando recebi a carta que reproduz mais adiante e que pediu que publicasse em parte.

Ao chegar a cidade de onde devia fazer certas gestões para poder seguir viagem, encontrei a mesma situação política que acabava de deixar para trás. No dia seguinte a minha chegada, recebi a visita daquele agente confidencial, o da carteira.

- Fico feliz que tenhas vindo, me diz. Aqui podemos utilizar seus serviços.

- Obrigado por recordar-me, lhe respondi. Porém estou cansado. E lhe expus minha situação pessoal, minhas obrigações e o sofrimento que havia causado aos meus.

- Não se preocupe por isso, insistiu. Sua experiência nos será valiosa. Não há nada arriscado. Ademais, lhe pagaremos bem.

- Reitero minha gratidão, porém prefiro seguir viagem.

Porém ele mudando de tom diz:

- Não estás você em condições de rechaçar nosso pedido. Se quisermos poderemos detê-lo novamente como suspeito. Você conhece bem nossa situação e lhe asseguro que nós não vamos permitir que amigos diplomáticos o ajudem. Você não tem amigos aqui, tem muito pouco dinheiro e não poderá encontrar trabalho.

- De todos os modos, lhe diz, suponho que você não irá se aproveitar da minha situação para obrigar-me a fazer algo que não quero fazer.

- A pátria está acima de tudo, contestou.

Não pude conter um sorriso de desprezo.

- Bem sei que aqui as garantias constitucionais estão suspensas, que devem vocês se protegerem abaixo de um permanente estado de sítio. Sei que estou em uma situação desmerecida e que dependo de vocês para poder reintegrar-me aos meus. Porém assim e tudo, creia-me também que prefiro que me matem antes de seguir neste trem de farsa e mentiras.

O homem se posicionou lívido. Me cruzou a cara com um golpe e eu que em alguns meses antes o teria matado ali mesmo, me senti sujeito e não diz nada, nem fiz nada. Algo estranho ocorreu em meu interior, algo que não posso explicar e não obstante, não era medo. Era algo mui singular. Ao sorrir, percebi uma grande calma no peito. O homem se sentiu envergonhado, lançou meia dezenas de ameaças mais e se retirou. Desde o balcão do hotel o vi sentar-se em um banco na praça pública. Ao cabo de uns momentos, enquanto me recuperava, voltou a apresentar-se.

Desculpe-me, me diz, Devia haver tido em conta tudo o que você acaba de sofrer. Porém lhe rogo que aceite o convite do ministro (citou o nome) para almoçar. Quisera então mude de opinião.

Não me neguei.

O motivo do almoço era mui simples. Havia uma conspiração em marcha para derrubar o presidente e colocar o ministro em seu lugar. Para isto era necessário sondar certos ambientes. Lhes expliquei que profissionalmente estava desacreditado.

- Isso o podemos resolver facilmente, me diz.

Nomeou um diário de oposição e me deu a entender que os proprietários, que também eram donos de grandes interesses na riqueza natural do país, não veriam com maus olhos minhas colaborações.

- Não, lhes diz, estou cansado de tudo isso.

- De todas as formas, pense uns dias. Em minha oficina tenho um dossiê muito interessante sobre você e sobre suas idéias políticas. Também me dou conta de que você é discreto.

Era uma ameaça que não podia passar despercebido.

Me encontrava novamente nas redes de uma dessas abomináveis intrigas políticas dos países sul-americanos, uma máquina cheia de mentiras, crimes e extorsões.

Desiludido, pensei, nesta tarde, em suicídio.

14

Senti que me afogava. Não podia fugir ainda que quisesse. A polícia me vigiava. Tomei uma transvia e parti para fora da cidade. Pela atitude das pessoas, por sua maneira de falar e por muitas indicações que um observador experiente facilmente aprende a levar em conta, adverti que qualquer um que iniciasse um movimento contra o presidente atual poderia triunfar. As pessoas também queriam desfrutar da liberdade de trocar de amos. Depois, novamente queriam depor a quem elas mesmas tivessem levado ao poder.

Os anos de mentiras somadas a mais mentiras haviam terminado por me fazer sentir desprezo não só por mim mesmo, senão a todo o gênero humano. Sem embargo, algo modificava-se em meu interior e notei que meu desprezo não era tão cáustico nem tão poderoso. Era algo assim como resignação ao ver as pessoas. Repeti a mim mesmo "E vendo as pessoas"; ponderei sobre isso, porém meus pensamentos voaram a meu amigo e esqueci isso.

De pronto me assaltou o desejo veemente de rezar.

Achei uma capela cheia de indígenas. Os observei e senti carinho por eles. Me acerquei em um canto e comecei a conversar como antes, com um Cristo Crucificado. relatei-lhe em detalhes tudo o que me ocorria e terminei dizendo assim:

- A julgar pelos fatos, parece que utilizei muito mal a inteligência que me destes.

Porque não me das uma nova oportunidade? Se te é possível, dai-me outra classe de inteligência, uma que não só me permita sair deste enredo, senão também que me permita viver em paz com meu amigo.

Elevei os olhos ao rosto de Cristo.

Não sei se seria a imaginação atizada pelo desejo, porém creio que o vi sorrir.

Quando voltei para a cidade, já de noite, me refugiei na habitação do hotel.

Sobre o velador encontrei uma mensagem de um ex-diplomata cujo quem havia conhecido muitos anos antes e que agora ostentava em seu membrete o título de Senador. Chamei o telefone que indicava e ele mesmo atendeu. Foi muito amável. Me disse que se havia inteirado de minha presença pela cidade, que conhecia minhas crônicas e periódicos e que tinha um vivo interesse em conversar comigo. Ofereceu vir ao hotel me buscar.

Me senti já sem forças para recusar.

Quando estivemos juntos nossa cordialidade era um artifício. O homem estava por todo enterrado, porém o dissimulava. Um senador não busca um jornalista para só recordar tempos passados em uma capital amável. Nossa conversa, durante a viagem, foi mais oca do que normal. Ao cabo que o automóvel de luxo em que íamos se deteve em frente a Casa do Governo.

O senador sorriu, como significando:

- Não esperavas, hein?

Jantamos no refeitório presidencial. Eu não tinha apetite. O disparo não chegou até depois, quando o senador, o presidente e eu ficamos a sós em um salãozinho privado. Se tratava de uma nova intriga, porém desta vez tinha que ser de maior envergadura. Devia ir a certo país, ativar ali uma campanha de imprensa dada que permitisse a este presidente coesionar as forças de seu partido e eventualmente todo o país.

Se for preciso, me disse, podemos até mobilizar.

A idéia de uma nova possibilidade de guerra me espantou. Porém conservei a calma e decidi contar-lhe minhas observações do dia, entre as pessoas. Durante todo este tempo me perguntava se estariam ou não informados da conspiração que havia no seio mesmo de seu próprio gabinete. Passei isto por alto e comecei a explicar que era impopular não por se mesmo quanto porque o povo carecia de necessária educação cívica, o que o convertia em fácil vítima de qualquer exaltado.

Tanto o presidente como o senador me falaram de seu profundo amor pela pátria, dos sacrifícios que haviam feito, dos que ainda deveriam fazer e de quão necessário era agora galvanizar a opinião do país fazendo-o ver o perigo dos inimigos, etc., etc., etc.

Não respondi. Senti asco. Quando saí dali do palácio não marchei ao hotel em um luxuoso carro, senão a pé.

Passaram os dias e as semanas. Minhas gestões para progredir viagem eram barradas por obstáculos por todos os lados.

Um dia de domingo, bem me lembro, começou aquela orgia de sangue que durou vários dias. Ouvi os primeiros tiroteios desde o hotel. Depois teve uma dança macabra e durante ela vi, em meio de uma multidão frenética e delirante, em sua embriaguez de sangue, o cadáver do presidente, mutilado. Correram rios de sangue. Nada estava seguro de nada.

Uma noite encontrei um compatriota. Me contou que havia aproveitado o tiroteio para fugir do cárcere onde havia estado preso uns meses. O tiroteio podia recomeçar a qualquer momento, de forma que decidimos roubar um automóvel e juntos fugimos a todo vapor até a fronteira.

Passou o tempo e encontrei um trabalho humilde.

Um dia, recebi a anunciada carta de meu amigo, indicando a parte que devia publicar juntamente com o demais.

A parte pertinente dizia assim:

A Serpente Emplumada tem que voar; quando saibas o que é O Vôo da Serpente Emplumada saberás o que tens que fazer; até então... Será notório que através dos séculos, vibre A Mensagem dos Imortais:

Desperte! Conheça-te a Ti Mesmo!

O misterioso impulso que fixa tua atenção nestes inscritos, não é senão o eco do grito que tem despertado a Essência Imortal do teu próprio sangue. E junto ao invocares as Forças Gloriosas da Vida, também estarás invocando as Sinistras Forças da Morte.

Tanto uma quanto outra são tu mesmo, de modo que não temas.

Afronte-as, Conheça-as, Domine-as.

Teu destino é ser Senhor das duas.

E ainda quando a princípio acredites haver perdido O Caminho que leva ao Despertar, jamais estarás só. E teu extravio não passará de um processo com que tua alerta inteligência, sacudindo a letargia de todo o mortal, ensaie tímidos passos por todos os sendeiros.

O importante é que obtenhas experiência.

Jamais pergunte a outro homem: “O que é que devo fazer?”; porque é a mais nefasta de todas as perguntas. Se a fazes a um ignorante, a um adormecido, o estarás convidando a arrastar-te ao sonho. Com o que haverás caído em dupla ignorância e te será duplamente difícil voltar a Despertar. E se fazes tua pergunta a um sábio, a um desperto, advertirás porque um desperto sempre contestará:

“Faz o que melhor te pareça; se nisto colocares todo teu coração, agindo sempre alerta, ganharás em riquíssima experiência”.

Ao passo que farás da Solidão e do Silêncio teus mais apreciados companheiros; sumindo-te com eles no mais profundo de ti mesmo, irás vislumbrando gradualmente todo o horror do Sonho que é a humana escravidão. E pelo mesmo, aumentará teu poderio para reclamar tua liberdade.

Nem todos escolhem esta senda que leva ao coração mesmo das coisas.

Se tens invocado teus amigos, também tens posto em guarda teus piores inimigos. Tanto uns quanto outros aparecerão em ti e ante ti de mil formas distintas, e a princípio os confundirás em teus primeiros passos. Teus amigos não serão sempre os mais gratos e amáveis, pois te irão privando de tudo quanto agora estimas. Então será quando teus inimigos, zelosos e sorridentes, demonstrarão ante tua visão interior, mil possibilidades para elevar-te sobre tua condição atual. E se chegares a ceder e a morderes o venenoso fruto que te oferecerão, cairás preso e estarás sujeito a tríplice cadeia de ilusão e de sonho que sempre se apodera do ingênuo que ignora o valor da experiência e da oposição.

Porém conhecerás bem a teus amigos, nos silêncios infinitos a que tu mesmo te lançarás ansioso e sedento de palavras de Verdade. Então sentirás fluir um “algo”, áspero ou suave, segundo a circunstância, e o mero fato de senti-lo te indicará que estás No Caminho até um completo despertar.

Porque esse Verbo, esse “algo”, és tu mesmo, o Amo, o Criador.

Estuda este texto atentamente. Com ele aprenderás a utilizar todas as tuas faculdades para Despertar.

Cada elo na Cadeia dos Imortais comporta um grão a mais para aliviar a carga de quem vem atrás, porém cada alma que se aventura nesta singular empresa, é um ensaio original da Vida para fazer deste planeta Terra, também um Mundo de Divina Vigília.

Cada homem que aspira esta vigília deverá abrir sua própria estrada e marchar só, atento unicamente ao passo do instante, sem se preocupar com o triunfo ou com a derrota, sem inquietar-se pelo seu fim terrenal.

Isto é viver o Eterno Agora.

De outro modo, não teria valor algum a experiência do Homem sobre o Planeta Terra.

O Caminho começa no corpo com os cinco sentidos.

Despertar é usá-los, e não confundi-los contigo.

Até agora tens pensado que teus cinco sentidos te informam sobre o mundo exterior. Não é assim, não há tal mundo exterior, nem há tal mundo interior. Estes são ilusórios conceitos que não podem penetrar mais além das formas. O Real é o que não é forma, e sendo A Vida, é tudo quanto É.

Observa que o arco e as flechas não apontam em uma mesma direção, senão em duas simultâneas. Entender e viver esta simultaneidade é a primeira rebelião da mente, rebelião que terminará pelo despertar do todo.

E se refletir um pouco no que trata de expressar esta simultaneidade, de pronto perceberás também que não és teu corpo, senão aquele que vive em teu corpo, que anima teu corpo e que por falta de melhor expressão, aqui chamo de Deus-Íntimo invisível.

Com teus cinco sentidos, atributos do teu eu-pessoal, do eu-forma, não te é dado a penetrar mais além da superfície das formas. Quando sejas conscientes de que teu Deus-Íntimo é quem usa teus cinco sentidos, te será dado a penetrar no significado, na Essência, no Espírito de todas as coisas, que também é Deus-Íntimo.

Latente no cérebro, impregnando o cérebro, se acha aquilo que se chama a mente, - aquilo com que podes conhecer o que captam teus cinco sentidos, e Quem capta por eles. E mais profundamente ainda está depositado o Coração, no centro mesmo de toda a tua vida. Deste centro, estendido a mente, haverá de brotar teu Deus-Íntimo, a Essência de tua Alma, anelante de viver em espírito e adorar em Verdade.

Observa também que o Pensamento e o Sentimento conectam teu eu-pessoal com teu eu-individual. A Consciência Desperta pode ser a Luz que reflete a Verdade de ti mesmo nas trevas de tua personalidade.

E porque são os sentidos da verdadeira vigília, são os que ao unir-se no que se chama de Espírito Santo, estabelecem o contato vigílico com Deus-Íntimo em ti e Deus-Íntimo fora de ti, um só Deus não mais, Deus-Pai com que tu podes comungar ajudado por Cristo, O Senhor.

Se em teu coração não arde uma inquietude que te abraça até a consumação de teu corpo, não poderás invocar nem a Deus, nem ao Espírito Santo. E não saberás pedir e por isso tua hora ainda não terá chegado.

“Velar e orar”, foi a herança que Cristo deixou aos audaciosos.

Velar é fazer-se todo Desperto; Orar é sentir um ardente desejo de Ser.

Mas, quem ore e quem vele, ainda quando o faça de um modo imperfeito, receberá generosa ajuda e tratará de aprender a recebê-la também generosamente...

A ajuda está Aqui, e é Agora.

SEGUNDO LIVRO

1

Sou o mais pobre e infeliz dos mortais, porém agora atingi o meu limite. Mas, para minha dita não há limites porque sou amado pela Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Maiab.

Por ela suspirei durante muitos anos e por muitas gerações aguardando que concedesse a mim a oportunidade de levar-me a Sagrada Terra do Maiab.

Mas durante todo o tempo que eu acreditava esperá-la e que acreditava aguardar a sua aparição, eu estava na realidade caminhando até ela e até à Santa Terra Bendita do Maiab.

Mas, como poderei descrever este andar de anos em desertos, em serras, este andar de um anelo solitário que só se vive quando o corpo se aquieta?

Como poderei dizer a quem lê esta obra em que consiste este andar para poder receber um só beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté?

Como poderia explicar a Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Maiab, e seu beijo que é o beijo que arrebatava os homens da morte e os leva à origem de sua linhagem Maia onde se encontra o caminho que na Verdade é a Vida?

Tenho-a visto envolvida em seu glorioso esplendor de simplicidade e luz, como jamais poderia imaginar o homem que prospera no vale dos sonhos, recorrendo a senda da morte.

Eu a beijei, e seus lábios encostaram nos meus levemente.

E essa leveza foi um toque de fogo que incendiou o meu sangue e deu vida à minha carne e com suas chamas consumiu a escória petrificada que me afastava dela.

Já transcorreu um tempo desde esse amanhecer de primavera quando eu caí desnudo ante ela, livre da infernal roupagem que são os sete mantos de toda a ilusão. E ao recordar seu beijo, meu coração palpita ansioso de consumir-se nela, e tudo em mim arde, transformando meu ser.

Nada me disse com palavras a Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Maiab.

Nada me disse com palavras e não poderia dizer-me nada assim, porque ela é como uma só palavra que é todas as palavras; e em seu olhar, que é a plenitude da vida que desperta a alma, há a luz que nos mostra a entrada da Terra do Maiab e nos envolve pelos séculos dos séculos, e faz dos homens de barro parte do Grande Senhor Escondido para quem não haverá nunca um homem capaz de descrevê-lo integralmente.

E nesse olhar, que é plenitude e amor da Princesa Sac-Nicté, aspirei o singular perfume que emana da mais pura flor do Maiab e em meus ouvidos ouvi:

Tens me visto, tu me conheces e tens gostado dos beijos dos meus lábios. Tu estás em mim e eu estou em ti, és eternamente meu. Não poderás esquecer-me jamais e minha recordação será teu consolo na solidão e tua emoção o trará a mim quando quiseres vir.

Poderia dizer algo a mais sobre isto ?

Oh ! Homem de linhagem Maia!

Faz-te olhos para ver, ouvidos para ouvir, abre-os, escuta e desperta para poder morrer também.

Morrer integralmente de uma só vez!

Porque a plenitude que ela é, a Princesa Sagrada Sac-Nicté, a Branca Flor do Maiab, só a encontram os homens em cujas veias corre o sangue da linhagem maia; são os que nascem para a vida, aqueles que foram incendiados com o beijo de seus lábios, e esse beijo é o beijo da mais doce morte porque é o beijar da Ressurreição com a qual verá a salvação de Deus.

Despertarás um dia e logo morrerás e serás livre, completamente livre para poder converter teu barro numa ânfora justa na qual possa o Grande Senhor Escondido dar aquela comida e aquela bebida, a única comida e a única bebida com que poderá saciar a fome e a sede de justiça de todo aquele que procura escapar do vale da morte para alcançar o ápice do Maiab.

Me aproximei dela, a Sagrada Princesa Sac-Nicté, Branca Flor do Maiab, em um amanhecer de primavera, numa das tantas voltas que a Terra também se aproxima do Sol para trocar beijos com ele, dar-lhe sua seiva e receber sua semente, e fecundar em seu ventre para que coma também daquele amor sua descendente, a Lua.

E é a seiva que nos dá a Terra e a semente que procura o Sol que nos faz compreender o homem e dar vida à Lua e servir e adorar tudo aquilo que nos deixou em herança todo o Filho do Homem, seja do Maiab, ou seja de Belém que é a casa do pão; seja do elevado Monte Sinai, ou seja nascido de baixo da sombra de uma sagrada árvore de Bo...

Esta é a herança da compreensão.

E a Sagrada Princesa Sac-Nicté é a amante que dá amor, é a mãe que oferece seus seios para quem queira amamentar-se dela; sem este amor ninguém verá a Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Maiab, porque o amor é a força que ela dá ao homem enamorado de seu encanto e que se faz a si mesmo servidor do Maiab.

Na noite anterior a seu sagrado beijo estava eu em trevas, buscando como uma criatura extraviada busca sua mãe quando tem fome, e eu queria agarrar a linha que me desse certeza e força para poder andar. E a chamava dizendo: Vem! Vem! Vem!... Mas a Mãe Terra teve piedade de mim e me colocou em um sono profundo...

E deste sonho me despertou o coração com um violento palpitar de ansiedade, e ao despertar senti um estranho perfume que elevou minha emoção porque intuí que era o perfume dela, da Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Maiab.

Eu, pobre e infeliz mortal, afugentei o sonho de meus olhos, afinei meus ouvidos...

E olhei para os cumes dos montes andinos, e pude distinguir suas silhuetas perdidas em trevas. Um pedaço da Lua se acercava para amamentar-se no seio da Terra. Sem embargo tudo seguia obscuro, mas tudo palpitava no grande silêncio. A claridade da primeira aurora, aquele reflexo prateado que precede a luz, iluminou pouco a pouco o cume dos montes. Desde as ramas das árvores vi elevar-se em um vôo solene algumas aves, não havia gorjeio entre elas e os animais ainda despertavam para adorar a luz.

Só o homem dormia.

E nesse recolhimento que unifica a vida, quando a alma da Sagrada Terra se prepara para tomar a semente do Sol, o espasmo de dita também era silente.

Somente o homem alvoroçava.

Recolhi-me no silêncio de mim mesmo, sabendo-me um mendigo daquela comunhão a qual não pode aspirar senão o ousado em que arde o sangue dos homens Maias.

E apareceu a luz...

Palpitou ainda um pouco de tristeza neste miserável coração de barro porque senti o fogo e soube que morria para sempre nesse instante, mas morria satisfeito porque queria morrer...

Então ela, a mais formosa entre todas as formosas, a Sagrada Princesa Sac-Nicté, Branca Flor do Maiab, mostrou seus lábios para que os beijasse e seu sorriso me incendiou somente quando havia morrido a última gota de temor e de tristeza em meu coração de barro.

Então a Terra se nutriu do Sol, e eu me nutri do fogo do amor.

E o coração de barro se abriu e o fogo o cozeu e o fez ânfora para o Grande Senhor Escondido e os lábios da Princesa Sac-Nicté sopraram no barro e fizeram dele uma forma com seu alento inefável de Eternidade.

Nesse instante eu senti seu beijo. E nesse instante começou a vibrar a vida de verdade em tudo aquilo em que eu fixava meus olhos, porque era EU, EU, EU quem em meu coração dizia que olhava e esse EU que falava era a doce voz de minha Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Maiab que não fala com palavras porque ela é todas as palavras de uma só vez.

E irromperam as aves cantando em uníssono quando a luz apareceu sobre elas acima dos montes andinos, dando comida a minha alma; as folhas das árvores se fizeram a si mesmas a voz sempre madura da vida, e cada uma delas eram como eu, transitórias e eternas, e por cima do cume dos montes andinos vi como as trevas fugiram quando chegou a luz.

O que aconteceu depois?

Não poderia dizer ainda que quisesse. Ninguém poderia dizer, nada poderá jamais descrever o que foi dito, porque essas são palavras que só podem pronunciar com seus beijos a minha Sagrada Princesa Sac-Nicté, a Branca Flor do Maiab e seu beijo é a sagrada palavra do Maiab que é todas as palavras de uma só vez.

Pode-se dizer que nesse instante morre o homem de barro quando em suas veias corre o ardente sangue da linhagem Maia.

Entende para quê e porquê foi feito a Imagem e Semelhança de seu Criador.

Sabe também que a partir de então viverá ligado ao Maiab, sem poder ignorar nem esquecer sua origem e saber que passarão os mundos, os homens, as estrelas, os sóis, mas jamais passará a palavra Maiab, que é a palavra Dele.

Se és um homem de linhagem Maia, eis aqui que Eu falo agora essa palavra no fundo do teu coração para que a ti também fale com seu beijo a eternamente bela Sagrada Princesa Sac-Nicté e se coza teu barro e tua água para que quando a água se evapore e o pó do teu barro ao pó volte, permaneça tua ânfora viva no amor do Grande Senhor Escondido.

Para que se cumpra a profecia do Sagrado Chilam Balam de Chumayel que disse que “não está a vista tudo o que há dentro disto, nem quando há de ser explicado. Os que sabem, vivem da grande linhagem de nós, homens Maias. Eles saberão o que isto significa quando lerem. E então o verão e o explicarão.”

E assim também se cumprirá em vós a santa profecia do Maiab de Jesus e virá o dia que sabereis que “ não sois vós que falais, mas sim, o Espírito de vosso Pai que fala em vos. “

2

Ah ! Para muitos o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté marca o fim de suas desventuras.

E no calor de sua recordação acham abrigo no inverno de sua vida de barro.

Para mim, ao contrário, seu beijo foi o começo de um caminho infinito na eternidade.

E por isso, talvez, tenha sido só um beijo fugaz, para que seguisse marchando em busca dela por todos as sendas do Maiab.

Bem, me dou conta que para os demais, tudo isso é sonho e é loucura.

Mas os demais são homens de barro e minha linhagem é Maia.

E eu digo estas coisas para os homens cujo o sangue é Maia.

Ainda que agora não entendam completamente o que está escrito aqui, algum dia saberão e entenderão e lerão e me compreenderão o que quero dizer porque o Maiab é um e tem muitos nomes, e o Universo é um e tem muitas formas.

E o Maiab tem dado muitos filhos e tem feito a muitos homens a Imagem e Semelhança de seu Criador.

Por isso eu os asseguro que sou o mais pobre e infeliz dos mortais porque nada é meu, e tudo é do Maiab.

Mas também aqui está escrito que tenho minha ânfora cheia e completa de uma dita secreta que não poderei perder ainda que queira perdê-la porque é a dita do Maiab e seguirei andando sempre com a Sagrada Princesa Sac-Nicté ainda que as vezes ocorra que meus olhos não a vejam.

Seguirei andando com ela, porque somente com ela e nela estou desperto.

E na embriaguez de tão singular vigília, quisera agora dar um pouco de justiça como me tem sido dado conhecer.

Asseguro-lhes que sou o mais pobre e infeliz dos mortais, que nada tenho que possa chamar de meu, e ainda esta vida que tenho também me tem sido dada, mas só a mim cabe saber por que e para que me tem sido dada.

Quero-lhes falar de Judas, o homem de Kariot, aquele a quem vós haveis amaldiçoado muitas vezes, mas que foi um amabilíssimo irmão daquele Filho de Deus que se chamou Jesus e que também foi um filho do Maiab.

Minha história e meu relato começam com um impulso que falou em meu coração dizendo palavras tão claras e precisas como aquelas que vós dizeis ao ouvido dos seres que amais; foram palavras nascidas do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Suplico-lhes me concedeis atenção.

Bem sei que o que vou dizer de agora em diante, neste empenho de justiça, está em contradição com tudo aquilo que vós acreditais que é verdade sobre o ocorrido em tempos muito remotos com o Filho de Deus, Jesus de Nazaré, filho do Maiab, que havia em outro continente e que também foi andar entre homens de barro buscando aqueles que queriam seguir a sagrada linhagem do Maiab. Porque amava a Sagrada Princesa Sac-Nicté e espalhava seu beijo em muitas santas e sagradas palavras e por isso também foi morto pelos chupadores de seu tempo.

Jesus de Nazaré nasceu também com o sangue dos homens Maias, que é sangue universal e é sangue ardente que em seu ardor disse: “ Sou Unidade, Sou Eu “.

Nasceu em uma casa igual a toda casa do Maiab, em um lugar que em suas palavras se diz Bethlehem que significa Casa do Pão, do pão de onde come o seu pão, ainda o Sol.

Mostrou para os sábios o caminho para o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté que é o Pão de toda a Vida, e porque havia chupadores que não queriam ser ânforas do Grande Senhor Oculto, a quem Jesus chamava de Pai, decretaram morte a seu corpo em uma cruz levantada no Monte das Caveiras.

Os homens de barro, que no barro viviam, enlodando-se uns aos outros, cresciam longe do Maiab verdadeiro desse continente e os chupadores jamais poderiam entender aquilo que falava Jesus de Nazaré:

- Quero misericórdia e não sacrifício.

E poderá haver compreensão em um cérebro onde se oculta o amor?

Ah ! Tu, que em cujas veias corre o ardente sangue da linhagem Maia e que quereis também ser filho do Maiab, ânfora pura do Grande Senhor Escondido.

Aprenderás, antes de tudo, a ser justo para alcançar o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté e este beijo acenderá a luz para que conheças o Pai de toda Terra do Maiab.

Jesus de Nazaré, em quem palpitou o Cristo Vivo, o espírito sagrado do Maiab, disse aos homens de seu tempo e de todos os tempos que todos seus pecados seriam perdoados, mesmo os pecados cometidos contra o Filho de Deus, mas que jamais seriam perdoados os pecados cometidos contra o Espírito Santo, que é a Sagrada Palavra do Maiab.

Durante dois mil anos muitos têm pecado contra o Espírito Santo crendo que com isso faziam justiça ao Filho de Deus e ainda perseguiram a outros homens esquecendo que ao morrer na cruz, Jesus disse:

- Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem.

Por Sua Misericórdia, que é a Misericórdia do Maiab, este perdão alcança a todo aquele que na realidade não sabe o que faz e por isso alcança a vós também porque não é vossa culpa ter pecado e errado contra esse outro homem do Maiab, nascido nas longínquas terras de Kariot, e cujo o corpo e cuja a vida de barro se conheceu com o nome de Judas.

Porém, tende presente, vós, homens, que sois do clã da linhagem Maia, que qualquer injustiça e qualquer falta de misericórdia é um pecado contra o Espírito Santo que é o Sagrado Espírito na Palavra do Maiab.

Recordai-o e lede! Eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, lhes contarei o que sei de Judas, o homem de Kariot.

3

Quando o calor do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté chegou em meu coração, o ardor da vida que ela me deu, impeliu-me a seguir meu caminho ao Maiab, quando fechava olhos e ouvidos às coisas de barro para escutá-la, em meu peito vibrava uma mensagem singular com uma insistência singular e me urgia:

- Ajuda a espargir luz sobre Judas, o homem de Kariot, para que o homem possa construir a ponte através da qual passará do caminho de Pedro para o caminho de João e assim entregar-se ao beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Ah ! Eu o mais pobre e infeliz dos mortais devo confessar que não entendia essa imperiosa ordem e suplicava luz à minha adorada Princesa Sac-Nicté.

E me foi advertido que nessa ordem havia um estranho sabor de Eternidade.

Como se a infinita e inesgotável força da Santa e Verdadeira Justiça do Maiab insistisse que essa passagem obscura vivida na Terra do Cristo Vivo, Jesus, fosse aclarada para o entendimento dos homens Maías.

E também me foi dado entender que não poderia ser só eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, o único a quem este impulso do Maiab havia chegado porque deviam ser muitos os homens que, como eu, haviam feito do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté o começo e não o fim de seu amor pelo Sagrado Mundo do Maiab.

E buscando em mil formas distintas encontrei muitos homens cujo sangue é Maia, e muitos outros que são de barro, haviam escrito e dito muitas palavras sobre Judas, o homem de Kariot.

Uns dizem que ele era filho do Maiab, outros dizem que não, que foi só um homem de barro que enlodou sua memória cometendo uma horrenda traição.

Mas como eu vivo do beijo de minha Sagrada Princesa Sac-Nicté e ela me disse que é necessário que eu ouça meu coração, eu direi o que vi com os olhos que são de sangue Maia, e o que eu ouvi com meus ouvidos de carne Maia, acerca deste homem chamado Judas e nascido em Kariot.

Eu, unicamente, sei aquilo que minha bem amada Princesa Sac-Nicté quer que eu saiba e não me interessa e não quero saber nada mais do que isso porque a única coisa real

que existe para mim é aquele beijo que ilumina o caminho até o Maiab, mais além dos cumes dos montes andinos.

E por isso sei que o destino não está e nem tem estado nunca nas mãos dos homens, e sim na vontade do Grande Senhor Escondido no Mais Alto e Sagrado do Maiab, mais além do cume dos montes andinos.

O doce beijo de minha Princesa Sac-Nicté me ensinou que destino e espírito são uma mesma coisa.

Para os demais, que são somente homens de barro, o destino é aquilo que ocorre dentro do tempo entre o berço e o sepulcro.

Mas sucede que, pela vontade do Grande Senhor Oculto, para alguns há também um caminho que vai do sepulcro ao berço e por isso é importante ajudar a fazer luz sobre Judas, o homem de Kariot.

Que caminho, que sepulcro e que berços são esses? Isto é uma coisa que o homem, cujo sangue é Maia, poderá aprender e conhecer se é que busca o beijo da Princesa Sac-Nicté.

Quem acredita que o destino é aquilo que ocorre entre o nascimento e o sepulcro se rebaixa a si mesmo, nada sabe sobre o tempo e muito menos sobre a vida.

E tão pouco pode afirmar que tem algum destino, ainda quando acredite no oposto.

É um homem de barro, pensa coisas de barro e por isso ao barro há de voltar.

Porque não se cozeu no fogo da Sagrada Princesa Sac-Nicté para ser ânfora límpida do Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Maiab.

E quem tente explicar o destino como aquilo que ocorre entre o nascimento e a morte não explicará absolutamente nada real e nem verdadeiro porque confundirá um sopro da vida, um aspirar e exalar da Terra, com a verdade da existência humana.

Ah ! Homem que lê e em cuja veia quicá corra o sangue Maia: Pensa, pondera, indaga a verdade do destino que se urde no Sagrado Reino do Maiab, mais além do cume dos montes andinos, e quicá também brilhe sua luz em teu coração.

Pensa na Luz, sente seu Amor e pondera que essa luz tem um poder que disse de si mesma, EU.

E esse EU crescerá em ti e seu fogo fundirá a legião de demônios que a cada desatino te induzem ao sonho o qual tu chamas vigília, também dizem de si mesmo: 'eu'.

São muitos 'eus' que te dominam e sugam seu sangue, o sangue que te chega do Reino do Maiab.

Sê tu o amo, sê tu um só e íntegro EU, um EU ao qual tanto ama a Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Porventura um desses 'eus' que tanto te confundem te faz pensar também que o destino é aquilo que ocorre dentro do tempo limitado entre o nascimento e a morte.

E lhe dirá que o destino que ocorre dentro do tempo limitado entre a morte e o nascimento é loucura .

Assim é com muitos, e assim tem ocorrido sempre e seguirá ocorrendo na vida de barro porque os homens de barro estão sempre adormecidos e não lhes tem sido dado compreender que todo homem também é a Humanidade, que quando ele sofre ou é feliz, também é a Humanidade quem sofre ou é feliz, e tudo aquilo que está por vir ao homem, também está por vir à Humanidade.

É difícil levar a palavra, e difícil é para o homem de barro suportar a realidade.

O homem tem esquecido que não há destino que seja individual, mas aquele que busca e que recebe o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté e ouve a Silenciosa Palavra do Grande Senhor Oculto que vive no Sagrado Reino do Maiab, será indivisível e deixa de lado a ilusão individual e não busca outro destino, senão aquele que é o destino do Maiab.

No homem de barro só existe uma ilusão de destino individual, e por isso indaga com palavras lindas e com palavras néscias que unicamente lhe fazem ver isolado e separado de tudo o que o rodeia e de tudo o que vai tecendo no destino comum.

E este destino é aquele que o de baixo sempre tende a reunir-se com o de cima e assim vive abaixo da lei que se chama Bem e Mal.

Porque neste destino a serpente se arrasta na Terra e só enxerga aquilo que está na frente e atrás e não tem a plumagem do Condor que lhe empreste asas para empreender vôo mais além do cume dos montes andinos.

Mais além dessa lei está o Sagrado Beijo da Princesa Sac-Nicté que ilumina o destino.

Quem não busca esse beijo está morto.

Viver é buscar a verdade do destino, e não fugir.

Quem não busca em si mesmo a verdade do destino não vive porque seu sangue não ferve com o ardor do fogo da linhagem Maia.

E no torpor desta morte animada poderá até sonhar que é livre, que tem um destino próprio e porventura chegue a convencer-se que esse mesmo torpor em que vive é o cumprimento de seu verdadeiro destino.

Está certo que assim seja, porque isso também é verdade.

Mas eu tenho que afirmar que todos são arquitetos de seu próprio destino... como se o homem que vive anelando o Maiab pudesse fazer algo que não fôsse o destino do Reino do Maiab, o destino imortal.

Esse ‘próprio’ destino é um profundo torpor.

E Judas, o homem nascido nas longínquas terras de Kariot, havia renunciado ao torpor.

Como para todos aqueles em quem arde nas veias o sangue dos homens Maias, a Sagrada Princesa Sac-Nicté havia escrito no Livro da Vida:

“Aquele homem cuja linhagem é Maia e que anela conhecer a verdade sobre o destino, a verdade sobre si mesmo, sobre todas as coisas, o destino lhe veda o torpor de uma vida normal”.

E foi essa a verdade que Judas buscou.

E ao buscar a verdade do seu verdadeiro destino, o destino o uniu com aquele homem que ele chamava de Rabino e que era o Senhor Jesus, nascido em Bethlehem.

E Judas então só agora teve destino em verdade.

Porque em seu coração começou a arder também o amor pela bela e sagrada Princesa Sac-Nicté.

E recebeu se beijo e seguiu seu caminho rumo ao Maiab.

Porque Judas também anelava cozer seu barro para ser ânfora pura do Grande Senhor Oculto, cujo amor modula vozes no coração dos homens por cujas veias corre o sangue da linhagem Maia.

E essa voz modulou em meu peito o mandato, e foi luz que me orientou nos caminhos empreendidos por outros que também haviam buscado a verdade sobre a vida e a morte do homem Judas de Kariot.

E também foi o farol que me mostrou os recifes por onde eu não haveria de navegar.

Mas agora é preciso que eu explique essa voz.

4

Sou homem nascido do barro de outras terras, mas em minhas veias corre o ardente sangue da linhagem Maia.

Arde em todo o meu ser, e esse ardor me impulsionou a pedir o beijo da Princesa Sac-Nicté e o calor de seu beijo foi um EU.

Porque a voz do destino interior também me havia chamado para o mistério que oculta o Maiab; mas primeiro tive que perder-me em um deserto cheio de dúvidas e alimentado de temores. E o coração me urgia a que permanecesse impassível em todo esse deserto e me dizia que somente assim, no meio daquela solidão, e com fome, poderia comer o pão do Grande Senhor Oculto o qual dá com seu beijo a Sagrada Princesa Sac-Nicté a quem não vacila em arrancar os olhos para poder ver, e destruir seus ouvidos para poder ouvir.

Até então havia caminhado pela primeira senda, a senda da indecisão, que às vezes revela mas quase sempre oculta a verdade do Maiab.

É o caminho largo onde sempre estará acompanhado, porque muitos transitam nesse caminho por temor ao silêncio, por medo da solidão.

E nessa senda havia visto brilhar por momentos a luz da Princesa Sac-Nicté.

Mas a luz se apaga ao cair sobre a Pedra que o Senhor Jesus deixou colocada como primeiro obstáculo no destino que conduz ao Maiab.

E no deserto encontrei somente pedras para saciar minha fome e minha sede, e eu era uma ovelha a mais no rebanho que Pedro apascentava e era uma ovelha branca, mas morria de fome e de sede do Maiab e não queria morrer assim.

A luz da Sagrada Princesa Sac-Nicté que brilhava mais além da Pedra que era meu destino, fez minha lã negra e as ovelhas brancas me arrojaram de seu seio e me deram por perdido quando deixei o rebanho e caí entre os riscos onde açoita a tormenta.

Eu não havia feito uma ponte para cruzar o abismo.

Até então eu não sabia, mas agora eu sei que o destino que está nas mãos do Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Maiab, tem um caminho que começa em Pedro, com as ovelhas brancas, e que conduzem a João somente quando o amor pelos beijos da Sagrada Princesa Sac-Nicté faz negra a sua lã.

Ferindo-me entre riscos e maldades entendi as palavras do Sagrado Maiab, ditas e escritas naquele remoto continente, por outro ser cuja linhagem é Maia e que se chamava João.

E esta palavra se entende golpeando a Pedra na escuridão.

Esta palavra disse que no principio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e é Deus, o Grande Senhor Oculto, e por esse Verbo tudo foi criado: o sol, a lua, a terra, as estrelas, o homem, o animal, os vermes, os frutos que dão vida, os frutos que dão a morte, e as palavras de todos os Maiabs que existiram, que existem e sempre existirão.

Porque as pedras mudam os rebanhos, mas o Verbo sempre permanece, ainda que tudo mude.

Assim tive notícias do destino que é o destino do Maiab.

E este destino é o destino de todo aquele que encontra o caminho de João, caminho que também falou Judas, o homem de Kariot, caminho oculto dentro do homem e que conduz ao centro do Maiab e que também mostrou o Cristo Vivo em Jesus para levar à outra carne com ele em seu mesmo destino.

Por isso é que peço justiça e reflexão para Judas, o homem de Kariot.

E já faz dois mil anos que começou um destino na Vida do Homem, que ainda não se tem cumprido.

E numa noite daquela época, naquele remoto continente, o Cristo Vivo em Jesus, comeu pela última vez com seus discípulos que eram Gigantes da Pequena Cozumil e que também marchavam rumo ao caminho do Maiab.

Aquela noite foi ordenada a ‘voz’ que é o impulso no coração de alguns homens por cujas veias corre o sangue da linhagem Maia.

Ah! Ditosos os ouvidos que aquela noite puderam ouvir as grandes verdades do Sagrado Maiab que revelou o Santo Senhor Jesus.

Ah! Pesado coração de pedra e de barro daquele que o deixaram sem cozer por ignorar o fio com que o Santo Senhor Jesus urdiu o destino desta civilização!

Mas para essa civilização isso não está visível, o que está visível é o que disse e não faz e por isso sua obra tem sido amaldiçoada e se consumirá em sua própria destruição.

Porque quando mencionou que um deles o entregaria, os demais, que eram onze, tão pouco sabiam aquilo que só sabiam nessa noite Jesus de Nazaré e Judas de Kariot.

E em suas próprias palavras, assim foi escrito.

“... O que tem que fazer, faça logo ... Mas nenhum dos que estavam na mesa entenderam o propósito do que disse Jesus a Judas ...”

Pondera: Por que tanta pressa?

Pois bem se sabe que muito tempo antes deste dia, Jesus já sabia que haveria de passar por uma morte infame.

Pondera: Por que tanta pressa?

* * *

Enquanto ocorria tudo isso, o discípulo João, que era o mais jovem de todos, tinha sua cabeça apoiada no Coração de seu Senhor Jesus.

E Pedro, a quem Jesus havia chamado em suas palavras, Cephas, (que significava Pedra) protestava seu amor pelo Senhor Jesus oferecendo a sua alma por Ele; mas o Senhor Jesus o advertiu que três vezes ele o havia de negar antes que o galo cantasse ao amanhecer.

Homem por cujas veias corre o ardente sangue da linhagem Maia:

Pondera e medita nesta cena, pesa cada conceito porque toda ela foi urdida no destino que conhece o Grande Senhor Oculto no Santo Maiab.

Pedro ofereceu sua alma, mas Judas a deu.

E porque Judas a deu é que João pode colocar sua cabeça apoiada no Sagrado Coração de Jesus.

Ainda agora poderás ler claramente escrito em luz, abaixo do símbolo do Sagrado Coração de Jesus, as ardentes palavras do Maiab que dizem:

“Dê-me albergue de amor em vosso lar e eternamente em meu Eu vo-lo retornarei Sagrado Coração”.

Homem que lê: estuda e pensa, medita e sente, o que está escrito para ti no fundo de teu coração, e assim teu sangue Maia se vivificará e verás cumprir em ti a profecia de Chilam Balam, sacerdote inspirado do Maiab:

“Porque não está à vista tudo aquilo que está escrito em seu coração, nem quando há de ser explicado. Os que sabem vêm da nossa grande linhagem, os homens Maiais. Eles saberão o significado do que há aqui quando lerem”.

Portanto, haverás de poder ler com o coração.

Aquela noite começou urdir-se o destino da alma Maia destes tempos, deste Katun, e da humanidade que se encontra condenada, da qual poderá fugir quem buscar o Santo e Puro beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté.

E entrará na Arca de Noé invisível para criar uma nova civilização.

Mas antes daquela noite, naquele remoto continente, a voz do Grande Senhor Oculto, que falava pela boca do Santo Senhor Jesus, havia dito:

“Quem tem olhos, veja e, ouvidos, que ouça”.

E o Santo Senhor Jesus conhecia o destino do Homem.

Porque havia nascido para ensinar a despertar, a morrer e assim viver e mostrar o caminho até o fim.

Mas nenhum dos que estavam com Ele naquela noite o entendia assim.

Entenderam-no muito tempo depois porque aquela noite ainda dormiam.

Como agora dormes tu.

Mas se és zeloso, te esforças e não desmaias; estas palavras te ajudarão a despertar e assim também poderás morrer e logo poderás viver.

E aquele que vive aprende que o destino mostra muitas coisas ocultas para o homem de barro, pois somente ao que desperta lhe é dado morrer, ao que morre lhe é dado viver e vivendo se vive no Coração do Maiab.

E aquilo que Judas, o homem de Kariot, fez rápido foi sujeitar-se a seu tempo para que o Santo Senhor Jesus colocasse mais um fio na teia do destino humano que aponta em terras Maias para uma nova civilização que há dois mil anos somente Ele conhecia.

Porque se Judas não tivesse feito rápido o que fez, não teria sido possível ocorrer tudo aquilo que relatam os escritos de João.

Porém, isso já está a caminho. Mas agora não farei outra coisa a não ser recordá-los o que diz essa parte da Escritura Sagrada que leva a assinatura de João.

Era a terceira vez que o Santo Senhor Jesus aparecia entre seus discípulos por vontade do Grande Senhor Oculto, depois que seu corpo de barro havia morrido na Cruz. Nessa noite comeram peixes pescados nas águas do Lago Tiberíades, e novamente o Santo Senhor Jesus perguntou a Pedro: “Me amas?”, e Pedro respondeu que sim; e o Santo Senhor Jesus lhe disse: “Apascenta minhas ovelhas”. E duas vezes mais lhe perguntou: “Me amas?”, e duas vezes mais disse Pedro que sim, e duas vezes mais lhe disse o Senhor Jesus: “Apascenta minhas ovelhas”.

Três vezes no total.

E assim começou a urdir-se o destino das ovelhas brancas, algumas das quais quando vêem a luz que brilha mais além da Pedra, luz acendida pelo ardor da Sagrada Princesa Sac-Nicté, perdem a cor branca de sua lã e se tornam negras por um tempo, mas depois se tornam prudentes como as serpentes, simples como as pombas e a serpente se empluma e voa.

Mas o Santo Senhor Jesus disse ainda mais a Pedro. Mostrou-lhe a teia do destino quando lhe disse: “Siga-me!”

Pedro morreu como o Senhor Jesus, cravado em uma cruz, distante dos seus e preso por outros que o levaram para onde não queria.

E aquela noite, depois da ceia com pescado do Lago Tiberíades, e quando Pedro tinha sido informado da teia do destino, olhou para João, aquele cuja cabeça havia se apoiado no Sagrado Coração de Jesus, e perguntou:

E a esse, o que lhe vai ocorrer?

Quero que ele fique até que eu retorne. E daí?

E muito se fala sobre a imortalidade de João a raiz disso, porém, se fala e se discute sem saber nem o quê nem por quê João continua e nem se sabe o que significa o imortal.

Esforça-te em entender o que é que permanece até que venha aquilo que é EU.

5

Assim começou a urdir-se o destino do que agora amanhece como o começo de uma nova civilização.

É o destino que modula impulsos no coração de muitos homens para quem eu, o mais infeliz e pobre de todos os mortais, escrevo em obediência ao beijo de minha Sagrada Princesa Sac-Nicté.

Para que eles também sejam beijados.

Assim como Pedro obedeceu ao destino que falou pela sagrada boca do Senhor Jesus e que lhe disse que iria morrer onde não queria morrer, Pedro morreu distante de seus

irmãos do Maiab, em uma grande cidade de outro continente, onde não havia linhagem de homens Maías que estivesse formado como uma alma.

Pedro morreu na cruz, mas ele mesmo se dispôs a morrer com a cabeça apoiada na Terra enquanto muito perto dele a espada de um homem de barro que só obedecia ao barro do Império Romano, decapitava a cabeça do Maia tardio Paulo, Apóstolo da Santa e Eterna Verdade do qual deu testemunho o Senhor Jesus.

E se falo que Paulo foi um Maia tardio, é porque nele se cumpre, comparado com os outros, a verdade dita pelo Senhor Jesus que os últimos serão os primeiros.

Porque Paulo foi um tigre que se transformou em cordeiro após ouvir a palavra do Maiab de Jesus. Assim se acrescentou mais um fio na teia do destino que é teu e é meu.

E se tu perseveras, ainda que sejas homem de barro, poderás atrair a essência da linhagem Maia para que acenda teu sangue que agora é indeciso.

E eu aos poucos me tenho feito esta pergunta:

- Por que Pedro escolheu morrer crucificado com a cabeça para a Terra?
- Por que João escolheu apoiar sua cabeça no Sagrado Coração de Jesus?

Só o sabe o sagrado silêncio do Maiab onde se urde o destino das ovelhas brancas e das ovelhas negras, ali onde emana a prudência das serpentes e a simplicidade das pombas e de onde se fazem os ouvidos Maías que ouvem e os olhos Maías que vêem e de onde tudo se junta numa só palavra.

E eu, o mais pobre e infeliz dos mortais, estou repleto de alegria, porque sendo homem de barro, o barro de meu coração foi cozido no fogo do beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté, e no sagrado silêncio do Maiab tenho percebido um murmúrio que converte aquelas palavras tão obscuras, e tão obscuramente ditas as margens do remoto Tiberíades, em um deslumbre daquilo que dirige e que urde o destino do homem.

Falta algo naquelas palavras, por isso elas são obscuras.

E o que falta nelas é luz.

E essa luz está em ti mesmo.

Acende-a!

Porque João permanece e Pedro apascenta as ovelhas.

Mas a pomba empresta suas asas emplumadas para que a serpente voe.

E o que é simples pondera na prudência.

E o que é prudente busca o caminho que leva até o Maiab.

E o Santo beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté lhe ilumina o caminho.

Para trilhar o caminho de João é preciso primeiro conhecer o propósito do caminho de Pedro, mas intentar e conhecê-lo com o coração pois quem o intenta e conhece só com a cabeça, é um chupador, para este não há caminho fora da Terra.

O caminho do Maia é o caminho do Sol.

É o caminho da inteligência que orienta o Amor.

Porque Pedro morreu na cruz com a cabeça na Terra e João apoiou sua cabeça no Sagrado Coração de Jesus.

Pondera e julga.

Mas nem todos compreendem o caminho de Pedro e não andam nele porque não sabem que mesmo as pedras têm coração. E tão pouco compreendem o caminho de João.

São muito poucos os que compreendem que não são dois caminhos, senão um só destino unido pelo Grande Senhor Oculto no Mais Alto e Sagrado do Maiab.

Homem, por cujas veias corre o ardente sangue da linhagem Maia, não posso lhe dizer mais nada.

Se em ti arde o anelo de conhecer a verdade do destino, procura ter olhos para ver e ouvidos para ouvir e encontrarás, algum dia, como fazer em ti mesmo a ponte que une o caminho de Pedro ao caminho de João e te leve ao Maiab.

Essa ponte é a morte.

Só pode fabricá-la quem ouse despertar.

Muitos homens neste Katun tem caído em profundos abismos e em meio de tormenta e dor têm vivido unicamente para que possamos saber despertar. Venera-os e busca-os no mundo da realidade; aproxima-te deles, conhece suas idéias, penetra no sentido oculto de suas grandes palavras.

Eu te darei somente a medida que deram a mim, mas a ponte deverás fazê-la tu mesmo, em ti mesmo, ao impulso que sejas capaz de lograr do ardor de teu anelo.

A medida que tenho que dar-te é muito simples – observa-te; é complexo se ainda dormes.

Porque o Santo Senhor Jesus não apareceu somente três vezes, mas muitíssimas vezes mais, como Cristo, depois que seu corpo foi morto na cruz.

Deves saber que o Cristo vivo em Jesus está vivo.

E se aquele que é João permanece, permanece porque Judas fez rápido o que lhe foi incumbido.

Outro escrito do mesmo Maiab, com a assinatura de Lucas, confirma este fato, e revela que em uma de suas aparições o Santo Senhor Jesus, “então lhes abriu os sentidos para que entendessem as Escrituras”.

E aberto estes sentidos se conhece o caminho real que conduz ao Maiab, e o Maiab dá a estes homens o Poder, o Amor e a Vida porque para eles Deus, o Grande Senhor Oculto, deixa de ter duas caras.

E o de baixo se junta ao de cima e o de cima dá vida ao de baixo.

Para estes as escrituras são claras e sagradas porque sua verdade não está impressa nos livros, eles a lêem na alma.

Estes verão o dilúvio de dentro da Arca.

E a Serpente Emplumada voará.

6

Ah! Como o amor, o tempo também é impossível de se entender com a razão. Da mesma forma que existem amores diferentes, também existem tempos diferentes.

Só quem tem o Grande Destino em suas mãos pode explicá-lo a quem faça o esforço de entender.

Nós só podemos dizer do tempo e do amor aquilo que eles não são.

O tempo não é neutro.

O amor não é neutro.

Ao de Cima não podes amar se amas ao de Baixo.

Mas amando ao de Cima amarás ao de Baixo e ao do Meio.

O tempo pode ir contigo para o segundo nascimento, pode ir contigo à morte final.

Se você despertar hoje o que fará? Fará muitas coisas que não quer fazer, e deixará também de fazer muitas coisas as quais queria fazer.

E não terá que esperar nenhum “amanhã”.

Porque o tempo é, e o amor também é.

Se entendes tu também podes ser.

O amor, como o tempo, está em todas as coisas, está em todas as formas.
 Está no destino como no desatino.
 Porque no tempo o amor faz todas as formas.
 Guarda-te bem do chupador que te diga que o tempo não existe, ou que te diga que no amor há pecado ou maldade.
 Somente no peito do Grande Senhor Oculto o três é um.
 O tempo e o amor são forças poderosas que evaporam a água do barro, e só deixam a terra que para a terra volta.
 A água e a terra se unem por obra do amor.
 Unem-se para o tempo, como barro.
 O beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté coze o barro por obra do amor daquele que quer viver, para que não evapore a água.
 Seu beijo é o fogo oculto do amor.
 A ânfora de barro bem cozida para outro tempo é.
 No homem de barro a água é “sim”, a terra é “não”.
 Por isso, para o homem de barro, Deus tem duas caras, mas nenhuma delas é verdadeira.
 O beijo de fogo da Sagrada Princesa Sac-Nicté é o que queima o “não”.
 Mas também queima o “sim”.
 E o homem é EU.
 E Deus é Deus no homem iluminado pela Sagrada Princesa Sac-Nicté.
 O tempo do destino dos homens de linhagem Maia não é um tempo que está separado do destino dos demais homens, porque os homens de linhagem Maia não estão separados dos outros homens; para eles vivem e para eles trabalham.
 Só são diferentes porque seu tempo é o tempo de uma luz que nunca se apaga.
 E este tempo é o tempo imortal, tempo do Sol dos sóis.
 O tempo dos outros homens é o tempo da água, como a água do Dilúvio.
 Não são dois tempos, nem são dois destinos.
 São o tempo de Cima e o tempo de Baixo que fazem o tempo do Meio.
 E quem vê pecado ou maldade no amor, quer castrar o Sol, mas será castrado.
 E não comerá o alimento do Sol, e seus testículos secarão e estará morto mesmo antes de morrer.
 Presta atenção, se é que és, homem de linhagem Maia.

*

*

*

O amor nasce no peito do Grande Senhor Oculto, que criou o tempo para permanecer ETERNO e o amor é Seu Meio e dá vida ao Tempo.
 Busca em teu coração: qual é teu amor?
 Para não ser castrado e fazer tua criação viril.
 Se teu amor é único e neste amor incluas todos teus amores, teus testículos comerão o alimento do Sol.
 Só no peito do Grande Senhor Oculto há unidade; depois, tudo anda em três.

Em tudo o que vêem teus olhos, em tudo que ouvem teus ouvidos, em tudo que tocam tuas mãos, em tudo que sente teu nariz, em tudo que degusta teu paladar, em tudo está latente a força que é um, a força que é dois e a força que é três.

Os três juntos fazem tudo um.

Assim é feito tudo o que é feito.

Todo um é um Ser em três maneiras de ser.

Assim foi feito o homem de barro, o homem de água e terra.

O um é a água, o dois é a terra e o três é a união da água com a terra para que se torne barro.

E o que será o três?

Não será, pois, um querer estar no tempo do Grande Senhor Oculto que, sem embargo, permanece ETERNO?

Assim é como vem desde Cima para Baixo.

Mas o homem que permanece barro, se alguma vez pensa na Unidade, não lhe presta atenção; e se sente a Trindade logo a esquece porque o trabalho de recordá-la é muito árduo.

Por isso Deus terá sempre duas caras para ele, mas nenhuma será verdadeira.

Quem sabe e vive no querer estar do Grande Senhor Oculto, se eleva.

Logo, compreende e sabe e vive desde Cima para Baixo, segundo o seu tempo, segundo o Katun que se tem feito em si mesmo.

É um pequeno três. Um pequeno um.

O barro então É, porque o sentido está aberto, e atrai a luz que com seus santos beijos acende a Sagrada Princesa Sac-Nicté.

E lhe é possível manejar os quatro para poder fazer.

E está Acima e Abaixo no Grande Senhor Oculto.

Isso também se faz por três; mas sua ordem muda.

Assim o um é o querer estar do Grande Senhor Oculto, o dois é a água, o três a terra que se aproxima do Sol.

Existe aí o segredo da geração e da regeneração.

E quando exista outra vez o número da nova linhagem dos homens Maias na Sagrada Terra do Maiab, te pedirão uma árvore de vinho de balché e o apresentarás no alto, e não serás morto, nem lançado fora.

A Serpente Emplumada Voará.

Pedir-te-ão também, porventura, traje de bodas; se não o tens, se tens sido preguiçoso, se não tens velado, serás lançado para fora onde haverá choro e ranger de dentes.

Porque o traje de bodas é a vestimenta da regeneração e é o mesmo que a árvore de vinho de balché.

A regeneração é o real caminho de João até o Maiab.

Mas haverás de saber ainda mais.

O que não sabe nada do querer estar do Grande Senhor Oculto, não pode ser, não pode fazer, não pode fazer acontecer; está abaixo nada mais, e não tem árvore de vinho de balché, e a água de seu barro se evaporará à luz da lua, seu vapor irá para a lua e a terra à terra e assim tudo terminará.

Esta é uma verdade e assim está bem; e este homem deixe-o estar como está porque não é de tua estirpe.

Deixe-o dormir em paz.

Aquele que sabendo, do querer estar do Grande Senhor Oculto e dizer não, e não faz o que tem que fazer para poder viver, se torna um chupador; este não é da estirpe Maia, afaste-te dele a menos que ele te suplique que o ajudes a fazer o que tem que fazer; então lhe falarás de tua linhagem Maia porque mesmo um chupador insensível pode mudar seu sangue se é sincero e veraz.

Mas guarda silêncio ante o hipócrita.

Pobre de ti se chegas a crer-te melhor que um chupador, ou superior a quem não tem uma árvore de vinho de balché.

Não serás homem, serás um maricas, podes colocar saia de mulher!

O homem mostra sua virilidade fazendo obras de amor, não falando do amor que é incapaz de fazer.

O Santo beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté é para o Maia viril.

Só o Maia viril pode entender a verdade que existe Acima.

E sua virilidade existe porque seu corpo vive do querer estar do Grande Senhor Oculto.

Estuda como se faz a verdadeira linhagem de homens Maias.

Em cada um que é um, também há três.

Em cada um que é dois, também há três.

Em cada um que é três, também há três.

Como se faz isso?

Pretendes ser Maia e não conheces a profecia dos 16 versos do cantor de Mani, Chilam Balam?

Em cada verso há o um, há o dois, há o três.

O quatro está em ti mesmo, és tu mesmo se és que vive um EU.

Quando disso saibas, faça-o!

O que está escrito nos escritos de João, é o mesmo que está escrito nos escritos de Chilam Balam.

Os dois são um só livro do Espírito do Maiab com palavras distintas, nada mais.

E o Espírito disse: EU SOU! SOU DEUS!

* * *

Porque o ETERNO é Muito Elevado, é de Uma Só Idade; quis fazer Descendentes de Sete Gerações, e este é o Grande Descendente que contém e mantém a todos os pequenos descendentes para que se mantenham entre si.

Se, és Maia viril, e se estás orgulhoso de teu Maiab, humilha-te em secreto e em silêncio ao elevar teu pensamento a ELE, ao ETERNO, o de Uma Só Idade que é seu próprio Katun e que fez todos os Katuns e fez a ti também, e te fez igual a ele, uma pequena cópia, com tudo o que ELE é até com seu Infinito Verbo Criador, dizendo: EU SOU! EU SOU DEUS!

São sete Suas Gerações, desde o Mais Acima até o mais Abaixo.

A sétima geração tem uma Árvore da Vida com tantas ramas como trinta e dois vezes três, e estas ramas sujeitam-se aos seres porque são muitas ramas, e não podem trepar pelo tronco da árvore de balché por si só; e o seu trepar é o trepar de toda essa sétima geração.

Lenta ascensão, dolorosa ascensão.

Quem na sétima geração degenera, o choro e o ranger de dentes é certo.

A vida na Terra é a vida de sexta geração, e a Árvore da Vida tem tantas ramas como dezesseis vezes três; amarelas são as folhas de vinte e quatro ramas, negras são as folhas de vinte e quatro ramas; são ramas com as folhas da cor do Poente e do Sul; quem junte ramas amarelas e ramas negras por sua própria vontade e as faça verdes agarrará o tronco da Árvore da Vida e trepará para saber do Grande Pauah, daquele João que permanece, e do Grande Amor Dele.

Como o farás?

Despertando e estudando.

Despertando e trabalhando.

Despertando e lutando.

Estudando, trabalhando e lutando em ti mesmo para que sejas tu mesmo, para que sejas EU.

Pega um pouco de tinta negra, pegue um pouco de tinta amarela, misture as duas e observe, o que vês? Não é por acaso verde esta nova cor?

Amarelo é o Sol, negra é a Terra, verde é o florescer da imortalidade.

Assim poderás começar a trilhar o caminho de regeneração, e tua geração será então a geração que é oito vezes três, assim eram os Gigantes da Pequena Cozumil.

Quatro vezes três, assim eram os Pauahs, do Oriente, do Poente, do Norte e do Sul.

O Pauah se alimenta da comida do Sol.

Duas vezes três não o concede senão o Pauah que não pode morrer.

Mas todo homem pode ser Pauah.

Uma vez três não podemos nem sequer pensar em nossa atual condição, porque é um Katun que somente um Pauah o entende.

Todos são tempos diferentes, medidos por medidas distintas.

O Maia audaz e ousado vai de um a outro Katun, sempre para Cima e é três gerações em uma.

Por seu querer estar na quinta geração, geração de barro que está cozinhando-se, pode o Grande Senhor Oculto fazer-se conhecer ao Maia audaz que tenha um só amor no qual tenha fundido todos os seus amores; mas o barro o fará querer mais que barro, a água o fará querer mais que água, o homem de barro o fará querer mais que os Gigantes da Pequena Cozumil e ainda mais que os Pauahs do Norte e do Sul, do Oriente e do Poente.

Haverá de querer mais do que as palavras obscuras de João ou de Chilam Balam.

Haverá de querer tanto que as lindas palavras daqueles que mentem não o enganarão.

E este querer lhe fará entender e viver aquilo que com suas sóbrias palavras disse o Santo Senhor Jesus que era o segredo da Vida Eterna.

“Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo”.

E quando o homem de barro aprenda a querer, o Grande Senhor Oculto falará a Palavra que é Deus e que por sua vez é o Verbo, e fará saber.

EU SOU A UNIDADE.

Pois tem sido dito; o segredo está aí.

Conhece-o se puderes.

Não estará claro tudo isso para ti até que tenhas golpeado a pedra na escuridão.

A Grande Palavra, no selo da noite, no selo do céu, disse a Chilam Balam.

“Eu sou o Principio e o Fim”.

E a João que permanece o mesmo que Chilam Balam.

“Eu sou o Alfa e o Omega”.

Os dois são o mesmo Verbo, os dois permanecem porque assim tem sido é e será através dos séculos e muitos os têm ouvido.

Foi aberto este Katun para que possam ouvir muito mais.

E permanecerá até que chegue o Filho Unigênito do Grande Senhor Oculto, espelho que abrirá sua formosura, Pai.

Por Tu Querer Estar que és Tu Espírito Santo, Pai.

Para que comece na terra a nova civilização. Amém.

Ao que queira saber, a Palavra do Pai o fará saber, porque para as novas ânforas Maias há este novo Katun, para que quando chegue e caia sobre o mundo de barro a justiça em três partes, segundo as profecias de João e Chilam Balam, os justos estejam com ela, a Justiça de Deus, a justiça do Maiab, pela misericórdia de suas cabeças e a sabedoria de seus corações e o amor da Vida em suas ações.

São novamente três.

E a palavra emanou desde as entranhas do Oriente para que não haja Poente; e foi escrita no Norte para que não haja Sul.

E esta palavra disse novamente para o que tenha olhos que veja e ouvidos que ouça.

EU SOU UNIDADE.

O que é um está em teu cérebro, o que é dois estende-se por tua coluna, o que é três, que é o querer estar do Espírito Santo do Grande Senhor Oculto, jaz dentro, muito dentro de teu coração e por onde o queiras ver, se és capaz de ver.

Se entendes e fazes isto, dominarás a Serpente que arrasta-se na Terra e tua prudência lhe dará plumagem para que possa voar.

São o Pequeno Pai, Pequeno Filho e o Pequeno Espírito Santo, os três pequenos Pauahs, o Vermelho, o Branco e o Eternamente Verde.

Guarda-te da Serpente que te dizem que faz milagres!

Todo o barro que sabe onde e quando fazer a guerra para poder morrer é Terra de Vigília e Oração, Terra sem Sede, Terra regada pelo amor que há de servir a Deus para uma nova civilização; e quando morra em sua sexta geração, viverá outro Katun na quinta; três vezes quatro será seu “sim”; três vezes dezesseis será seu “não”.

Irá do sepulcro ao berço se é que quer ir, porque terá passado da morte à Vida e permanecerá com João.

Pois seus testículos terão comido o alimento do Sol, e seu sêmen não será sêmen de carne unicamente, será sêmen com espírito de regeneração e não arrojará espírito fora de ti quando arroje seu sêmen.

Porque não haverá fornicção nele, e seu um, seu dois e seu três serão realmente castos e seu sexo estará cheio de pureza.

Será sexo nada mais.

* * *

Filho do Maiab!

Ouve-me bem!

Não andes às cegas!!!

Busca o conhecimento dos Homens Maias, qualquer que seja sua ânfora, qualquer que seja sua língua!

Busca o conhecimento que chegou outra vez do Oriente!

Busca o conhecimento que está escrito no Norte.

E não terás nem Poente e nem Sul, se és diligente.

Porque o Senhor Jesus, cuja vinda foi precedida por uma estrela do Oriente, disse que aquele que pedir lhe será dado o que pede; e aquele que buscar encontrará o que busca e aquele que chama às portas do Maiab Interior, lhe abrirá a Princesa Sac-Nicté.

Deves saber poder pedir, deves saber poder buscar, deves saber poder chamar.

Para estes três poderes, que são um só poder, deves saber poder pensar.

Pensa à luz do dia, pensa na obscuridade da noite, pense debaixo da chuva, pensa debaixo do calor.

PENSA NO GRANDE SENHOR OCULTO E EM SEU QUERER ESTAR QUE É O COMEÇO DO TEU QUERER SER.

Então sentirás seu querer estar e farás seu querer ser.

E compreenderás e saberás.

* * *

Quem queira ser amo, faça-se servo, disse o Pauah do Norte.

Quem queira ser livre, faça-se escravo, disse o Pauah do Oriente.

Quem queira viver, aprenda a morrer, disse o Pauah do Poente.

Quem queira morrer, ouça e desperte, disse o Pauah do Sul.

* * *

Quem ouve e não faz o que fala no silêncio da real quietude da linhagem de seu sangue Maia, sofrerá, pois o escravo matará seu amo e o servo colocará no cárcere a liberdade, e o escravo sugará o sangue do amo e morrerá também e o servo tiranizará a liberdade e não viverá, mas degenerará.

O barro adormecido sonhará, e a água se evaporará à luz da lua.

Todos os tempos de todos os Katuns desaparecerão com dor para ele.

Isso é uma verdade. Já aconteceu antes e irá acontecer neste Katun em muitos continentes de homens de barro que já perderam o sentido das palavras que disse seu Maiab.

Assim foi antes, assim é agora, assim será até que ELE queira que seja.

Porque o homem tem sido feito à Imagem e Semelhança de seu Criador, e se assim foi existe um propósito.

Não será este propósito aquilo que disse o Senhor Jesus a todos os homens de linhagem Maia: “Sejais perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito”?

Será que porque Pedro morreu com a cabeça na terra suas ovelhas estão mal apascentadas e chupadores as tranquilizam; e as que querem que sua lã seja negra, os chupadores negros, os ladrões de alma, seu sangue sugam. De todos chupadores os chupadores negros são os mais perigosos porque são ignorantes que pretendem saber e por sua pretensão caíram e seguirão caindo.

Guarda-te deles porque mais vale não saber nada que saber o pouco que eles sabem.

Guarda-te da Serpente que dizem que faz milagres!

Inúteis se tornaram as pedras usadas para fazer a ponte para o Maiab Interior, tendo se tornado poços enquanto isso. Mas o Senhor do Tempo que vem pelo Oriente dá a medida justa, e há poucas ânforas que sabem receber.

Por isso, para o que não tem feito olhos para ver e está em trevas, o que é vermelho lhe parecerá negro na escuridão.

E o Senhor do Amor que vem pelo Norte dá em abundância e generosidade e também são contadas as ânforas que sejam continentes e que saibam se empenhar.

Por isso a quem não tenha coração que lhe contente a sua abundância, sempre o destrói na desagregação, pois branca é a cor do reino dos céus.

E o senhor que não tem Poente e que não tem Sul, que é o Senhor do seu QUERER ESTAR, emanará de si outras águas, emanará de si outras terras e fará outros barros que lhe recebam melhor.

Outras vezes o tem feito, e assim pode-se ver quando se estuda atentamente o que perderam em seu Katun os seres-formigas, os seres-cupim, os seres-abelhas que um dia foram e já não são.

Homens néscios!

Isto é unicamente o principio de um saber!

Homem por cujas veias corre o sangue da linhagem Maia!

Abre teus olhos, destampa teus ouvidos!

Tenho-te explicado o três, tenho-te explicado o sete, e tenho-te dado apenas uma idéia sobre o que é o quatro, e nada sobre a vontade com que se dá continuidade a todo o sete que se quebra em dois pontos, em dois tempos.

Quem não sabe como se dá esta continuidade não poderá fazer a Ressurreição de sua carne.

Busca esta continuidade diligentemente e ouve o que disse sobre isso faz muitos séculos Chilam Balam, Grande Sacerdote da Linhagem Maia:

“O mau do Katun é que um golpe de flecha pode destruí-lo. Então vem os juizes e recolhem os tributos. Pedirão provas. COM SETE PALMOS DE TERRA ENCHARCADA!

Não será isto o mesmo que em seu Katun falou o Santo Senhor Jesus?

“E qualquer um que ouve estas palavras e não as cumpre, compará-lo-ei a um homem insensato que edificou sua casa sobre um monte de areia; e desceu a chuva, e vieram os rios, e sopraram os ventos, e atingiram essa casa, e caiu e grande foi a sua ruína.”

E não será isto o mesmo que falou em outro Katun o Santo Senhor Moisés?

“Aos céus e a terra chamo hoje como testemunhas contra vós; coloquei-os diante da vida e da morte, da bênção e da maldição; escolhe pois a vida para que vivas tu e tua semente”.

E não seria ainda o mesmo que em outro Katun falou o Santo Senhor Buda?

“Iluminai vossas mentes...Quem não pode desde logo quebra as oprimentes cadeias dos sentidos e cujos pés são muito fracos para trilhar o caminho real, devem disciplinar sua conduta de tal modo que todos os seus dias terrenos transcorram irrepreensíveis praticando obras de caridade”.

E não seria ainda o mesmo que em outro Katun falou o Santo Senhor Lao-Tsé?

“O Universal é eterno; o Universal é eterno porque não existe como indivíduo; é esta a condição da Eternidade. Da mesma maneira o Perfeito, eclipsando-se se impõe; derrotando-se, se eterniza; **DESEGOISTIGANDO-SE** se individualiza”.

Todos, pois, falam do verde florescer do Imortal, de como o Infinito sempre vive no Eterno.

*

*

*

Néscio é o homem que se crê dono do tempo.
Néscio é o homem que se crê dono do amor.
Néscio é o homem que se crê dono da Terra.
Néscio é o homem que se crê amo do Mundo.
Três vezes néscio o que deliberadamente ignora que o homem é um propósito do amor no tempo para a vida do Mundo na Terra.

*

*

*

Jesus, Santo Senhor, foi um homem feito na Terra com Água do Amor e cozeu seu barro no fogo do Amor.

Judas foi um homem que desafiou o poder do mundo e o Amor o ajudou.

Se é que aspiras o conhecimento do Maiab, tens de procurar entender.

E te abrirá as portas o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté e o fogo de seu amor cozerá teu coração de barro e por seu amor serás ânfora do Grande Senhor Oculto que te dará aquilo que podes conter.

Eu agora só quero fazer justiça a Judas, o homem de Kariot.

Para que comece um novo Katun na linhagem Maia.

E o Maiab Dos Andes seja pois o berço de uma nova civilização.

Tu farás tua parte se em tuas veias corre o sangue da linhagem Maia.

Para que haja misericórdia na tua cabeça, sabedoria em teu coração e possas encontrar a pedra justa com a qual possas estender a ponte que vai de Pedro a João no destino do Homem Verdadeiro que aqui declaro que é o Cristo vivo no Senhor Jesus.

No Nome do Pai, e no Nome do Filho, e no Nome do Espírito Santo.

Para que assim seja.

E te relatarei como e por quê Judas, o homem de Kariot, estendeu um fio importante na teia do destino deste novo Katun.

Seu fio fez possível que a Quarta e a Quinta Gerações falem nos tempos e nas medidas da Sexta Geração.

Te relatarei assim como eu o tenho aprendido no Santo Maiab. Amém.

TERCEIRO LIVRO

1

Havia um homem entre os fariseus que se chamava Nicodemos, Príncipe dos Judeus. Maia era a sua linhagem, Maia o seu coração; seus pensamentos eram do Maiab; não eram pensamentos de barro e chorava lágrimas vivas. E era austero na virtude para aumentar os tesouros do Senhor, e procurava ser justo, pois consumia-lhe o anelo de fazer viva sua fé.

E seu pranto era pranto de lágrimas vivas, como só pode chorar um bem aventurado que não é rico em espírito e que anseia o Espírito que anima a vida no reino dos céus, que é a sagrada terra invisível do Maiab.

E pensava neste Espírito que é a chama que pela luz ilumina o santo beijo da Princesa Sac-Nicté, e seu coração dizia, quando pensava nela, porque ele também queria ser ânfora

viva para servir a ELA: “Prova-me que teus lábios não foram feitos para ser beijados, e eu te provarei que as trevas são a luz”.

Santo e sagrado era o anelo deste homem, pois não queria tesouros do céu para si, mas para servir o Grande Senhor Oculto, ao muito Elevado, ao Eterno.

Por isso Nicodemos também buscou a água, a água viva que havia na taça do Santo Senhor Jesus, pois também havia entendido que o caminho que Ele trilhava abrangia um vasto reino dentro e fora deste mundo. E que somente bebendo essa água viva, poderia entender o mistério das sete gerações, evitar o juízo com sete palmos de terra encharcada, morrer e renascer.

Para entender e conhecer o homem e para vivificar o Homem Verdadeiro, Príncipe dos Céus e Herdeiro da Terra, é preciso entender a harmonia das Sete Santas Gerações do Grande Descendente, do Muito Elevado, O ETERNO Pai Nosso que está nos Céus.

E neste novo Katun, desde o Oriente tem chegado aos de linhagem Maia a Palavra Eterna do Norte que não é palavra Poente e que não tem Sul.

Para que seja entendida e logo compreendida pelo cérebro e no coração dos homens da linhagem Maia.

É a palavra eternamente verde, e este Katun será o Katun da Primavera Eterna para uma geração, mas deixará murmúrios nos corações de outras.

É a palavra que junta as vinte e quatro folhas negras com as vinte e quatro folhas amarelas na Árvore da Vida, e que faz o balché, fio a fio com que se tece as vestimentas para as santas bodas do Céu.

Assim pois, o que virá é um Gigante da Pequena Cozumil, cuja geração é uma árvore de tantas ramas como oito vezes três, tem o poder, o amor e o saber de todos os planetas. Por isso são os Senhores da Terra, mas não são deuses. Por que a sua geração é somente o começo da regeneração e é até então de Baixo para Cima para fazer o do Meio, e seu alimento é o alimento do Sol. E juntará doze ramas de folhas negras com doze ramas de folhas amarelas, e então para ele a Árvore da Vida será de quatro vezes três. E virá o Pauah com o tempo e o alimento do Sol. Haverá de estender em si as asas do Sagrado Kukulcan, a Serpente Emplumada que o homem há de levantar no deserto, golpeando a pedra na escuridão e acalmando a sua sede com a água do Cenote Sagrado. Assim terá ele a potestade de Tzicbenthan, palavra que é necessário obedecer, pois é a palavra de Ahua, o que governa todas as gerações do Grande Descendente, desde o Katun onde tudo começa a andar em três.

Assim como há Sete Grandes Gerações no total, criadas pelo Muito Elevado, o ETERNO quando fez o Grande Descendente, assim em cada geração há pequenos descendentes, e também muitos pequenos descendentes. E em todos há também sete gerações.

E há sete tempos, sete medidas, e em cada uma há novamente sete.

Cada Pequeno Descendente é parecido com o Grande Descendente.

Pequeno Descendente é o homem, e está na sexta geração; e leva consigo medidas para medir os tempos da quinta, da quarta e ainda da terceira gerações; se da pura água do Cenote Sagrado faz seu vinho de balché, se quando come de sua plantação come também a palavra do Grande Gerador, que disse:

“Eu sou. Eu Sou Deus”.

Como era em Yucalpeten muito antes da chegada dos Dzules.

E como também ocorreu em Yucalpeten, assim também havia ocorrido lá na terra do Maiab de Jesus, cujo Chichén era Jerusalém.

A voz da Princesa Sac-Nicté, havia-se perdido ali também pela mesma loucura dos sacerdotes.

Havia-se perdido a sabedoria de seus corações e já não havia mais misericórdia em seus cérebros, e sua alma já não comia o alimento do Grande Sol que ilumina todos os mundos e dá vida a todos os sóis.

Muitos eram aqueles que anelavam, e podiam ser contados os que indagavam.

Deserto estava esse Maiab onde há sabedoria.

Poucos gigantes haviam na pequena Cozumil, naquele remoto continente.

Como agora em Maiapan.

Todos queriam servir-se a si mesmos, poucos queriam servir ao Senhor.

Nicodemos era um dos poucos.

E ardiam, abrasando em seu coração, as sagradas palavras que havia escrito com potestade de Tzicbenthan o Santo Senhor Moisés, em seu Katun de Luz. E estas palavras eram:

“Porque este mandamento que eu te intimo hoje nem te está oculto nem está longe Não está no céu para que digas: Quem subirá no céu por nós e nos trará e nos representará para que o cumpramos? Nem está do outro lado do mar para que digas: Quem atravessará o mar para que nos traga-o e nos represente, a fim de que o cumpramos? Porque muito próximo de ti está a palavra, em tua boca e em teu coração, para que a cumpras.

Olha, eu tenho colocado diante de ti hoje a vida e o bem, a morte e o mal”.

Assim havia escrito o Santo Senhor Moisés, Pauah que comia o alimento do Grande Sol que ilumina todos os mundos e dá vida a todos os sóis.

E estas palavras haviam-se escrito no coração de Nicodemos.

Mas os homens de seu Katun só comiam palavras, e não comiam o alimento do Sol nem do Grande Sol.

Não tinham fome e não tinham sede da palavra do Maiab de sua terra.

Mas Nicodemos tinha fome e tinha sede.

E indagava.

Por isso em seu pranto, repetia em secreto a Princesa Sac-Nicté:

“Prova-me que teus lábios não tem sido feitos para ser beijados, e eu te provarei que as trevas são a luz”.

A luz tem vindo outra vez pelo Oriente na palavra do Norte, para que quem ouça e veja não tenha poente e não tenha sul, e o Eternamente Verde (se por siempre em él, y él em EL).

Indaga pois com diligencia, porque o formoso céu do Maiab está sempre aberto para quem está pronto.

E pronto está quem indaga e não desmaia.

Assim pois indagou Nicodemos, e seguiu a voz do destino, e viveu seu destino e não fugiu dele.

2

Por seu destino inteirou-se um dia acerca do Rabino De Nazaré, Chilam Balam da Galiléia, que falava do Grande Senhor Oculto chamando-o de seu Pai que está nos céus.

Era o Santo Senhor Jesus que subia na Árvore da Vida e ensinava a subir.

A voz de seu destino chamou-o secretamente em seu coração, e Nicodemos secretamente foi ver ao Chilam Galileu, porque sabia que nele havia Palavra de Verdade.

Débil era a luz da terra nessa noite, grande era a luz do céu.

Grande era a chama de amor no coração do Nazareno, grande era o anelo de luz no coração do fariseu.

E foi um fio de luz que se somou ao destino naquela noite, e abriu os véus para que o homem de barro possa empreender o caminho da regeneração.

E o Rabino Nazareno falou a Nicodemos, e suas palavras caíram incendiadas em seu coração.

“O que é nascido de carne, carne é, e esta é uma geração”.

“O que é nascido de Espírito, espírito é, e esta é outra geração”.

“Não te maravilhes Nicodemos, que te há dito que é necessário nascer outra vez, porque aquele que não nascer outra vez não pode ver o reino de Deus”.

E antes disto, era fama em Jerusalém que os discípulos de Jesus haviam repetido suas palavras proclamando que não se pode por vinho novo em odres velhos...

O que tinha que mudar?

Assim se foi essa noite, pensando e pensando Nicodemos.

Porque de coração sabia que esse nascer precisava de uma morte, mas que semelhante morte não é a morte dos mortos, senão a dos vivos que sabem que todo o homem pode viver, ser ânfora cozida com o fogo do Maiab e levar nela a medida que queira empregar o Grande Senhor Oculto.

3

Homem de linhagem Maia, dou-te aqui a primeira prova deste novo Katun:

Leva para o Verdadeiro Homem o sol que te pede, estende-o em seu prato com a lança do céu cravada no meio de seu coração e com o Grande Tigre sentado sobre ele, bebendo seu sangue.

E Nicodemos levou a luz de seu entendimento aos pés de Jesus, e o saber que Moisés era um aguilhão doloroso em seu peito, pois era somente saber: e desde então a garra da sabedoria lhe manteve sujeito.

Nicodemos tinha a experiência de muitos anos de uma existência entregada a mostrar aos jovens de seu tempo como deveriam andar nos caminhos do Senhor.

E o Rabino de Nazaré lhe havia dito essa noite acerca da geração que há de morrer para poder renascer em outra e assim poder viver. Havia-lhe dito assim:

“Tu és Mestre de Israel e não sabes estas coisas? Em verdade te digo, Nicodemos, te falo daquilo que eu sei e que eu sou e dou testemunho do que tenho visto: mas os homens de tua geração não querem receber meu testemunho. E se te digo coisas da terra e não as podes entender como poderás entender coisas que são do céu? Porque nada subiu ao céu senão o que desceu do céu, e este é o Filho de Deus que está no céu. E assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim agora é necessário que o Filho de Deus seja levantado, para que todo aquele que nele crê não se perca, senão que tenha vida eterna”.

As palavras deste Homem Verdadeiro aprofundaram a ferida já aberta no coração do fariseu, e no fundo do seu peito indagava:

“Como haverei de fazer, Senhor?”

E assim começou a morrer seu espírito de fariseu e em sua mente ressoaram as singulares palavras que havia ouvido os discípulos do Galileu dizer:

“Bem aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus”.

Assim começou a atrair sobre ele o beijo da Sagrada Princesa Sac-Nicté, que já velava por ele, mas ele ainda não sabia.

Seu coração sangrava em abundância porque eram muitos os jovens que concorriam à sua casa para ouvirem a sua palavra. E como ele queria servir ao Muito Elevado, ao ETERNO, em sua consciência ardia o fogo da morte que precede a ressurreição e em seus ouvidos a palavra do Rabino Nazareno:

“Tu és mestre de Israel e não sabes estas coisas?”

E pensou em Judas, o jovem nascido nas longínquas terras de Kariot e em cujo coração ardia também o impulso sagrado que ocultamente acende a Princesa Sac-Nicté. Judas havia chegado aos pés de Nicodemos para também aprender a caminhar pelos caminhos do Senhor, que é o caminho do Maiab, e se alimentava com as palavras de seu rabino e se nutria delas e seu rabino lhe amava e ele amava seu rabino.

Pesava o coração de Nicodemos naquela noite.

Homem de linhagem Maia, eis aqui a segunda prova: o Verdadeiro Homem quer que vás trazer-lhe os fundamentos do céu porque nem todo aquele que diz “Senhor, Senhor” entrará no Reino de Maiab, mas sim, aquele que faz a vontade do Pai, o Grande Senhor Oculto, e o Verdadeiro Homem sente muita vontade de conhecer os fundamentos do céu porque a Ele lhe é dado o Juízo.

Isto está escrito nas escrituras da Quarta Geração.

Se tens olhos, verás; se tens ouvidos, ouvirás.

Se ainda não os tens, entregando tuas reflexões ao Homem Verdadeiro os terás

E assim talvez se cumpra para ti a profecia de Chilam Balam, profecia que alenta a passagem da quinta para a quarta geração, onde “eles falam com suas próprias palavras, e por isso nem tudo pode ser entendido em seu significado; porém, está escrito corretamente, tal qual tudo ocorreu. E outra vez será tudo bem explicado” (na quarta geração, geração invisível dentro de ti mesmo).

Por isso tudo que foi escrito nas Sagradas Escrituras, também está escrito em ti, em tua alma, caso possas ler.

4

Assim disse:

Eu, Judas de Kariot, amava meu rabino Nicodemos, quem me ensinava a trilhar os caminhos do Senhor.

Servia-lhe como um discípulo digno de Israel deve servir ao seu rabino, e aguardava a minha hora de servir ao ETERNO, e em meu coração ardia o amor pela Verdade.

Mas naquela manhã meus olhos fizeram-me ver que meu rabino Nicodemos não era meu rabino Nicodemos. Em seu rosto vi angústia, e assim pude sentir como seu coração estava ferido, mas não sabia se sua ferida havia-lhe causado o mal ou o bem que anelava; no entanto meu rabino seguia o caminho dos sábios de Naim, conforme a tradição de Hillel.

Dispensou essa manhã todos os seus discípulos, menos a mim.

Quando fez isso, meu coração se agitou, e pareceu-me que o presságio era obscuro, porque não consegui compreender o que ocorria. Era freqüente até então ver rostos decompostos pela ira e a angústia entre os fariseus. E Jerusalém era berço de confusão. Pôncio Pilatos, procurador romano, queria para si os tesouros do templo, queria construir

um aqueduto pelo qual fosse lembrado por muito tempo. E nas ruas, o povo se agitava em meio de um buliçoso falatório no qual se percebia o ódio por Roma.

Um homem humilde, vindo da longínqua Galiléia, havia acendido em seu peito uma nova esperança, falando-lhes de liberdade. E os pátios do templo eram testemunhas mudas por onde seu ensinamento ressoava e os homens recolhiam suas estranhas palavras e os estranhos feitos deste homem que, sendo judeu, profanava o sábado curando enfermos, e não guardava os preceitos de pureza, bebia vinho e comia carne com os publicanos e com pecadores, e dizia que tinha vindo para redimir os pecados e não para condenar os pecadores. E entre aqueles que o seguiam estava Maria, a prostituta de Madalena, e o agente dos publicanos Levi, e estranhos homens que pescavam, e um moço, João, e seus irmãos.

Coisas estranhas dizia este rabino, coisas estranhas fazia. Mas aqueles que o amavam diziam, por sua vez, que o que ele ensinava fazia doce o amargor das lágrimas do coração e que os sábios de Naim, os mais eruditos e puros da terra, falavam em suas palavras tesouros ocultos de Hillel, maravilhas do Talmud. Mas não podiam entender suas ações, pois para eles todas as ações haviam de ter por fundamento o temor de Deus.

E eis que este rabino havia dito:

“Tanto ama Deus ao mundo que há mandado o seu Filho Unigênito para que seja salvo, e não para condená-lo”.

Estranhas palavras nas quais não havia nenhum temor.

E também havia dito:

“Amarás a teus inimigos”.

Havíamos, pois, de amar os inimigos de Israel”.

Nas sábias palavras da Lei de Moisés, meu rabino Nicodemos nos havia repetido as tradições de nossos pais, mas eis que este rabino da longínqua Galiléia não as apoiava em nenhuma escritura, e proclamava ante o povo e os doutores da Lei:

“Esquadrinhai as escrituras, porque antes que Abraão fora, Eu Sou”.

Nessa manhã, quando adverti a angústia no rosto de meu rabino Nicodemos, o presságio me disse que o que ocorria era por causa deste Nazareno que anunciava o batismo com fogo do Espírito Santo.

“Judas”, me disse meu rabino; “tu tens vindo desde as terras de Kariot a beber os mandamentos do Senhor e a trilhar por seus caminhos segundo a tradição”.

Eu guardava silêncio.

“Judas, tende piedade de mim”, continuou meu rabino Nicodemos. “Me consome a dúvida; sou um homem de coração atribulado. Não estou seguro de que meu saber seja bom, não estou seguro que te esteja ensinando a trilhar pelos caminhos do Senhor”.

Graves palavras estas que me disse meu rabino Nicodemos.

Graves, porque na austeridade de sua virtude muito era o que exigia de nós, os que havíamos chegado até ele, para estudar com diligência a verdade da Torá. Graves palavras para este homem um alto membro do Conselho dos Anciões em Jerusalém, homem erudito e puro, e respeitado e amado.

Contive o alento para não responder, e vi a palidez em seu semblante e o tremor em suas mãos e a consumação de seu espírito.

“Temos perdido o fio que conduz a verdade”, me disse. E citou aquelas palavras de Moisés que como fogo ardiam em seu coração, e me contou a entrevista da noite anterior e como as palavras do rabino Nazareno haviam aumentado a sua sede e a dor por sua vez. E o rabino Nazareno também lhe havia dito:

“Só quem crê haver perdido o fio que corre através dos tempos tem o verdadeiro fio em suas mãos, e quando encontre sua alma, não a perderá”.

Que estranho mistério e paradoxo continham estas palavras?

Protestei com veemência, porque ao citá-la meu rabino Nicodemos havia acendido a dúvida no mais fundo do meu peito, e eu sofria e não queria mais tribulações. Por isso tinha ido até ele, para encontrar refúgio e abrigo em seu ensinamento, e assim poder ter um fio sempre sujeito em minhas mãos.

Falamos disto durante muito tempo, mas ele me observava compassivamente, e terminou dizendo:

“Em tua veemência existe temor ao destino, Judas. Vem comigo, iremos juntos ouvir a este estranho rabino”.

E já era notório em toda a Jerusalém que este estranho rabino havia expulsado os mercadores do Templo, açoitando suas espaldas com um látego e chamando-os de ladrões que haviam convertido a casa de seu Pai em um covil.

Eu protestei ante meu rabino Nicodemos, pois os mercadores permitiam cumprir com as demandas do sacrifício.

“Guarda tua língua, Judas”, me disse. Pois em sua austeridade meu rabino havia colocado uma cerca na maledicência, e não era como outros fariseus que se entregavam a censura e a murmuração.

“É preciso que encontremos o fio de nossos pais”, disse. “Porque naquelas palavras que a noite queimaram meu coração o rabino Nazareno me disse a verdade...”

Não pude suportar estas palavras: Meu coração se agitou com violência e a meus olhos chegaram rios de lágrimas e senti a dor de meu rabino como se fosse minha. Eis que, me dizia, eis que meu rabino se diz em trevas, quais não serão, pois, as minhas? Quais serão, pois, as da juventude de Israel? Meu rabino, luz das luzes, refúgio de nossa juventude, me disse que também está em trevas e já não terá mais uma resposta precisa para dissipar nossas dúvidas e me abandona no meio de uma multidão de estranhos sentimentos.

E me senti perdido como uma criança de peito a quem sua mãe abandona para ocultar sua vergonha...

5

Marchamos juntos, em silêncio, em direção ao Templo.

E ao chegar aos pátios não foi difícil encontrar o rabino Nazareno.

Rodeava-lhe uma multidão e nela também havia alguns fariseus.

E o silêncio que encontramos estava repleto de ameaças.

Muitos na multidão abriram passo para que meu rabino Nicodemos se aproximasse, pois todos o conheciam e o estimavam como um homem de virtude e saber.

E vi o rabino Nazareno.

Pôs sobre nós seus olhos, em silêncio. E neles brilhavam um estranho fulgor, mas seu rosto era sereno e forte e quando pôs seu olhar em mim, acreditei notar nele uma mensagem especial que me mandava sua alma, e senti que sua alma sorria e a minha também, e senti que nesse olhar ele me saudava com uma boa vinda, como somente dá quem tem estado separado durante muito tempo de um ser que ama.

Houve alegria em meu coração; mas meu pensamento permanecia turbado.

Soube neste mesmo instante que este estranho homem seria meu rabino, e que eu também sentaria a seus pés para beber de suas palavras; então senti uma dor aguda em meu

coração que significava que eu haveria de deixar meu rabino Nicodemos para ir junto deste estranho profeta que procedia da distante Galiléia de onde nada de bom poderia vir.

Houve ainda mais angústia em meu coração. Uma hora antes meu rabino havia me deixado tal qual uma criança abandonada às suas próprias trevas, perdido o fio o qual pensava encontrar aos seus pés. E eis que o Nazareno me dava sua silenciosa boas-vindas, e por um instante pensei que ia perder-me nele e com ele.

Foi só uma olhada, mas ela me mostrou um destino que se expandia de uma estranha forma, impossível de descrever com palavras. Intuí um destino que não corria na largura, nem na altura e nem no comprimento, senão que fazia destas três proporções uma distinta proporção na qual estavam todas as demais. E era um estranho mundo no qual me sentia perdido.

Porque por um instante não tinha sido eu, senão o rabino que me olhava, e tive medo, e meu coração se turvou e logo voltei a ser eu mesmo e olhei-o.

E também me olhou, e desta vez sua alma sorriu dentro de mim e me senti perdido.

Foi uma estranha experiência a desta manhã.

Voltei meus olhos para meu rabino Nicodemos para implorar seu auxílio, mas ele havia se afastado de mim e estava ouvindo alguém que lhe explicava o incidente do momento. Mas eu poderia jurar que estávamos todos vivendo nesse lugar há séculos.

“Responde”, disse um fariseu ao Nazareno.

Meus olhos se fixaram no estranho rabino; vi-o traçar um círculo na terra, com a ponta do pé, e nele envolveu a mulher que estava ao seu lado e em quem eu não havia reparado todavia. A mulher estava envergonhada, mas o círculo que o rabino havia traçado na terra envolveu a ela também. E ainda agora juraria que nada poderia penetrar nele.

O ambiente estava tenso, impregnado de ameaças. E eu me propunha a defender o Nazareno porque ouvia às minhas costas palavras de impaciência e de maldade; mas ele me acalmou com seu olhar sereno e da mesma maneira que antes havia agitado meu coração agora o acalmava. E fiquei quieto, em paz, esperando.

E o Nazareno, fixando seus olhos nos fariseus, disse:

“Se a haveis surpreendido no ato, e constatais seu adultério, eu digo: lapide-a conforme a lei”.

Correu um murmúrio nervoso e de triunfo entre a multidão. A mulher tremeu de temor e de seus olhos caíram duas lágrimas aos pés desse homem cuja palavra havia vibrado íntegra e suave no meio da multidão. Mas o murmúrio logo se apagou, porque o rabino Nazareno voltou a olhá-los e os silenciou.

“Mas que atire a primeira pedra aquele que, entre vós, se considere livre de pecado”.

Grande e temível foi o silêncio que seguiu a esta palavra. Porque no coração de todos os judeus o pecado estava sempre vivo, e diariamente tinham que recorrer aos rituais de purificação para ficarem limpos conforme a Tradição. E havia consciência neles que nem sempre se cumpria como é devido com os rituais de purificação. Ninguém ousou dizer que estava puro e limpo de pecado.

Entretanto, estas palavras do Nazareno haviam sido um punhal incrustado em carne viva, e o ódio se desenhou nos rostos dos homens e dos fariseus, pois grande é a fraqueza humana e sempre é melhor e mais cômodo ver o pecado alheio e ignorar o próprio; é fácil sentir-se virtuoso ante o impuro e amar a virtude para dar cumprimento a escritura e não para limpar de maus pensamentos o próprio coração. Assim nos havia dito nosso rabino Nicodemos; tal era sua virtude, tal era sua austeridade. E então senti como o destino urdia para os tempos que viriam, e porque o coração de meu rabino Nicodemos havia-se turbado

na noite anterior. Agora também havia-se turbado o meu, e soube, sem palavras, que o rabino Nazareno tinha a potestade da Verdade, e que Nele haviam-se unificado a graça e a lei...

A multidão se debandou rapidamente, e com ela marchou Nicodemos, sofista, incomodado pelos novos presságios que delatava seu rosto. Eu fiquei só frente ao rabino de Nazaré, sem poder afastar-me.

Ouvi-o dizer à mulher:

“Onde estão os que te condenavam? Nem eu te julgo. Vá e não peques mais”.

Que lei regia a conduta deste homem para quem as escrituras pareciam não existir? Em que águas bebia sua sabedoria? Que tradição havia formado sua alma?

Todas estas palavras se alçavam em minha mente como um torvelinho, e meu coração estava sem poder entender, quando o rabino dirigindo-se a mim me disse:

“Bem vindo Judas de Kariot, aproxima-te de mim”.

E me aproximei com temor, mas o rabino me pegou pela mão e me fez entrar no círculo que havia traçado com o pé, na terra, e me tranqüilizei.

“Rabino, como sabes meu nome?”, perguntei.

“Todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai, pois seu anelo é o nosso”, respondeu. “Por que então não haveria de conhecer-te?”

Ambos guardamos silêncio; ele olhava meus olhos e eu os dele, e cada vez mais sentia a este homem em mim, e eu nele, mas não conseguia explicar-me e, tampouco, compreender.

“Não te inquietes agora, Judas”, me disse. “Dia chegará em que compreenderás o que sentes agora, até então o trânsito da chama à luz é árduo”.

Passou um breve silêncio até que ele me disse:

“O que haverias feito tu em meu lugar?” Eu entendi que se referia ao juízo que havíamos presenciado. A mulher se afastava de nós, voltando a cada instante um olhar ansioso sobre este rabino.

Mas não pude responder; grande era minha confusão porque a lei condenava o adúltero ao apedrejamento quando o surpreendia no ato, mas eu sabia que muitos eram os casos de adultério cometidos em segredo e sem testemunhas. E assim muitos andavam livres de suspeitas e os homens nada diziam porque nada sabiam sobre o adultério que era mantido em segredo. E isto não estava contemplado nas leis dos homens e meu rabino Nicodemos nos havia dito que este adultério o contemplava a lei de Deus, a quem ninguém pode mentir de coração. Tal era a virtude de meu rabino Nicodemos e às vezes sua autoridade se apartava da letra da lei e nos havia dito a que um pecado em segredo é um duplo pecado, porque há mentira e covardia nele, e o escândalo ante os olhos do Senhor é sempre maior que o que se faz ante os olhos dos homens.

E este rabino de Nazaré me disse:

“O rigor da lei corresponde sempre ao que se oculta no coração humano, Judas. Não o esqueças para que aprendas a julgar com justiça. Por seus juízos conhecerás os corações dos homens. Mas meu Pai, que está nos céus, misericórdia quer e não sacrifícios, quer um coração faminto de seu amor e sua sabedoria ainda que seja um pecador, pois às vezes a virtude isolada do Bem pode ser pior que o próprio Mal”.

Este rabino destruía a lei e as interpretações dos doutores da lei e me escandalizei; mas em meu coração havia dita, porque suas palavras brotavam de onde eu não me atreveria a nomear nem nos meus mais piedosos sonhos. E este homem falava sem nunca

referir-se às escrituras como faziam os eruditos e ainda os sábios de Naim em cujos pés também havia-me sentado.

“O Pai a nada julga, mas deu todo o juízo ao Filho. E não tenho vindo para julgar os homens, mas sim para dar testemunho da verdade, me disse. Há quem julga os homens e muitas são as formas de adultério e o desta mulher quiçá não seja porque há fornicções que abominam meu Pai que está nos céus. E quando cheguem a quem os julgue dizendo que tem retirado demônios e tem feito muitas coisas em seu nome, eu lhes direi nessa hora: ‘Afastai-vos de mim, obradores de maldades’”.

Estranhas palavras, estranho saber que me inquietava.

“Vens comigo, Judas?” me perguntou começando a andar.

E eu o segui.

Não sabia até então, mas a partir desse dia tenho andado sempre com ele de geração em geração, porque nosso destino estava unido desde o começo dos tempos.

Disse-me muitas coisas insólitas; mas tudo no seu devido tempo.

Pois a alma do homem sobe despregando suas asas pouco a pouco, à medida que a luz se expande nas trevas.

Muitas vezes quis perguntar-lhe o que havia feito comigo aquele dia no pátio do templo, diante da mulher adúltera, pois às vezes vinham a Jerusalém magos caldeus que demonstravam suas perícias, mas meu rabino Nicodemos nos havia afastado deste caminho; agora, este rabino de Nazaré dizia palavras de sabedoria sem apoiar-se em escritura alguma, mas tinha um poder superior ao daqueles magos que atraíam discípulos para sua estranha ciência.

“Quando o homem tem fome, pode converter as pedras em pão” me disse. “Mas eu tenho um pão que saciará toda a fome e uma água que acalmará toda a sede. E a quem queira comer eis aqui que lhe dou, e a quem queira beber eis aqui que lhe digo: beba. Porque mesmo nas pedras encontrarás o Verbo de Deus”.

“Quero de tua água e de teu pão, rabino”, lhe disse, sem poder me conter.

“Eu sei”, me contestou.

“Quem és, rabino? Só um homem do céu, verdadeiro, pode dizer e fazer as coisas que tu dizes e fazes. Não há o temor de Deus em teu coração?”

“Não Judas; não há temor em meu coração. Meu Pai que está nos céus é o único Deus e sua bênção é de amor. Quem a mim me ama, amará a Ele, e Ele o amará em mim. Não tenho vindo para ab-rogar a lei ou os profetas, senão a dar-lhes cumprimento. O temor oculta-se somente em um coração incerto, um homem assim nubla o seu entendimento sobre o Reino dos Céus. Mas é necessário que assim seja no começo até que o homem aprenda a ver a luz de seu próprio coração e a ouvir com a voz de seu amor. Por isso digo que o Pai, que está nos céus, misericórdia quer e não sacrifício. E o que é um coração misericordioso senão um coração pobre no amor próprio e anelante do amor de Deus?”

“Sancionas por acaso o mal, rabino?”, lhe perguntei.

“Há aqueles que falam sobre o bem e o mal, mas nada sabem da vontade do Único Bem e por isso precisam de juízos e condenações. Mas se nossa justiça não fosse superior à deles, seríamos muito pequenos no reino dos céus. Tão perfeito é o amor do Pai que faz que seu sol abrigue por igual a justos e pecadores. Assim é preciso que seja a nossa perfeição pois tal é a misericórdia. Como explicar o inexplicável? Qual orvalho silencioso ao amor de Deus move aos homens de diversas maneiras e tudo o quanto anelo em seu serviço é ensinar o homem a receber por si mesmo a bem-aventurança. Só mostro um caminho pelo Espírito Santo, para que o homem aprenda a julgar com justiça”.

Muito sutil era a diferença que este rabino traçava entre os homens, mas não me atrevi a perguntar mais e continuei aos seus pés.

Poucas oportunidades tive para falar a sós com ele desde esta vez. Estava aqui, estava acolá, e onde quer que fosse, sempre se formava uma multidão em torno dele e ele falava em parábolas e anunciava o Reino dos Céus. E com os demais homens, impuros como eu, que lhe seguiam como discípulos, costumava falar a portas fechadas e eles saíam com o rosto iluminado ou seriamente preocupados. Mas quando quis falar-lhes das palavras e feitos de seu rabino, todos guardavam prudente silêncio.

Um dia o rabino me disse:

“Vens comigo, Judas?”

“Rabino”, lhe disse, “Meu coração está em ti, mas me pesa muito deixar meu rabino Nicodemos”.

“Não haverás de deixá-lo”.

“Como posso entender tuas palavras se dizes “vem comigo” quando estás de saída mas, ao mesmo tempo, me dizes que não devo deixar meu rabino Nicodemos? Como isso é possível?”

“Se pudesses ter um pão e uma água que acabasse com a fome e acalmasse a sede de todos os tempos, guardá-los-ias somente para ti?”

“Tu bens sabes que não”.

“Então, Judas, segue-me. Eu sou o caminho, a verdade e a vida e partirás o pão que eu te dou com teu rabino Nicodemos, pois quem está em mim, em meu Pai está e o amor de meu Pai oculta-se nele, porque meu Pai e eu somos uma única coisa. Vens comigo, Judas?”

“Vou, rabino”, lhe disse.

Mas em meu coração houve um pranto amargo, e naquela noite me despedi de meu rabino Nicodemos. E ainda que não me dissesse, adverti em seu olhar a ânsia oculta de recordar o fio que corre escondido de geração em geração, e que o rabino Nazareno dizia que era o Reino dos Céus e que ‘esse reino está em vós mesmos’.

6

Grandes e belas coisas nos disse meu rabino Jesus, durante aqueles meses que vivemos com ele, sem outro lar que o amor ao Pai que está nos céus. E junto dele aprendemos aquilo que é o mandamento de buscar primeiro o Reino de Deus e sua Justiça, e muito nos foi dado por acréscimo.

Meu rabino curou enfermos, deu visão a cegos e limpou leprosos.

“Onde está teu poder, rabino?”, lhe perguntei um dia.

“De mim mesmo nada posso fazer”, me respondeu.

Sua palavra era breve e sua austeridade não era severa. Em algumas coisas o peso de seus mandamentos era maior que o peso da lei de nossas tradições, e em outras era mais leve.

Grandes e belas coisas nos disse debaixo de céus estrelados e debaixo da luz do sol!

Grandes e belas coisas que o homem já tinha esquecido. E haviam escribas que anotavam tudo o que ele dizia, mas não anotavam o que ele dizia somente para nós.

Um dia relatou a parábola do traje de bodas, agregando que a quem tem lhe será dado e terá ainda mais e a quem não tem ainda o pouco que tem lhe será tirado. Perguntamos

como um homem poderia fazer este traje e ele respondeu que havia somente uma resposta para estas perguntas:

“Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.

Este era o mandamento principal, e nos urgia a cumpri-lo em nossos atos, em nossos pensamentos, em nossos sentimentos, e agregava:

“Se isto não sabeis cumprir, vos estará vedada a vigília da verdadeira oração”.

E acrescentava:

“Velai e orai para que não caíeis em tentação”.

E aos poucos a dúvida nos inquietava e ele então nos explicava:

“Não podereis velar sem orar, e não podereis orar sem velar”.

E quando havíamos escrito a Oração do Senhor, o Pai Nosso, nos urgia a desentranhar o significado de cada uma das suas palavras porque nosso propósito era de Santificar Seu Nome em todas nossas ações no mundo, porque sem esta santificação a lei de Deus seria coisa morta.

“Ao orar, não perdeis o fio secreto de vosso mais íntimo pensamento. E não angustieis por vossas necessidades porque o Pai que está nos céus sabe o que haveremos de precisar mesmo antes de pedirmos. Pois ELE também deu vossas necessidades”.

Durante muito tempo permaneceram obscuras estas palavras e entre nós ocorriam freqüentes disputas sobre seu significado e sobre a glória que haveríamos de encontrar nos Reinos dos Céus. Pois nosso rabino lia em nossos corações e costumava dizer-nos:

“Não julgueis para não serdes julgados, pois com a medida com que julgardes sereis julgados. Tudo o que é dado ver por fora é somente um reflexo do que se oculta em vosso coração e o mundo e os homens são o que sois vós”.

Muitas palavras se espargiram entre as pessoas, porque meu rabino falava e dizia segundo o que lhe perguntavam, mas nem todos podiam entender-lhe. Um dia disse:

“Bem aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra, e bem aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados”.

Então ocorreu que vieram homens dos fariseus, mas meu rabino não quis falar com eles e alguns de nós discutimos sobre o significado que eles buscavam nestas palavras. Mas o significado delas estava oculto no coração de cada qual e o anelo de justiça havia de ser o anelo de ser justo mais que o de receber justiça.

Pelos povoados sempre haviam enfermos para serem curados, possesores para serem aliviados. E aos poucos encontrávamos neles escribas de todas as partes do mundo que anotavam com grande zelo as palavras de meu rabino. Foi então que ele nos disse:

“Guardai-vos da levedura dos fariseus. O reino que vos falo não é deste mundo e eu tão só tenho vindo para mostrar-vos o caminho e dar testemunho da verdade”.

7

De noite meu rabino velava de joelhos enquanto nós dormíamos.

Algumas vezes me levou com ele nas colinas e me falou de suas aflições. Porque sofria, e aos poucos dizia, suspirando como preso de grande dor:

“Grande é a messe, mas faltam ceifadores”.

E me explicou muitas coisas que até então não havia explicado aos demais. E quando lhe perguntei porque me isolava dos demais, me disse:

“Eles dormem com o coração tranquilo porque encontraram parte do que buscavam, mas tu Judas, não tens encontrado a tua, e teu cálice será amargo de beber, mas tua glória

será grande nos céus. Mas eis que aqui desabará sobre todos nós uma grande tormenta e haverá inquietudes nos corações tranquilos, mas o teu será sacudido em sua solidão e encontrarás paz somente no gozo do Senhor quando se tenha cumprido a lei. E quando tudo tenha passado, ressoarão minhas palavras, no final dos séculos, pois tudo passará, mas elas não passarão”.

Estas obscuras palavras de meu rabino produziram em mim longas noites de agonia, pois através delas começava eu também a entrever o destino. Foi pouco tempo depois que anunciou a todos:

Acaso não fui eu que vos escolhi e ainda assim um de vós é diabo?

8

Todos anelávamos ver-nos livres da opressão da Roma Imperial, mas meu rabino nos falou de uma opressão pior que a de Roma, a opressão das trevas de fora onde sempre há choro e ranger de dentes, e acrescentou que poucos eram os que podiam compreender estas palavras.

Nosso rabino não tirava palavras da Torah senão de seu próprio coração, e passou um tempo antes que eu pudesse entender porque ele nos dizia os mandamentos da lei e acrescentava: “Mas eu vos digo”. Com isso supria aquilo que faltava nas palavras da Torah e todos os dias produzia em nós o entendimento vivo, feito sangue e convertido em carne em nós. E em alguma oportunidade nos disse que a letra das escrituras é coisa morta, como era a filosofia dos escribas gregos que costumavam visitar-nos e ouvir meu rabino, e que só tinham vida quando o homem ia da morte à vida, por amor. Os doutores da Lei e os escribas ajustavam tudo à Torah e eis que seus corações estavam secos e apergaminhados como o papel em que estavam impressas as suas escrituras. E por esse motivo chegou o dia em que muitos deles começaram a murmurar dizendo que meu rabino andava por caminhos de pecado. E até então o coração dos doze que lhe seguíamos se turvou mais de uma vez.

Meu rabino também nos dizia do ir de vigília em vigília gradualmente, sempre orando no secreto de um coração ardente, porque este despertar gradual precedia a morte do efêmero, sem o qual não há vida eterna possível. Nos dizia que sem essa morte não há nem amor nem regeneração. E falava também daquilo que havia dito Moisés aos nossos pais, daquilo que nos era inacessível, porque era o Reino de Deus e que estava à flor da pele, dentro da pele e no mais oculto dos ossos e em todas as nossas entranhas, mas principalmente em nosso coração e em nossa boca.

E na verdade está tão perto de nós que porventura por isso mesmo não o possamos advertir.

Mas eu o encontrei e soube que era.

E quando assim ocorreu, caí prostrado aos pés de meu rabino, e lhe disse:

“Rabino, rabino, louvado seja teu nome pelos séculos dos séculos”.

E ele respondeu:

“Judas, jamais o esqueças e assim ocorrerá que com o tempo o homem também poderá entendê-lo e o saberá e o viverá, pois lhe será dado penetrar no sentido de que EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA”.

E olhando-me nos olhos, me disse com uma voz profunda:

“Eis que tenho convertido água em vinho. Mas virá a hora em que o diabo converterá o vinho em vinagre”.

E jamais esqueci estas palavras. Por isso é que agora posso escrevê-las em teu coração com letras de fogo, para que a ti seja dado a saber e conhecer como Deus está no céu, na terra e em todo lugar e como o homem pode estar com Deus no coração.

E aquilo que era o mais íntimo de mim mesmo, o mais real, ainda mais que o meu próprio nome, não era só meu corpo; era e não era; meu corpo não era senão a morte na qual o amor o despertava para a vida. E de meu próprio corpo devia partir no caminho do regresso. Assim também as pedras no deserto, como tudo no Universo, estavam impregnadas de Deus pelo Verbo, mas para o homem nem tudo era Deus ainda quando Deus é tudo.

De modo que quando nosso rabino nos disse que se nosso amor por Deus nos trouxesse padecimentos e lágrimas na terra, sinal era de que o oposto, o céu, se encontrava muito próximo de nós, e que isso seria nossa consolação, pois todo aquele que chora tem consolo, segundo seja o que motiva suas lágrimas.

E assim pudemos entender a parábola do Filho Pródigo, pois todos nós começamos a sê-lo. A partir deste dia compreendi e venerei a Maria, a prostituta de Madalena, e ao publicano Levi, pois era evidente que neles também a morte despertava para a vida por amor, assim como a João seu amor por meu rabino o havia livrado de caminhar por nosso vale de lágrimas.

E em nossos corações houve grande regozijo.

Mas no fundo do meu peito continuava ardendo uma secreta inquietude e grande era o meu anelo de dar do que era meu para meu rabino Nicodemos e aos demais anciões do Sanedhrin.

Assim também compreendi que as medidas de uma vigília não podem ser as mesmas de uma outra. Porque na vigília o ser verdadeiro cresce e cresce, e se transforma até que o prazer e a dor deixam de ter realidade e se convertem somente em formas agudas de uma mesma substância. E no homem há seis modos de vigília, seis maneiras de obrar. Umas são obras do Pai, outras são obras do Filho, outras do Espírito Santo e também há as de Satanás, e em todas elas se encontra a vida, o amor e a morte.

E soube que quem desperta no caminho da regeneração, vai de uma a outra vigília e assim compreende que de nada vale ao homem ganhar a terra se com isso vir a perder a alma. E que Deus Pai Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra, para ele deu potestade à Comunhão dos Santos por seu Espírito Santo, para o perdão e a remissão dos pecados para que os pecadores levem também em si a vida eterna na eterna vigília, amém.

E assim como a alma vai se forjando pouco a pouco de uma vigília à outra, assim também as forças que a integram vão se perdendo pouco a pouco para aquele que esquece o Espírito Santo. Nada se ganha de uma só vez, nada se perde de uma só vez. Tudo depende de como o homem anda na infinita ronda na que Deus existe indo da vida, por amor, à morte e como o homem sabe de sua existência indo da morte, por amor, à vida.

Por isso é que meu rabino falava em termos de comércio e dizia ‘ganhar’ e ‘perder’, porque para tudo há que se pagar um preço, e quando se lhe paga sabe-se que é aquilo que é o infinito e que anda e anda na eternidade.

Também dizia que somente podem sanar-se aqueles que sabem que são enfermos.

E quando as multidões de mendigos, enfermos e pobres lhe assediavam, ele costumava dizer:

“Olha esta geração e nela vede como se tem escravizado à sua própria cegueira. Ama a sua dor e ama seus males. Me dizem: ‘Dá-me, dá-me, dá-me’ sem sequer atrever-se a suspeitar que aquilo que me pedem levam em si mesmos e por direito próprio. Mas só

sabem pedir não sabem receber. E são avaros, ainda quando nenhum deles é culpado da sua sorte. Mas vós, que podeis ver, cuidai-vos muito de confiar naquilo que não emana de vosso próprio coração, porque em meu caminho somente anda quem queira dar. A estes outros no entanto se lhes der me seguirão. Mas se lhes dissesse.: ‘Despertai para que aprendeis a dar’, me apedrejariam. E dia virá em que me apedrejarão”.

E se afastava da multidão, mas seu coração permanecia com os pobres, ainda que tivesse reparos a fazer deles:

“Quanto pecado e quanta iniquidade há naqueles que fazem da pobreza um meio e evitam a senda da alegria. Por isso eu os digo hoje: poucos são os verdadeiramente pobres, miseráveis são muitos. E tão miserável é aquele que se revolve em meio à sua riqueza como quem se regozija em meio à pobreza. Porque o pobre que faz uma profissão da sua pobreza é um ladrão que rouba o amor que se oculta no coração piedoso. Um verdadeiro pobre é grato ao coração de Deus e se fará rico, pois se fará livre até do desejo da pobreza. E haverá muitos ricos a quem lhes serão abertas as portas do céu porque não se revolvem em seu seio, e haverá muitos pobres que serão lançados ao inferno, onde há choro e ranger de dentes”.

Estas estranhas palavras sacudiram nossos corações, mas nosso rabino nos disse ainda mais:

“O que o homem tem não é do homem, senão de Deus. E a Graça de Deus chega aos homens pela Comunhão dos Santos, as sete potestades que estão à direita do Pai. E uma delas escraviza ao homem, afastando-o de sua vigília íntima e é a tentação cuja origem sempre é o esquecimento do santo e sagrado. Por isso muitos são os chamados e poucos os escolhidos. Aqueles que escolhem a recordação da íntima divindade, esses serão os escolhidos, pois para eles o juízo do Filho não será prejudicial”.

9

O destino do homem se tornava mais claro em meu entendimento. E, numa noite, numa solitária colina, enquanto os onze dormiam, aproximei-me de meu rabino para que me dissesse o sentido de suas palavras quando anunciou que haveria tribulações em mim.

“Não temas, Judas”, me disse. “Tu também me acompanharás e me ajudarás no caminho da regeneração para que outros também sejam salvos. Eles, disse estendendo sua mão para os onze que dormiam, “encontraram sua alma e há paz em seus corações. Tu, ao contrário, haverás de perder a tua antes de encontrá-la. Ainda não podes compreender o sentido de minhas palavras, mas eu te prometo que um dia compreenderás e então também haverá paz em teu coração e tua tarefa não será tão difícil”.

Essa noite meu rabino me abençoou de uma maneira estranha.

Perguntei-lhe se profetizava o mesmo para todos, e ele respondeu:

“Não, Judas, porque meu reino não é deste mundo. Se fosse, há muito tempo sobre minha fronte levaria uma coroa ainda mais esplêndida que a de Salomão. Mas tu me verás coroado como o mundo coroa a todo Filho de Deus. Chorarás esse dia, mas teu caudal de lágrimas será como uma corrente oculta nas profundezas das águas dos rios, e que conduz a uma fonte mais além dos cumes das montanhas, ao invés de conduzir ao mar. Por essa corrente vives e por essa corrente servirás para que outros também remontem ao rio dos destinos”.

A inquietude que me produziram estas palavras foi um impulso que me lançou a insondáveis abismos, e novamente senti aquilo que havia sentido com as palavras de meu rabino Nicodemos, aquele vagar perdido como de uma criança que chora quando se vê abandonada sem peito materno para receber vida e amor. Meu rabino me observava em silêncio, e havia grande ternura em seu coração, e me disse:

“Logo terás de voltar armado de espada para o mundo dos homens. Irás como um recém nascido, mas não temas o juízo dos homens, porque tua vida será a vida do Pai que levanta os mortos. E recorda que o Pai a nada julga, mas deu todo o juízo ao Filho. Tampouco temas àqueles que matam o corpo, mas teme a quem pode destruir a alma”.

Recordei então meu rabino Nicodemos e suas reflexões, e fiquei pensando por um instante nele, nas palavras que há muito tempo não ouvia, e disse:

“Rabino, rabino, tende piedade de mim, o mais aflito de todos os seus discípulos. Assim como o Pai dá vida e levanta os mortos, e assim também como o Filho aos que quer também dá vida, assim a ti te declaro Filho de Deus, o Cristo vivo, e te suplico dês vida e acalmes a agonia de meu rabino Nicodemos”.

Guardei silêncio e meu rabino também.

* * *

Então uma grande luz, como jamais o homem poderá imaginar, envolveu-nos aos dois.

E ouvi grandes palavras de verdade faladas no Reino dos Céus.

E me prostrei aos pés de meu rabino, e exclamei:

“Já sei quem és!”

* * *

Mas meu rabino pôs sua mão sobre meus lábios, me olhou ternamente e me disse:

“Judas, bem amado de meu coração. O que tens visto, cala-o por enquanto, porque não há chegado ainda a minha hora. E é preciso que se cumpra o destino e tu me ajudarás nele”.

E me disse muitas belas e formosas palavras de verdade, sem pronunciá-las; e todas se gravaram em meu coração”.

Depois, falando com a boca, me disse:

“Não temas por Nicodemos. A ti te foi dado conhecer coisas do céu que Nicodemos ainda não pode compreender. Porque não trago paz, Judas, senão espada. E quem de mim recebe a espada e faz guerra em si mesmo, esse será salvo porque velará. Não há inimigos da vida, só inimigos do homem. E assim será também salvo Nicodemos, quando tenha a espada e não necessite mais dela. Assim é contigo. Então tu acalmarás as águas e declararás aquilo que o Pai coloque em tua boca nesse instante, pois não serás tu quem fala, senão o Espírito do Pai que falará em ti”.

E compreendi o que o meu rabino queria.

E houve também lume e luz em meu coração, e soube que eu também tinha que dar a espada, e que a espada dá guerra ao que está em paz, mas dava paz para quem estava em guerra.

E louvei ao Pai que está nos céus, e a seu Filho Unigênito, que era meu rabino Jesus.

Então ele me disse:

“Judas, sê ingênuo como a pomba e prudente como a serpente”.

Mas a minha espada não era como a de meu rabino; eis que em vez de cortar as amarras com que os pés dos homens se agarram às trevas de fora, a minha haveria de cercear o fio com que a alma se sujeita à luz.

E elevando os olhos para o meu rabino assim lhe disse. E vi em seu rosto duas lágrimas que brotaram em seus olhos, e então me beijou com amor e me disse:

“Judas, eis que te chamo meu amigo, mas o mundo dificilmente compreenderá que o és em espírito e verdade. Mas é chegada a hora em que te lave os pés, pois aquilo que é necessário, que cumpras logo, e de duas maneiras se faz: sabendo tudo e porque, ou ignorando o serviço. E o homem sempre preferirá ignorar a verdade e verá somente um aspecto de Deus, e em seu extravio crerá que o há conhecido de todas as maneiras. Mas tu e eu cumprimos agora como é preciso que se cumpra toda a justiça do Pai. Bem-aventurado quem possa entender o que agora se oculta em seu coração, Judas”.

De meus lábios brotou o reflexo de luz que ali havia, e respondi:

“Bem-aventurado tu, meu rabino, filho de Deus. Porque tu és o ‘sim’ e eu serei o ‘não’ para o homem. Eis aqui que te vejo como a luz que dissipa as trevas e serei teu reflexo nas mesmas trevas, para que os homens saibam que caminho seguir, que caminho evitar, na alma à luz de teu amor, de onde brota a chama do fogo de meu zelo”.

Meu rabino me olhou novamente e me disse:

“Em virtude de teu zelo muitos poderão compreender que eu sou o caminho, a verdade e a vida e não me rechaçarão”.

Novamente sua graça voltou a iluminar meu entendimento e acrescentei:

“Mas eu sou o deserto, a ilusão e a morte, e muitos a mim virão”.

* * *

E uma vez mais nos envolveu a luz, e nela conheci o terrível mistério oculto nas palavras comumente repetidas por meu rabino:

“O Pai a nada julga, mas deu todo o juízo ao filho”.

E tremi de terror.

* * *

Pois o homem sabe isto mesmo na sua ignorância, e por isso havia vindo a nós nosso rabino Jesus, para indicar-nos o caminho, a verdade e a vida.

Porque no coração humano jamais surge uma inquietude a menos que a consolação esteja pronta, e não há anelo que não esteja florescido ainda antes de nascer.

E neste instante se formulou em meu coração o voto de amor para o homem do mundo. E entendi a minha missão, aquela que a Graça de Deus me indicava no amor para meu rabino e que meu rabino havia semeado em meu peito. E quando minha alma se abateu e de meus olhos brotaram abundantes lágrimas, olhei para seus olhos e assim lhe supliquei:

“Rabino, rabino de meu coração. Eis que vejo chegar a noite e como haverei de perder-me nas trevas para que o homem seja salvo. Afasta de mim este cálice se assim é tua vontade e a de nosso Pai que está nos céus e ajuda-me a sobrelevar a agonia que me espera”.

Minhas palavras se afogaram no desespero que sentia. E ao elevar novamente meus olhos para ele, vi-o chorando em silêncio, mas com amargura. Pois em seu coração havia mais dor que no meu. Ao cabo de um instante, na solidão da noite, suas palavras brotaram

como um murmúrio cujo consolo ocultou-se em mim até que se fez a noite de minha alma e chegaram a ela as trevas. Disse-me:

“Judas, eis que em nome do Pai te prometo que nesse momento retirarei o aguilhão da dor em tua inteligência e somente te iluminará o fogo do teu zelo. Para que em virtude dele te seja passado o cálice da agonia que haverás de sentir quando chegue nossa hora. E no mais recôndito de ti mesmo saberás que nem mesmo o Pai te julgará e que meu juízo será juízo e não condenação. Pois o que é preciso que faças o haverás de fazer por mim e pela vida do homem”.

Compreendi então que meu rabino e eu estávamos unidos na eternidade. Que onde quer que ele fosse ali estaria eu também. Eu nele e ele em mim. Porque até então havia falado sempre de sua hora, e eis que dizia nossa hora.

E assim foi, assim é, e assim sempre será para quem não tenha olhos nem ouvidos.

E por isso ele acrescentou:

“Mas o tempo ainda corre, e nele nossa existência”.

Quisera eu agora iluminar em teu coração a verdade das coisas, não foi a minha vontade senão a do Pai e de meu rabino o que foi feito naquela fatídica noite. E por isso também aconteceu que no dia da Páscoa se urdiu a trama de tal modo que minguiu a luz de meu zelo e só ficou brilhando o fogo. Mas nem tudo foi manifesto e ainda não o é completamente. Para mim as trevas que haviam de ser, chegaram no mesmo momento em que meu rabino, compadecido de minha dor, insuflou a parte do esquecimento.

Pois do mesmo modo que o homem necessita da luz de meu rabino para direcionar seu caminho ao Pai, assim também precisa da luz do meu zelo para não se ferir nos perigos do deserto. Porque é meu rabino que ilumina o caminho que leva à plenitude de Deus, e eu sou quem o ilumina na aridez na qual gira e gira na eterna roda de ilusões quando unicamente lhe arrasta seu zelo. Bem aventurado quem possa seguir meu rabino sem ouvir a minha voz; bem-aventurado quem escuta minha voz e nela reconheça também o meu rabino porque somente assim poderá entender que não é possível servir a Mamom com a Graça de Deus.

A luz de meu rabino havia-me feito compreender que quando há luz e lume no coração do homem, este será advertido que há caminho porque há deserto, que há verdade devido à ilusão, e vida em virtude da morte. Pois sendo criatura de Deus, semelhante é a Deus. Mas somente há caminho para quem sabe que está no deserto, e verdade para quem sofre a ilusão. Assim também há vida para quem reconhece a morte em si mesmo e morre e renasce na sua íntima vigília, orando. Eis que o homem sente a aridez do deserto pela graça do caminho e reconhece a ilusão à luz da verdade pois se o homem não conhecesse a luz desde o começo dos tempos, como haveria de reconhecer as trevas?

E porque era a sua luz a qual me permitia ver, meu rabino sabia de meu entendimento e me disse essa noite:

“Todavia hás de ver mais, Judas”.

10

E pela terceira vez nos envolveu a luz.

E nela meu rabino conduziu meu entendimento aos pés do nosso Pai que está nos céus.

E vi-o sentar-se à direita de Deus.

E eu fiquei à esquerda.

Mas o Pai, meu rabino e eu fomos uma só coisa nesse instante.

*

*

*

E ante meus olhos se desdobrou a vida multiplicando-se nos atos de meu rabino, pois junto a toda a vida brilhava mais plena a vida do homem. E nessa plenitude os feitos de meu rabino viriam a ser os atos de muitos homens; também os meus atos já estavam multiplicados.

Assim como isso era a trama oculta de todo o mundo assim também era a trama oculta na vida do homem em si mesmo.

No homem, como no mundo inteiro, todo o princípio do Pai no coração humano é precedido da voz da consciência, a voz do anelo do Bem. E essa era a voz de João Batista que endireitava os caminhos do Senhor. E tinha discípulos no mundo e no homem; uns ouviam e outros não podiam fazê-lo. E assim como João Batista refletia e anunciava uma luz maior, assim também havia sido e sempre será o nascimento do caminho, da verdade e da vida no homem. Porque meu rabino tinha nascido de uma parente do Batista. Do mesmo sangue eram os dois. E eu, nascido nas longínquas terras de Kariot, era nascido de outro sangue.

Tudo quanto vinha à luz de meu entendimento, se multiplicava em milhões de formas distintas, mas era somente a vida do Pai urgindo para que o homem também tivesse uma compreensão dela.

E essa compreensão surgia da contemplação dos fatos em si mesmo, pelo homem e no homem. Pois em seus primeiros tempos aquele que é o Salvador do homem há de fugir da ira de Herodes e permanecer oculto durante seu crescimento. Pois todo ser humano leva um Herodes dentro de si, como também um Batista e um Jesus. E todo o homem sofre também a invasão de um opressor alheio a Israel, mas há de buscar o embrião de sua dor em Israel mesmo, em si. E verá aos fariseus, aos saduceus e as legiões de coxos, cegos, leprosos e mendigos estendendo a mão em busca de compaixão. E terá um publicano como Levi, uma prostituta como Madalena, e um Pedro e um João. Também um Pilatos e a mim, Judas, o homem que lhe há de vender ao mundo.

“Judas, contempla o mundo”, me disse meu rabino, “pois é a vida de Deus e nela não há nada morto, nada pode morrer. Tudo quanto é vida é Deus, e toda vida descende para logo ascender. Deus, o Pai que está nos céus, traz tudo dentro de si mas Ele não existe somente para o homem porém está em e é tudo quando é. Mas somente ao homem lhe é dado desfrutar da inteligência de sua realidade. E quando sua compreensão se abre ao Verbo vem a ser o Filho de Deus, pois para o homem no princípio é o Verbo e o Verbo está com Deus e é Deus. E a ti te digo agora, aconteça o que acontecer e faça o que fizeres, no amor do Pai serás pois agora sabes como santificar seu nome. E ainda quando acreditares um dia haver amaldiçoado seu Espírito Santo, não será tua a culpa pois uma potestade superior a ti te abrasará em seu fogo e esquecerás a luz. Tal é teu voto para que assim se cumpra toda a justiça. Pois eu hei de morrer, descer aos infernos e no terceiro dia ressuscitar dentre os mortos, pois o Pai me há dado vida para que tenha vida em mim mesmo e em virtude dessa vida do Pai tudo há de ascender comigo como é necessário que tudo ascenda até a plenitude de Deus”.

Assim ficou urdido o destino do homem por muito tempo. E nesse tecer todos fomos um fio que se multiplicou infinitas vezes no tempo.

Ocorreu que um dia chegaram “certos gregos” que também queriam subir a Jerusalém para adorar na festa. E falaram com Felipe e Felipe falou com André e ambos falaram a meu rabino.

E meu rabino e os gregos falaram em secreto. E depois meu rabino reuniu a todos para nos anunciar:

“Está chegando a hora em que o filho de Deus será glorificado”.

E olhando-me nos olhos fez-me recordar da nossa noite no monte e acrescentou:

“De certo, de certo vos digo que se o grão de trigo não cai na terra e morre, não germinará; mas se morre, muito fruto dará”.

Estas palavras ecoaram em meu coração e no meu entendimento também adverti que assim como o grão de trigo produz muito fruto se morre em boa terra, assim também a cizânia muito fruto daria na mesma terra que o trigo. Pois se vêm a luz e o fogo juntos e a chama do zelo pode ser lume e brasa. Mas meu rabino que lia em meu coração, elevou a voz e disse mais:

“O que ama a sua vida, perdê-la-á e aquele que dela neste mundo se desapegar para a vida eterna guardá-la-á. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também meu servidor”.

Guardou silêncio por um instante, e olhando a todos nos olhos nos disse sem palavras o que cada um havia de entender e fazer. E estendendo seu olhar para mim, acalmou a agitação de meu peito, dizendo:

“Se alguém me servir, meu Pai o honrará”.

“Agora estava turbada a minha alma e que direi? Pai, salva-me desta hora. Mas por isso eis vindo nesta hora”.

E novamente pude entender a que hora se referia meu rabino, pois o seu tempo não era somente o tempo de Israel nesses dias senão o tempo que havia de multiplicar-se para a glória de Deus. E nesta multiplicação, o que era agora um e divino em meu rabino, chegaria a ser muitos igualmente divinos na glória de Deus e pela graça do Espírito Santo. E nesta graça meu rabino exclamou com voz de trovão que ainda agora ressoam no mais profundo da consciência de todo ser humano:

“Pai: glorifica teu nome!”

Então todos nos pusemos de joelhos diante dele. E a luz se fez em todos e a voz do céu falou no coração de cada um vibrando com a emoção que meu rabino nos iluminava. E todos pudemos ouvir a voz do céu:

“Eis que eu o tenho glorificado e o glorificarei outra vez”.

E esta voz soa e ressoa e também se multiplica como antes se havia multiplicado em outras formas e seguirá multiplicando-se pelos séculos dos séculos. E nesta multiplicação, ocorrerá a chegada de muitas horas de luz somente quando a hora das trevas oprima o coração do homem.

A ‘multidão’ disse que era a voz de um anjo, mas meu rabino estendendo a mão sobre todos, nos disse:

“Esta voz não veio por minha causa, mas por causa de vós”.

E o milagre se fez para sua multiplicação, assim como meu rabino havia multiplicado uma vez os pães e os peixes. Pães para os famintos e peixes para aqueles que havendo provado o pão faziam votos de pescadores a fim de glorificar a Deus.

E meu rabino novamente nos disse:

“Agora é o juízo deste mundo; agora o príncipe deste mundo será lançado para fora”.
E em virtude do milagre que já se havia produzido fora do mundo, nos anunciou sua promessa para todos os tempos.

“E se eu for levantado da terra a todos trarei a mim mesmo”.

Com isso nosso rabino nos ensinou o milagre de toda multiplicação.

E cada um de nós sentiu o peso e ao mesmo tempo a glória da Lei e a Graça de Deus. E cada um soube o que precisaria fazer, pois cada um, ao seguir meu rabino, levava também a muitos dentro de si mesmo. Porém unicamente estarão com Ele aqueles que quiserem fazê-lo.

12

Então meu rabino mandou-me antes que ele para Jerusalém, advertindo-me:

“Judas, não temas aqueles que matam o corpo mas sim aqueles que podem matar a alma”.

Jerusalém estava agitada por boatos. E minha aparência não era mais a mesma de antes, pois eu havia deixado de ser um fariseu. Por isso meus antigos amigos não me reconheciam nem nas ruas nem nos templos. Mas Nicodemos me reconheceu e falamos sobre meu rabino.

Nicodemos estava inquieto pela efervescência política que havia na cidade. Herodes e os seus, como também os zelotes, esperavam a entrada de meu rabino na Páscoa para incendiar a revolta contra Roma. Mas eu expliquei a Nicodemos o que meu rabino havia-me explicado, que seu reino não é deste mundo.

Um centurião romano, amigo de Nicodemos, suspeitava de meu rabino e me interrogou com grande preocupação, pois queria orientar a conduta do procurador Pilatos. Expliquei-lhe que meu rabino ensinava a adorar o Pai que está nos céus e não a César, e ainda que o César romano também fosse obra do mesmo Pai, o Deus de Israel era o único Deus Verdadeiro. O centurião riu de minhas palavras, mas eu deixei-o em paz. Pois o meu rabino nos havia ensinado a não julgar e no milagre da glorificação do Pai para todos os tempos, preciso era que sua luz caísse por igual sobre justos e pecadores.

Mas meu rabino Nicodemos não compreendia a justiça do Pai, somente a justiça da Lei. Mas queria compreender, pois em seu coração o presságio era forte e o desejo de servir ao Senhor, poderoso. Por isso me pediu que o ensinasse o batismo com o fogo do Espírito Santo.

E recordando a luz de meu rabino, disse-lhe:

“Nicodemos, irmão. O Espírito Santo é santo porque é invisível, inaudível, impalpável fora do coração humano. Mas há a quem chega como um perfume e para outros com o sabor do leite e do mel que comeram nossos pais, aqueles que sabiam qual era a terra prometida aos judeus. Por isso não se pode explicar o que é o Espírito Santo com palavras deste mundo. Pois é imaculado, e em todas as coisas deste mundo que ele toca recebe a sua mácula. Por isso meu rabino insiste em dizer-nos: “Bem-aventurados os de coração puro, pois eles verão a Deus”. Poderia ser de outra maneira, Nicodemos ? Mesmo no entendimento de todo o pecador brilha a luz, mas nem todos os pecadores sabem que são pecadores, e por isso nem todos ousam voltar seu rosto para ela. Pois não há luz nem fogo do Espírito Santo para quem não sofre as trevas. E um coração puro há de estar vazio e limpo de tudo, salvo do anelo de Deus que Deus mesmo semeou em nossos primeiros pais. Mas é a luz que a chama, mas a chispa não é menos que a luz”.

Nicodemos pensou um instante em sua confusão.

“É preciso que a Lei seja guardada pelos anciões de Israel. Como, pois, teu rabino pretende que se semeie no coração das multidões?”, me disse.

E eu respondi:

“A Lei chega aos homens pela graça de Deus, pois antes que o mundo fora, o Pai é. Assim como meu rabino. Antes que Abraão fosse, ele é”.

“Blasfemas, Judas”, exclamou Nicodemos.

“Que a paz do Senhor esteja contigo, Nicodemos”.

“E com teu espírito”.

E tive que deixar Nicodemos, mas sabia que a luz aumentaria em seu entendimento, pois quando o Grande Sacerdote também se inquietava pelos feitos de meu rabino, em todos ardia a esperança da liberação.

Quando cheguei ao pátio do Templo encontrei Caifás. Sabendo que eu era discípulo do Cristo me interrogou:

“Quiséramos obrar com prudência, Judas”, me disse. “Mas devemos guardar o zelo da tradição para que o povo não se perca”.

Meu rabino não tem vindo para revogar a Lei ou os profetas, mas tem vindo para dar-lhe cumprimento”.

A ira tomou o seu rosto, e nela vi um reflexo daquela visão na qual todo o milagre já existia e se multiplicava. Vi nesse instante como o rosto de Caifás e mesmo seus pensamentos e seus sentimentos também se multiplicavam nos tempos que haveriam de vir.

“Pretendes dizer por acaso que não damos cumprimento à Lei?”

“Meu rabino tem dito que nem todo aquele que clame ‘Senhor, Senhor’ verá o reino dos céus, senão aquele que faça a vontade do Pai que está nos céus”.

“E como haveremos de conhecer essa vontade a menos que interpretemos a Lei de Moisés?”

“Aspirando a graça de meu rabino Jesus”.

E também o deixei.

Aquela noite, inquieto, velava orando como nos havia ensinado nosso rabino Jesus; e no meio de minhas orações ouvi sua voz vibrando dentro de meu peito:

“Jerusalém, Jerusalém! Que tendo olhos não vê e ouvidos não ouve. E toda a palavra do profeta é lapidada em ti. E assim é com o homem em seu minguado entendimento. Um dia gritará “Hosana!” e o seguinte: “Crucifica-o!” E em tudo isso há verdade, e assim há de ser. Porque na lapidação também há justiça. Pois as pedras se transformam em pão e o pão em Espírito Santo quando se cumpre com a vontade de Deus. Turvo é o meu falar, mas não é turvo meu dizer, que a luz brilhe no coração do homem para que possa abrir seu entendimento”.

Recebi consolo em minha agonia, pois vi que parte do homem era Jerusalém na multiplicação milagrosa que conhecia bem. E como havia nela uma luta secreta entre o procurador do invasor estranho e os guardiães da Lei de Deus, e como na impiedosa guerra surda entre ambos surgia a dor das multidões de seres que deles dependiam, e como, porque ambos o ignoravam, havia dor e miséria em Israel. Soube nesse momento que meu rabino entraria em Jerusalém.

E assim foi.

E poucos dias depois entrou montado em um jumento e não sobre um corcel. Vinha em tom de paz e de humildade e não em tom de batalha. Pois era necessário que o homem

fosse salvo, e somente podia ser salvo não usando violência, mas deixando-se ver somente por aqueles que tem olhos e ouvidos para ver e ouvir.

*

*

*

Anás, Caifás, o centurião romano que falava por Pilatos e vários fariseus discutiram três noites antes da festa da Páscoa. Nicodemos se opôs à violência que buscava Caifás e mandou-me chamar.

E quando havia se retirado com o centurião romano fiquei a sós com Caifás e Anás.

“Que propósito move a teu rabino, Judas?”, me disseram.

“Que o homem conheça a verdade e seja livre”, respondi.

Ambos sorriram sem ocultar o seu desprezo.

“É necessário prendê-lo”, comentou Anás.

Meu coração palpitou cheio de angústia, pois senti o poder de meu rabino urgindo-me a falar.

“Eu posso dizer onde encontrareis ao Cristo”, anunciei.

E ambos me olharam com assombro. E nesse instante compreendi como a Graça de Deus também obrara em seu entendimento, pois, mais que a meu rabino, eles queriam ao Cristo. E assim agendamos uma entrevista para a noite seguinte.

E o comuniquei a Nicodemos. E Nicodemos compreendeu, e seus olhos se encheram de lágrimas, e nelas vi sua compaixão por mim.

Sete dias antes da chegada de meu rabino a Jerusalém dormi em Bethânia, na casa de Lázaro, o ressuscitado, e comungamos juntos com Marta e Maria. E nessa comunhão chegou a nós, novamente, a palavra de consolo de nosso rabino, dizendo a cada um no recôndito do próprio coração:

“Fecharam-se seus ouvidos e endureceu seu coração para que não vêem com os olhos nem entendam com o coração, e se convertam e eu os cure”. Então soube que a multiplicação repetia a alma das coisas pois estas eram palavras de Isaías. E compreendi como os príncipes dos fariseus também anelavam e acreditavam em meu rabino Jesus sabendo que ele era o Cristo Vivo, mas temiam a ira dos donos da sinagoga porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

E tudo era como devia ser.

Pois novamente nos falou a palavra do Cristo no coração e repetiu:

“Se o grão de trigo não cai na terra e morre, ele só cai; mas se morre, muito fruto dará”.

E todos sabíamos que a vida do Senhor estava nas mãos de nosso rabino quem havia vindo a semear para todos os tempos que viriam, como antes dele haviam semeado nossos pais com a Lei e os profetas. Mas este fruto, era fruto novo. Mas nem todos podiam entender esta palavra.

13

No dia seguinte, seis dias antes da Páscoa, meu rabino chegou a Bethânia.

E os seis dias sucederam repletos de emoção e de vida. Cada dia deixou sua marca no tempo na multiplicação dos feitos, até o final.

E nosso rabino nos amou a todos, até o fim.

No quinto dia, de noite, nos levou com ele à sua ceia.

E nos disse:

“Hoje é o quinto dia antes da Páscoa. E na Páscoa meu Pai será glorificado”.

E nos lavou os pés.

Mas nem todos ficaram limpos.

E no silêncio que seguiu as suas palavras, quando havia inquietude em todos, meu rabino disse:

“Não falo de todos vós; eu sei os que tenho elegido. O que come pão comigo levantou contra mim seu calcanhar. Desde hoje vos digo, para que quando se fizer, acrediteis que eu sou. Decerto vos digo: o que recebe àquele que eu enviar a mim recebe; o que a mim recebe, recebe a quem me enviou”.

Logo, em meio à inquietude de todos, ao perguntar-lhe João quem havia de lhe entregar, anunciou:

“Aquele a quem eu der o pão molhado”.

E estendendo a mão com o pão molhado me ofereceu, e eu o recebi. E seus olhos me olharam cheios de compaixão e os meus estavam banhados em lágrimas, pois minha alma estremecia de terror.

E nesse instante meu rabino me olhou e em seu olhar colocou a memória daquela noite no monte quando me havia levado à esquerda de nosso Pai que está nos céus.

E, compadecendo-se, me disse:

“O que tens que fazer, faça-o logo”.

E traguei o bocado...

E quando o tinha tragado, a multiplicação de meus feitos ficaram gravados para todos os tempos.

E o tempo urdido nessa noite por meu rabino Jesus chegou a seu fim, porque assim é necessário para a glorificação do Pai que está nos céus.

Ao comer o pão molhado nessa noite senti cair sobre mim a barreira do tempo, e o Eterno, a plenitude de Deus que eu havia conhecido no amor de meu rabino, não estava mais em meu coração. Meu entendimento se nublou e me vi prostrado de joelhos ante a morte e temendo porque as trevas se estendiam no tempo até que a opressão que o homem sofre em sua queda lhe fizesse novamente clamar e mendigar a luz.

E Satanás falou em meu sangue com palavras de fogo:

“Esqueça a luz que foi”.

E comecei a sentir o que estava por vir.

Então senti que não era mais o dono de meu ser, mas escravo de meu futuro e sobre minha mente caíram as trevas da terra. E o que eram os reflexos do ser de luz nelas iluminaram com incontáveis sombras, e era uma gama oscilante de cores, porém em nenhuma havia a brancura original. E caí no esquecimento de meu próprio rabino e já não estava mais nele.

E não obstante, sua luz caiu ardendo em minhas trevas, mas eu não a podia ver.

Então os olhos de meu rabino me olharam e por um instante senti sua piedade em meu próprio coração, mas logo ela se converteu em ira e despeito, pois com o pão molhado se havia diluído toda a plenitude que ele mesmo me havia dado.

Acreditei, então, na morte.

E minha amargura se converteu em minha força.

E obrei. Mas não obrei de mim mesmo, pois toda a potestade me havia sido tirada para que aquele que tenha olhos veja, e que tenha ouvidos que ouça. Pois nestas minhas palavras não há uma sílaba que não diga algo, nem um verbo que não indique um tempo.

Mas nada do que é de meu rabino pertence ao tempo e suas palavras se repetem agora como em todos os tempos: ‘Meu reino não é deste mundo’.

E por mim mesmo acrescento: “Este mundo está no reino, mas não como estou eu. Aquilo que do mundo poderia ser do reino, suspenso está, pendurado de um galho, carente de plenitude, sem que o cérebro e o coração toquem o céu, e sem que os pés fendam a terra”.

*

*

*

Homem de linhagem Maia: em treze partes eis contado o que sei sobre Judas. Até a novena caminhou unido pelo amor de Jesus quem lhe lavou os pés, mas não ficou limpo de tudo, porque na segunda roda do nove vendeu o Cristo vivo ao mundo e se cumpriu a Escritura.

Pois quando Judas chegou com uma companhia e os ministros dos pontífices e dos Fariseus, Jesus lhes perguntou:

“A quem buscais?”

E eles disseram:

“A Jesus Nazareno”.

E ele disse:

“Sou eu”.

E eles retrocederam e caíram por terra.

E pela segunda vez Jesus lhes perguntou a quem buscavam, e pela segunda vez lhe disseram: A Jesus Nazareno.

E pela segunda vez ele disse:

“Sou eu; pois se a mim buscais deixem estes irem”.

Os enviados do príncipe deste mundo perguntaram duas vezes, nada mais.

E com isto também se cumpriu a escritura.

Pois os onze foram salvos.

**E, assim, o espírito permanece nos céus, e o corpo na terra.
Onde tu levas a alma?**

Fim

VOCABULÁRIO

Das palavras Maias empregadas nos livros segundo e terceiro.

AHAU – Deus, homem divino, rei, “Deus-Rei”, “Grande Senhor”.

BALCHE – Bebida que se extrai de uma árvore em Yucatán e que se fermenta. Também significa árvore escondida.

CENOTE – Poço de água subterrânea. O Cenote Sagrado existiu em Chichen Itzá e era lugar de cerimônias místicas.

COZUMIL – Pequena ilha de frente a Península de Yucatán que significa “Terra das Andorinhas”. Atualmente se chama Cozumel. Esta ilha foi indubitavelmente a sede de um seminário ou escola esotérica da cultura Maia.

DZULES – Senhores; este nome se deu aos espanhóis nos primeiros tempos da conquista.

KATUN – Época ou período da cronologia Maia. Pequeno século Maia, de 20 anos de 360 dias.

KUKULCAN – Grande instrutor divino, ‘Serpente com Plumas’ equivalente ao Quetzalcoatl nahoa.

MANI – “Tudo passou”. Também é o nome de uma famosa cidade Maia que nos tempos da conquista foi sede dos Reis Xiu e o último refúgio da civilização Maia e de sua cultura religiosa.

PAUAH – “Os que distribuem ou dispersam o jorro da vida”. Quatro espíritos celestiais.

TZICBENTHAN – “Palavra que há de obedecer”.

Sac-Nicté – Branca Flor, nossa Divina Princesa Mãe Kundalini.

Biblioteca Gnóstica

<http://www.gnosisonline.org>

Visite nosso site para conhecer e
baixar outras obras de nossa Biblioteca.

CONTATO

biblioteca@gnosisonline.org

PUBLICAÇÃO GRATUITA DE LIVRE DISTRIBUIÇÃO